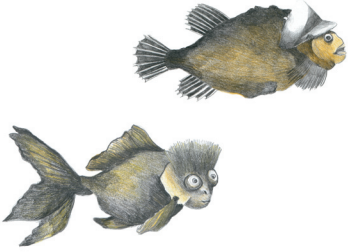
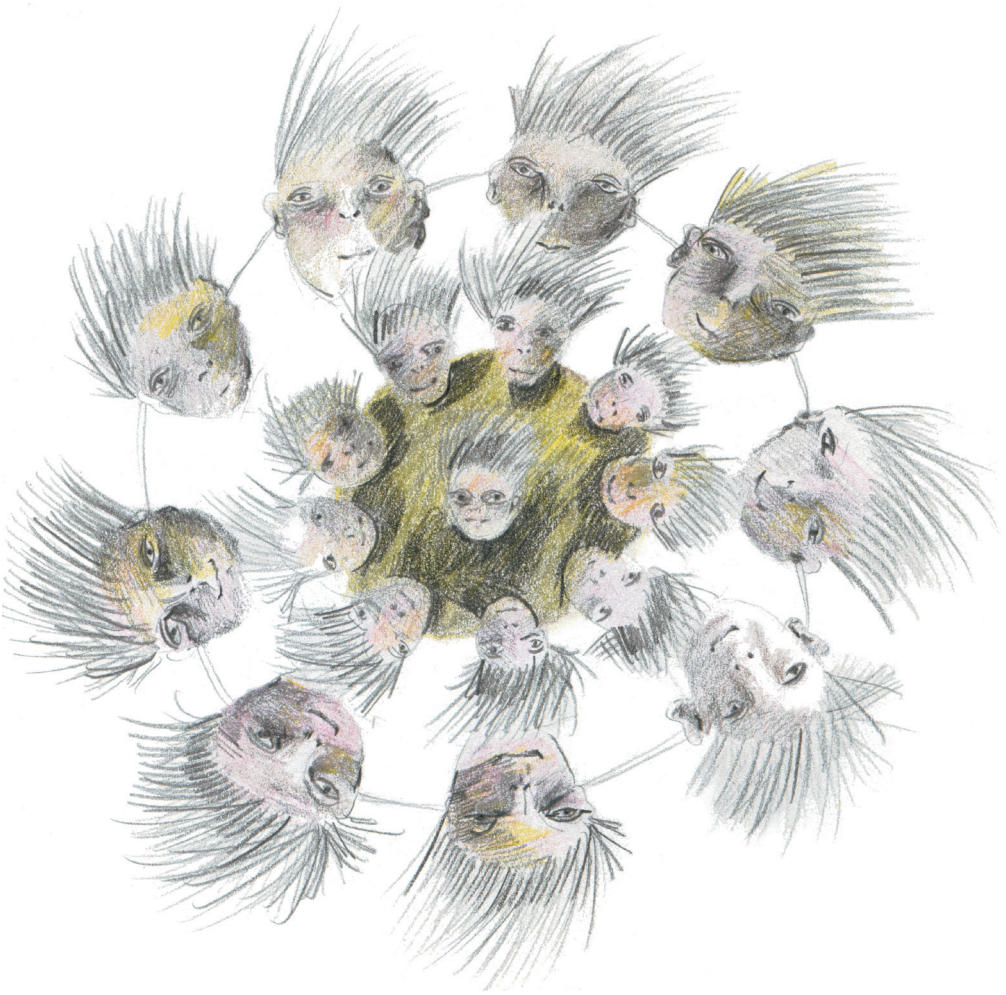
OS PASSOS EM VOLTA

ilustrado



OS PASSOS EM VOLTA de Herberto Helder

ilustrado
por Mariana Viana

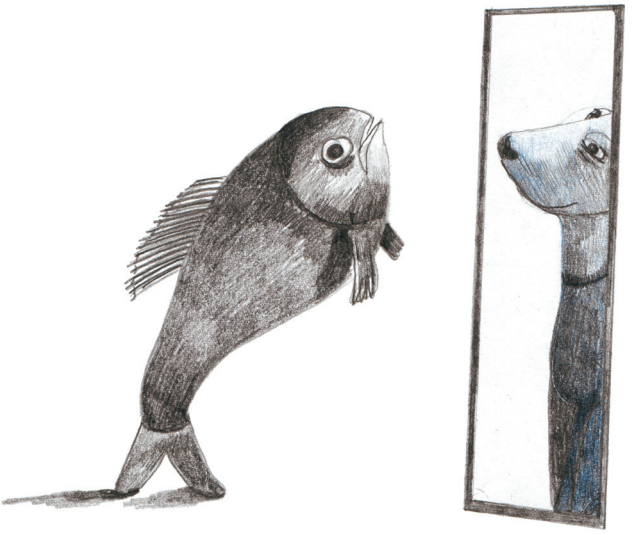


Protótipo
Mariana Viana
2011

Indíce

9 ESTILO
17 HOLANDA
25 TEORIA DAS CORES
31 POLÍCIA
41 O GRITO
53 OS COMBOIOS QUE VÃO PARA ANTUÉRPIA
61 LUGAR LUGARES
71 O COELACANTO
81 ESCADAS E METAFÍSICA
91 DOENÇAS DE PELE
101 DESCOBRIMENTO
111 AQUELE QUE DÁ A VIDA
129 COMO SE VAI PARA SINGAPURA
137 TEOREMA
145 CÃES, MARINHEIROS
151 EQUAÇÃO
159 O QUARTO
169 VIDA E OBRA DE UM POETA
177 DUAS PESSOAS
189 POETA OBSCURO
197 COISAS ELÉCTRICAS DA ESCÓCIA
207 BRANDY
211 TREZENTOS E SESSENTA GRAUS

ESTILO



— Se eu quisesse, enlouquecia. Sei uma quantidade de histórias terríveis. Vi muita coisa, contaram-me casos extraordinários, eu próprio... Enfim, às vezes já não consigo arrumar tudo isso. Porque, sabe?, acorda-se às quatro da manhã num quarto vazio, acende-se um cigarro... Está a ver? A pequena

luz do fósforo levanta de repente a massa das sombras, a camisa caída sobre a cadeira ganham um volume impossível, a nossa vida... compreende?... a nossa vida, a vida inteira, está ali como... como um acontecimento excessivo... têm de se arrumar muito depressa. Há felizmente o estilo. Não calcula o que seja? Vejamos: o estilo é um modo subtil de transferir a confusão e a violência da vida para o plano mental de uma unidade de significação. Faço-me entender? Não? Bem, não aguentamos a desordem estuporada da vida. E então pegamos nela, reduzimo-la a dois ou três tópicos que se equacionam. Depois, por meio de uma operação intelectual, dizemos que esses tópicos se encontram no tópico comum, suponhamos, do amor ou da morte. Percebe? Uma dessas abstracções que servem para tudo. O cigarro consome-se, não é?, a calma volta. Mas pode imaginar o que seja isto todas as noites, durante semanas ou meses ou anos?

Uma vez fui a um médico.

— Doutor, estou louco — disse. — Devo estar louco.

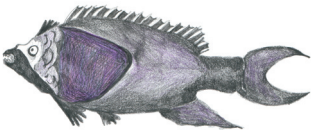
— Tem loucos na família? — perguntou o médico.

— Alcoólicos, sifilíticos?

— Sim, senhor. O pior. Loucos, alcoólicos, sifilíticos, místicos, prostitutas, homossexuais. Estarei louco?

— O médico tinha sentido de humor, e receitou-me barbitúricos.

— Não preciso de remédios — disse eu. — Sei histórias tenebrosas acerca da vida. De que me servem barbitúricos? A verdade é que eu ainda não havia encontrado o estilo. Mas ouça, meu amigo: conheço por exemplo a história de um homem velho. Conheço também a de um homem novo. A do velho é melhor, pois era muito velho, e que poderia ele esperar? Mas veja, preste bem atenção. Esse homem velhíssimo não se resignaria nunca a prescindir do amor. Amava as flores. No meio da sua solidão tinha vasos de orquídeas.



O mundo é assim, que quer? É forçoso encontrar um estilo. Seria bom colocar grandes cartazes nas ruas, fazer avisos na televisão e nos cinemas. *Procure o seu estilo, se não quer dar em pantanas*. Arranjei o meu estilo estudando matemática e ouvindo um pouco de música. — João Sebastião Bach. Conhece o *Concerto Brandeburguês n.º 5*? Conhece com certeza essa coisa tão simples, tão harmoniosa e definitiva que é um sistema de três equações a três incógnitas. Primário, rudimentar. Resolvi milhares de equações. Depois ouvia Bach. Consegui um estilo. Aplico-o à noite, quando acordo às quatro da madrugada. É simples: quando acordo aterrorizado, vendo as grandes sombras incompreensíveis erguerem-se no meio do quarto, quando a pequena luz se faz na ponta dos dedos, e toda a imensa melancolia do mundo

parece subir do sangue com a sua voz obscura... Começo a fazer o meu estilo. Admirável exercício, este. Às vezes uso o processo de esvaziar as palavras. Sabe como é? Pego numa palavra fundamental. Palavras fundamentais, curioso... Pego numa palavra fundamental: Amor, Medo, Morte, Metamorfose. Digo-a baixo vinte vezes. Já nada significa. É um modo de alcançar o estilo. Veja agora esta artimanha:

As crianças enlouquecem em coisas de poesia.
Escutai um instante como ficam presas
no alto desse grito, como a eternidade as acolhe
enquanto gritam e gritam.
(...)
— E nada mais somos do que o Poema onde
as crianças
se distanciam loucamente.

Trata-se de o excerto de uma poesia. Gosta de poesia? Sabe o que é poesia? Tem medo da poesia? Tem o maniaco Júbilo da poesia?

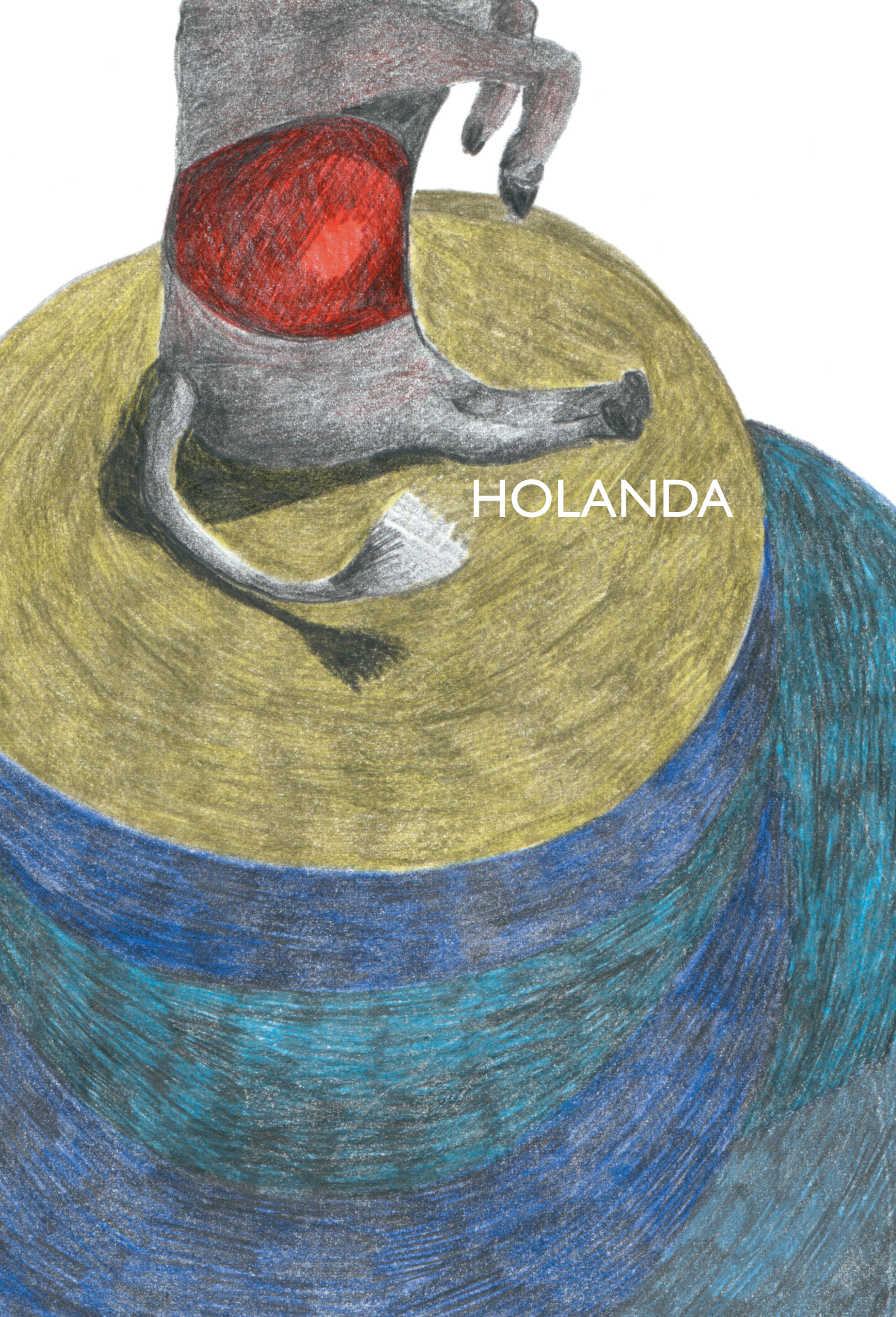
Pois veja. É também um estilo. O poeta não morre da morte da poesia. É o estilo.

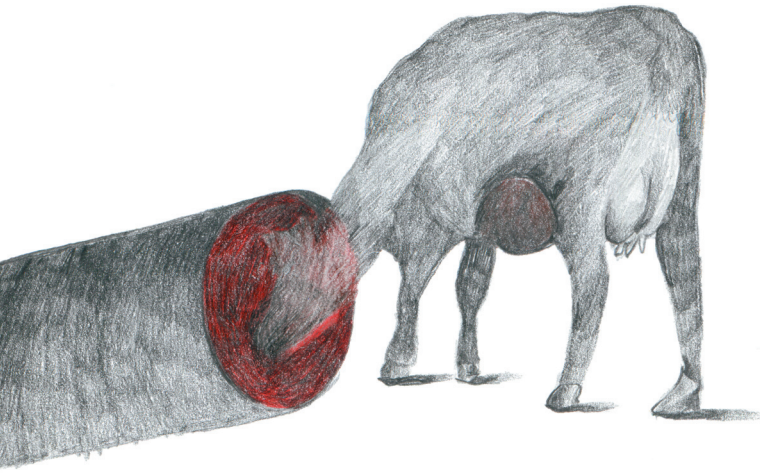
Está a ouvir como essas enormes crianças gritam e gritam, entrando na eternidade? Note: somos o poema onde elas se distanciam. Como? Loucamente. Quem suportarias esses gritos magníficos? Mas o poeta faz o estilo.

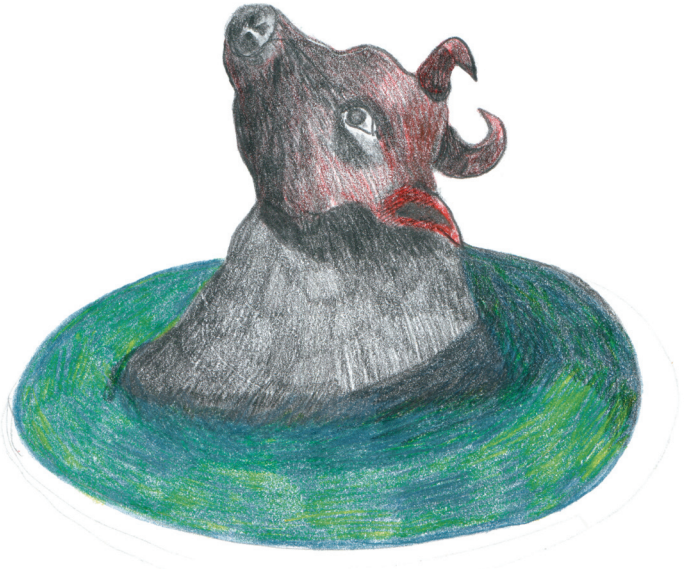
Perdão, seja um pouco mais honesto. Seja ao menos mais inteligente. Vê-se bem que não estou louco. Eu, não. As crianças é que enlouquecem, e isso porque lhes falta um estilo.

Sabe de que lhe estive a falar? Da vida? da maneira de se desembaraçar dela? Bem, o senhor não é estúpido, mas também não é muito inteligente. Conheço. Conheço o género. Talvez eu já tivesse sido assim. pratica as artes com parcimónia: não a poesia, mas as poesias. Cultiva-se, evidentemente. Se calhar está demasiado na posse de um estilo. Mas, escute cá, a loucura, a tenebrosa e maravilhosa loucura... Enfim, não seria isso mais nobre, digamos, mais conforme ao grande segredo da nossa humanidade?

Talvez o senhor seja mais inteligente do que eu.


HOLANDA





Um poeta está sentado na Holanda. Pensa na tradição. Diz pare si mesmo: eu sou alimentado pelos séculos, vivo afogado na história de outros homens. E a sua alma é atravessada pelo sopro primordial. Mas tem a alma perdida: é um inocente que maneja o fogo dos infernos. Abre-se ao fundo da sua meditação holandesa um grande lago: a solidão, e em volta passeiam vacas. A Holanda agora é isto: vacas, e — no centro — o inferno, a revolucionária inocência de um poeta sentado.

— por quem me tomam? — pode ele perguntar. — O que eu quero é o amor.

E sempre assim, sempre: cidades inexplicáveis no meio da terra ou prados imensos onde se tem medo. Prados para vacas, não para um poeta di-la-cera-do por uma tormentosa inocência.

Já não escreve poemas nem pergunta às pessoas o seu nome. Ele próprio, visto estar destinado à inteira perdição, vai perdendo o nome pelo país adiante. Agora vigia a paz devoradora dos animais, as coisas, a imobilidade. Vou partir — imagina. As cidades ardem, os campos enlouquecem. Um poeta tem de partir, repartir, repartir-se. Um poeta deve ser uno. O inferno não o deixa. Às vezes lamenta-se: Sinto-me como se tivesse percorrido o deserto; não sei nada. À noite falava baixo, conhecendo que não conhecia a protecção das coisas e a sua vida estava a ser corroída por uma vocação menos que humilde: degradante. Não servia para nada; essa era a sua mais implacável vocação.

Ficava sentado a ver os homens holandeses cuidarem dos animais e da terra e a vigiarem o céu. Os homens holandeses invocavam os poderes que se debruçavam, um pouco como holandeses, sobre o exercício humano.

Na Holanda o Demónio é negativo. O poeta sabia da irremissível solidão do demónio, e pedia por ele: Piedade para o Demónio, piedade para a solidão demoníaca.

Na Holanda é assim. O Demónio está no meio das vacas: não escreve poemas, não pode exercer os dons. Pensa, perde o nome. Quem esperaria dele que trabalhasse a terra ou protegesse as alimárias?

Pela noite fora o poeta mantinha-se o mais deitado possível, com o talento voltado para o ar, ouvindo os pequenos ruídos do mundo. E pensava: Como se atreve a terra a tamanha placidez? Ou estarei eu marcado por alguma culpa insondável? De onde descendo, que não sou amado dos holandeses nem me acalmo e participo nas tarefas?

Mas uma noite recebeu a visitação. O seu espírito iluminou-se: Tu és um homem. Sim, sou um homem — disse — mas não sou holandês. Aliás, não se compreendia bem o que fosse aquilo de ser homem.

— Para onde pensam que vou ou de onde venho? — perguntaria . Eu aspiro ao amor.

Percebe-se isto? Holanda, Holanda, país conquistado às águas! (Não é assim que se diz?). Holanda erguida devagar ao concreto. Entretanto o poeta

abisma-se no espírito demoníaco e invoca uma protecção obscura — piedade — para o Demónio.

Pensa furiosamente na tradição, e toda a sua memória está corrompida por uma ardente e desordenada tristeza. O sangue é negro desde a raiz. Porque ninguém sabe onde a corrupção completa a inocência.

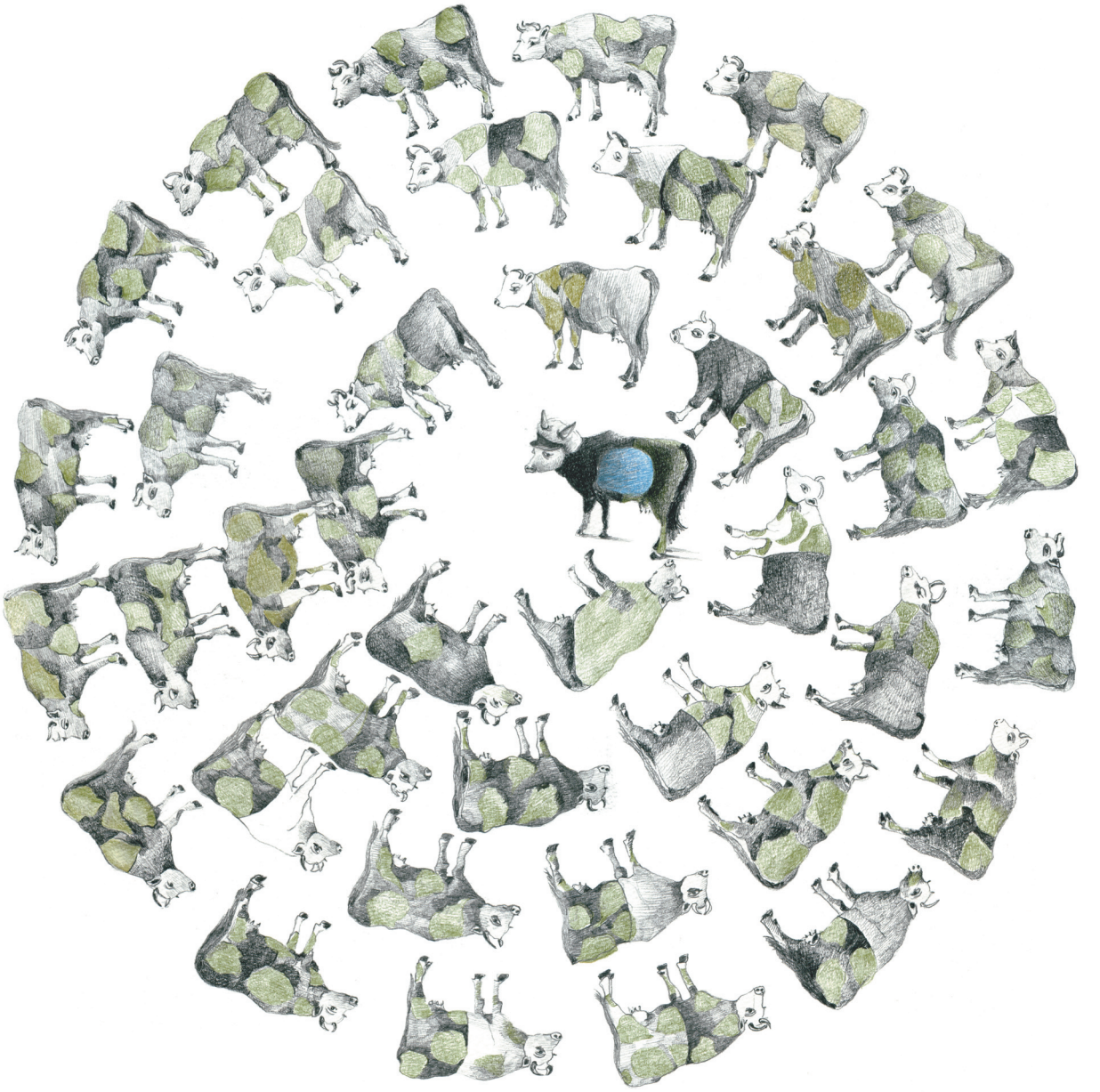
O quarto fica sobre uma loja onde se vendem leites, natas, queijos, cremes. Tudo isso é gordo e branco. Ele desce as escadas, pára em frente da leitaria. Que é isto? — pergunta. Refere-se a Deus, devorador de natas. — Há uma confusão qualquer — supõe. — Sou um inocente. Afastem Deus daqui. Além disso, estou amaldiçoado.

O coração já não pode mais. Entre os bichos e as plantas, acontece-lhe dizer: Que fertilidade! — e a vida corrompe-se nos próprios fundamentos. Sente-se como um apóstolo sem fé. Desejaria morrer, arder no fogo apocalíptico das cidades. Ou ser devorado pela inteligência, estiolar de excessiva lucidez no meio da loucura campestre. Tradição, compreende uma: ama-a. Perdeu o nome, essa sabedoria. Beleza, é pouco. Verdade, é muito. Trata-se de um termo subtil que participa de uma e de outra, que se tornou inútil, insensato.

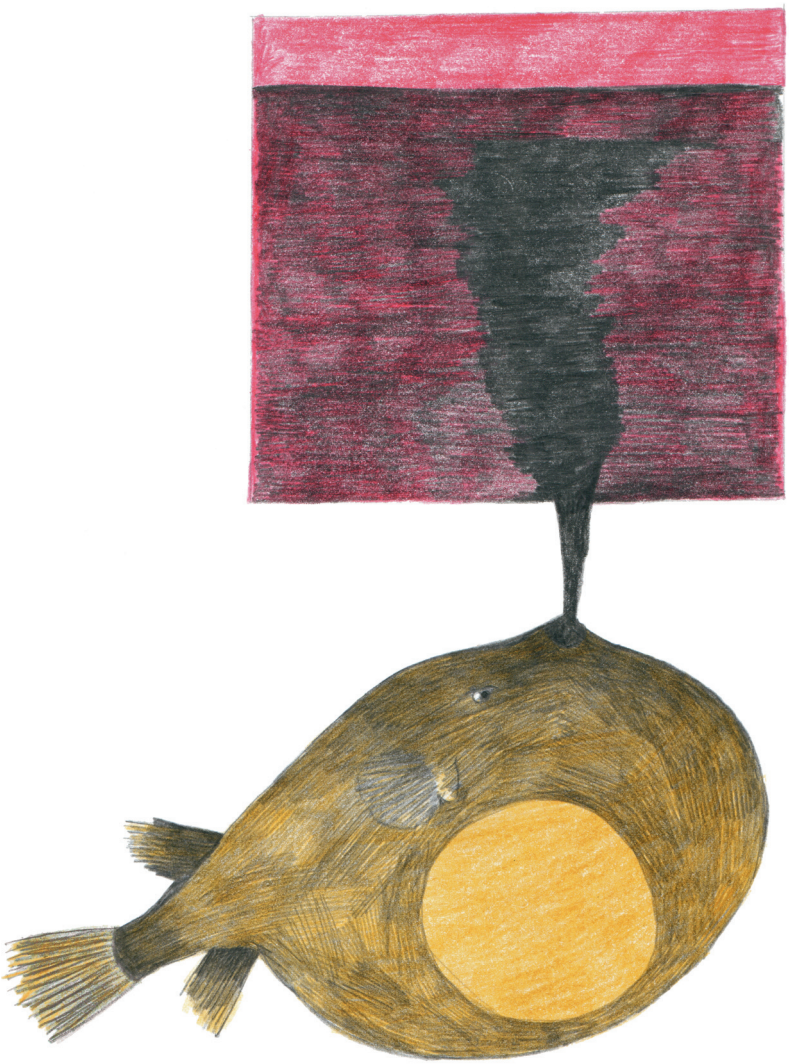
— Não penso na minha alma — diria ele — nem na carne. Não me ponho a perguntar se ganharei a salvação. Eu preciso do amor. Preciso aprender. Mas parece que na comunidade já tudo se aprendera, estava tudo ensinado e sabido desde sempre. E os homens pensavam unicamente em preservar-se do sofrimento; desejavam que a linguagem ficasse intacta, sem mácula.

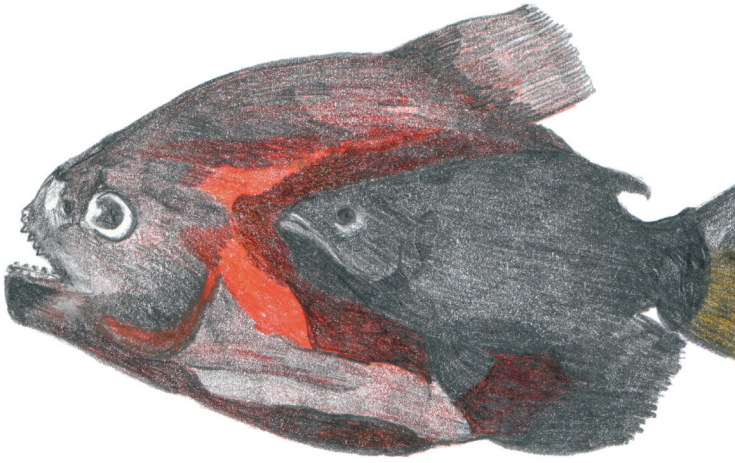
Ele olhava o sol verde entre as patas das vacas e suponha poder envenenar-

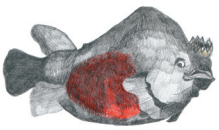
se legando o cadáver à confusão holandesa. E como se alimentaria essa confusão, como seria divertido o pequeno quadro holandês! — Senhor, que lhe aconteceu? Salva-lhe a alma se puderes. Ele era um estrangeiro: envenenou-se. Nada mais sabemos. Que mal te fez a Holanda para a castigares assim?
Muito lentamente, o seu amor desenvolveu-se. Era um amor que se aprendia a si próprio, cheio de medo e dúvida.
— O nosso amor pode atingir tudo? — perguntava. Ou perguntava então:
— Até onde vão os direitos de um... *homem*? Ou de um poeta?
Na Holanda não se fazem fogueiras ao ar livre: nada se percebe do fogo. A Holanda é um país cada vez maior. O mar rouba-lhe meio metro, e logo os holandeses roubam dois metros de terra ao seio fervente das águas.
— Não compreendo a justiça cósmica.
E murmura para si: Nada conhecem das coisas do fogo. Os dons mais profundos do homem estiolam dentro deles. Deverei amá-los?
— Amar o quê, quem? — pergunta a visita. — Referes-te aos homens holandeses ou aos dons que esqueceram?
E ele não sabe realmente aquilo a que desejava referir-se, o que lhe inspirava o desespero. Sentado na Holanda, pensa: — Piedade.
Para ele? Para os homens holandeses?
Em que jogos se enreda uma inocência!

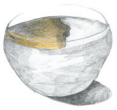


TEORIA
DAS
CORES









Era uma vez um pintor que tinha um aquário com um peixe vermelho. Vivia o peixe tranquilamente acompanhado pela sua cor vermelha até que principiou a tornar-se negro a partir de dentro, um nó preto atrás da cor encarnada. O nó desenvolvia-se alastrando e tomando conta de todo o peixe. Por fora do aquário o pintor assistia surpreendido ao aparecimento do novo peixe.

O problema do artista era que, obrigado a interromper o quadro onde estava a chegar o vermelho do peixe, não sabia o que fazer da cor preta que ele agora lhe ensinava. Os elementos do problema constituíam-se na observação dos factos e punham-se por esta ordem: peixe, vermelho, pintor. O preto formava a insídia do real e abria um abismo na primitiva fidelidade do pintor.

Ao meditar sobre as razões de mudança exactamente quando assentava na sua fidelidade, o pintor supôs que o peixe, efectuando um número de mágica, mostrava que existia apenas uma lei abrangendo tanto o mundo das coisas como o da imaginação. Era a lei da metamorfose.

Compreendida esta espécie de fidelidade, o artista pintou um peixe amarelo.

POLÍCIA

Le petit monsieur Leclair falhou mais uma vez. Nesse dia (dezembro, chovia) eu fora à sede do partido comunista, recomendado pelo pequeno senhor Maurice Leclair, e recebera uma carta para as forjas de Clabeck. Em Bruxelas o meu trabalho era muito irregular. Só acidentalmente é que dispunha de algum dinheiro. Fazia um pouco de tudo: cortava legumes na Sobela, enfardava aparas de papel na *Nouvelle Maison Vermeiren* ou ajudava *Chez Lemaire*, uma friture. Não tinha os documentos em ordem. Não havia quem me desse trabalho certo e suficientemente prolongado. Maurice pretendia meter-me em Clabeck, nas forjas (trabalho violento), e que por aí fosse solicitada ao ministério a carta de trabalho. Contava com a influência de alguém do partido comunista. Eu divertia-me sobretudo quando pensava que M. Maurice era antigo colaboracionista e não gozava de direitos civis e políticos. A Bélgica era um pais confuso, cómico. Por exemplo: o maior amigo do meu protector, um flamengo que amava a cerveja forte, pertencera à resistência. Eu desejava trabalho, apenas isso. Também um pouco de calor. Pensava em raparigas com quem pudesse dormir ou ir, nas noites de Sábado, aos bares da Chaussée d'Anvers. Eu tinha um quarto triste, sem aquecimento. Uma das janelas caía sobre a igreja e o cemitério burguês de Laeken. A outra dava para umas luzes distantes. Sob uma ponte próxima passavam comboios de mercadorias. às vezes eu fazia com estes elementos estrangeiros um lirismo vagabundo e inocente. Também me sentia entusiasmado com a solidão. Encontrava-me fora dos quadros, vagueava pela cidade. Era já perigosamente

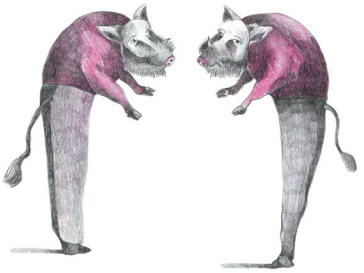
conhecido *Au Nord*, perto da estação, onde as putas e os chuis eram mais que as mães. De vez em quando perdia por ali uma tarde inteira, arranjava dinheiro para duas cervejas, um pacote de batatas.

Nessa manhã de Dezembro em que chovia (eu falaria depois a Annemarie da chuva lenta, longa), M. Maurice começou a duvidar da sua influência e da influência do partido comunista. Disse-me que já nada poderia fazer por mim. Seria melhor eu partir para a Alemanha ou a França, ou arranjar então lugar num barco que saísse de Antuérpia. Considerava as palavras do meu amigo enquanto bebia cerveja num bar perto da estação. No calor do bar a roupa fumegava. Gotas de água à volta. Calma solidão sem dor. Havia música. Meu Deus! a minha alma conhecia os seus caminhos. A terra era grande. Tudo quanto eu fizesse, cada coisa que me acontecesse, não me tornariam maior ou menor que a fé ou o desespero. Pois o desespero era antigo: uma delgada, tenacíssima raiz. Era uma experiência, um pensamento, um destino— algo que eu aceitava, que me induzia talvez a amar a vida. Estava só no meio da chuva tranquila. Podemos sempre beber uma cerveja como se fosse a última. Em cada instante a terra ainda consegue ser completa: é a única, e isso mesmo a renova.

Annemarie sentou-se à minha mesa. Vi logo o tamanho da sua solidão: tinha o tamanho do mundo. Ela era a criatura mais só do mundo. E a sua história apareceu — simples, tenebrosa — entre as nossa duas cervejas. Todas as histórias pessoais são simples e tenebrosas. Não me comovi. Comovido já eu estava: com as coisas, comigo, com a chuva sobre a cidade. Talvez houvesse uma irónica alegoria em nós dois ali sentados diante dos belos copos frios,

compreendendo ambos tão facilmente o que nos acontecia e iria acontecer que não tínhamos pressa. Poderíamos morrer ali mesmo. Esperávamos.

Annemarie era francesa, de Lion. Abandonara um filho de dois anos. O marido combatia na Argélia, talvez estivesse morto. (Ela dizia que o amava — e porque não? O amor e o desespero e a desordem — isso é a nossa parte do jogo). Annemarie não queria regressa à França. Mas vivia na Bélgica sem documentos. Fora já posta na fronteira duas vezes: voltará, voltaria sempre. Que pode fazer uma pessoa se não voltar, estar fora, ser completamente estrangeira, não ter papéis? A Terra é enorme. Paramos num sítio. E agora estamos sentados e procuramos, com a nossa história simples e desesperada, atrair o cuidado, o fervor alheio. É assim. Renovamos a espera inútil; o milagre onde não há milagres; a luz ao fundo, sempre ao fundo. Somos ilegais, em cada dia criamos uma rápida, brevíssima beleza surpreendente contra a face do pavor.



Maurice perdera a última esperança de me salvar. O partido comunista, a viagem de ida e volta de comboio até Clarbeck, a chuva, uma impossível salvação (que salvação?) — embrulhavam-se dentro de mim, e eu sentia-me embriagado, feliz, irresponsável: sentia-me como se estivesse perto de morrer.

Agora uma mulher bebia cerveja na minha solidão, falava do filho que abandonara, do marido que estava na guerra. (Pronunciava as palavras devagar, arrancava-as inexoravelmente a esse sempre vivo e sempre secreto vocabulário do medo e do empenhamento). Dizia sorrindo que estava perdida. Gostava da cerveja Belga, Achávamos Bruxelas insuportável. Sim, cria morrer. Cria morrer anonimamente, no fim do deserto. Eu percebia.

Os Chuis farejavam à volta da Gare du Nord, farejavam-nos a todos: putas, chulos, vadios, indocumentados, ilegais. Sabiam que ele voltara: seria presa? Já o fora algumas vezes: não era o pior. Seria mesmo a única forma agora possível de pensar nas coisas, de avaliar o mundo. Mas aí acabava o jogo. Não se podia dizer: sou livre. Não se podia arriscar a liberdade. (E perguntar: que liberdade?).

Eu também seria preso, repatriado: andaria depois por Lisboa a dormir em quartos de amigos, em camaratas públicas. À caça de um almoço, uma sopa, um copo de leite. Todos os lugares são no estrangeiro. E eu passaria junto ao rio, olhando a crespa e lívida massa das águas, a outra margem com o fumo vermelho das refinarias a sufocar a branda luz a prumo. E imaginava já a prisão em Bruxelas. Era preciso enganar a polícia. Rebentar de fome, sim, estrangeiramente, mas não perder nunca a liberdade. (E a pergunta: que liberdade?).

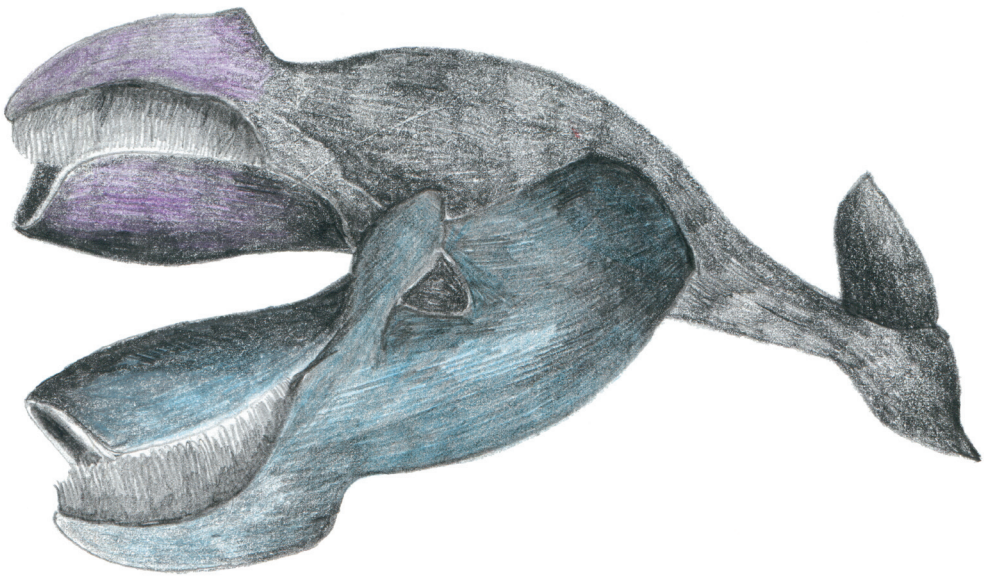
Annemarie tinha o dom da poesia subversiva. Subvertia tudo. A seu lado senti que a minha vida era importante. Que a arriscaria, sempre e sempre, que perderia, mas nada cedendo de mim próprio. O amor do perigo embebedava-me.

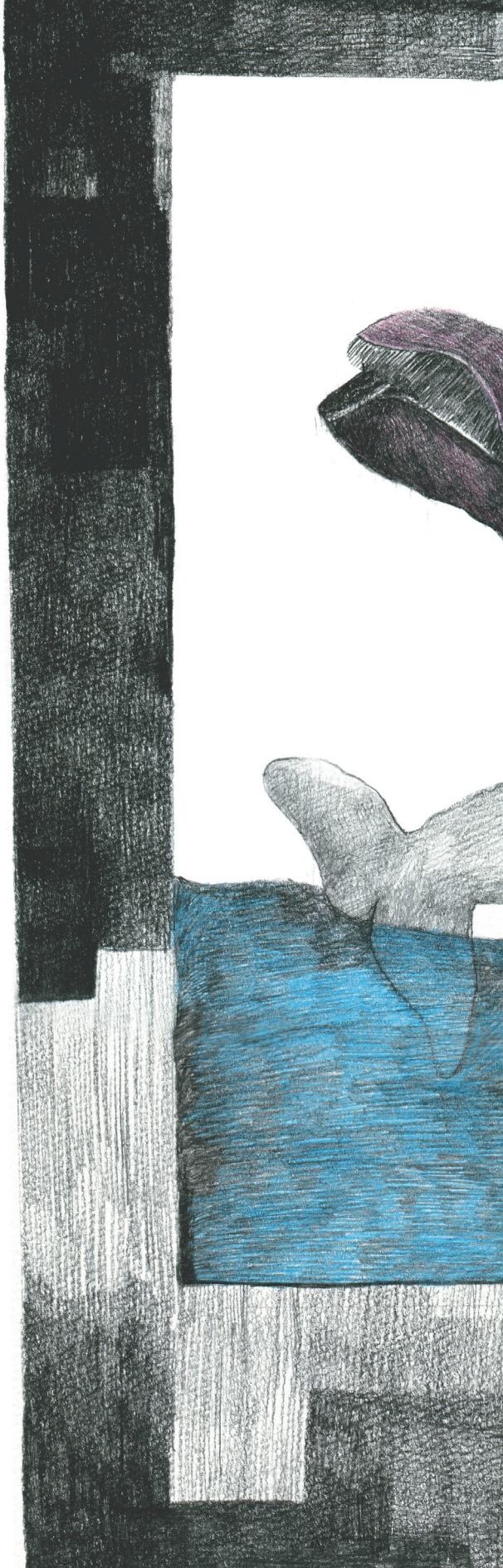
Começámos então a lutar contra a polícia do mundo inteiro. Quando anoi-

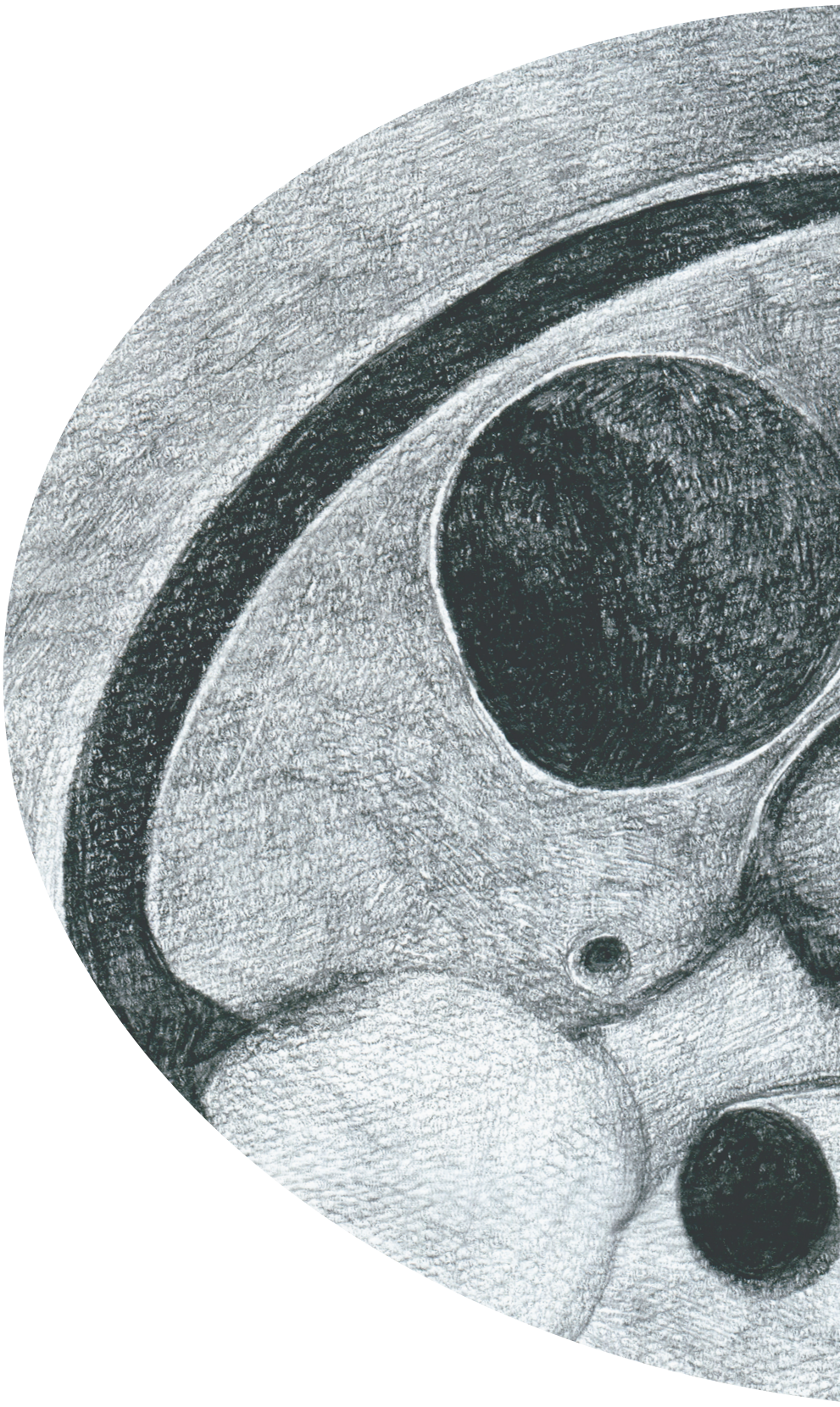
teceu saímos do bar e fomos a pé, vigilantes, protegidos, até ao meu quarto de Laeken. Contornámos o que nos parecia suspeito: um carro parado, um vulto vagaroso, as sombras, as vozes. Foi ainda preciso subir furtivamente as escadas do prédio, pois a senhoria já me mandara embora, porque 1.º eu não lhe pagava a renda, porque 2.º não queria complicações com a polícia. Mas depois o quarto foi nosso. Annemarie despiu-se e deitou-se nua sobre o cobertor enquanto eu tentava aquecer um pouco de água. Falámos longamente da chuva, do amor e das leis.

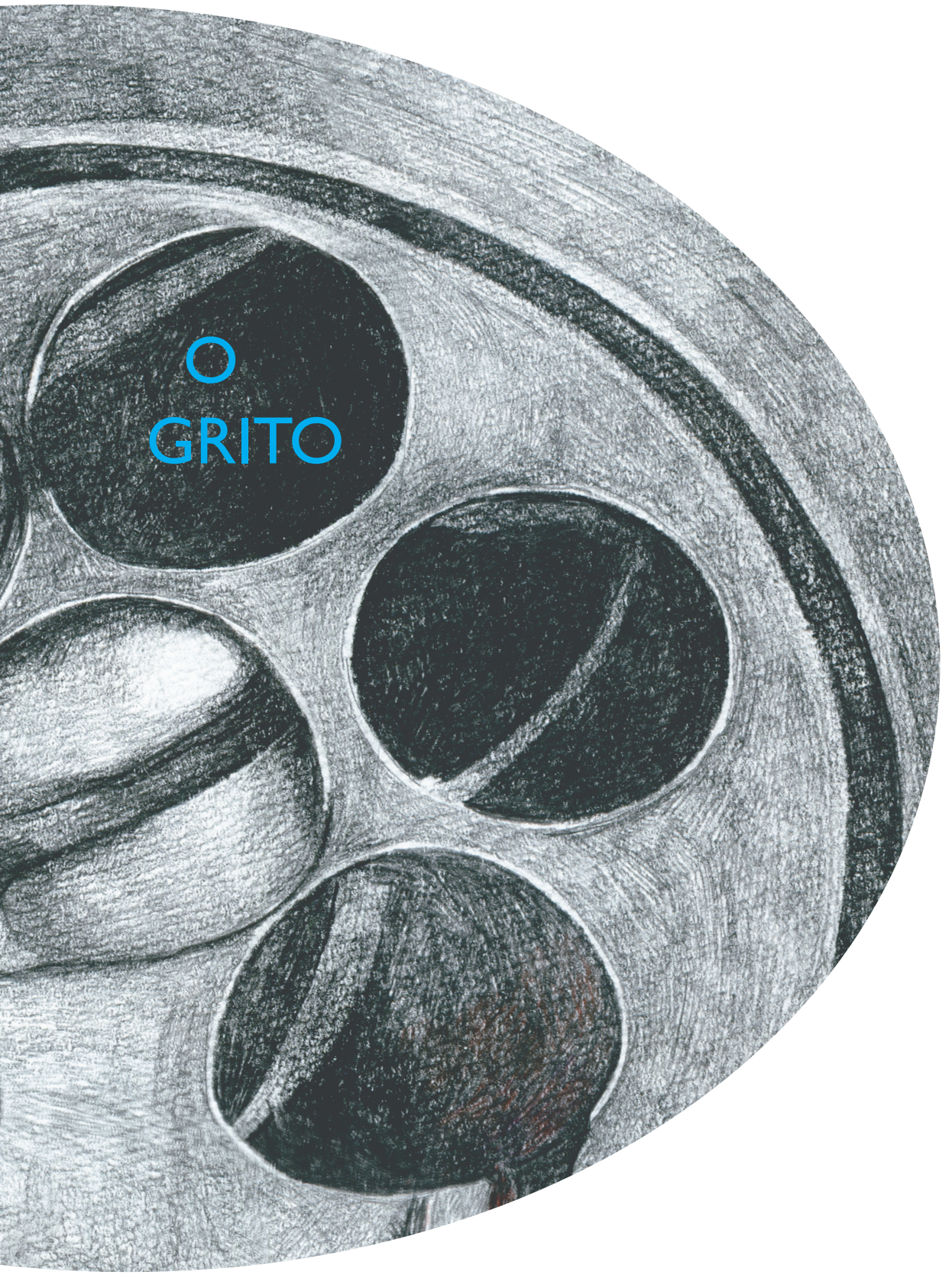
Às duas da manhã fomos à janela e vimos passar dois guardas na rua. Pareceu-me que observavam a nossa janela. Cumplicidade e ardor, a partilha da vulnerabilidade mútua, a coragem de tudo enfrentar com tão pouco: essas eram as nossas armas. E dispúnhamos dos melhores talentos da libertinagem. Annemarie puxou-me para dentro e amámo-nos sobre o cobertor até de manhã, até a luz fria nos afogar.

Choveu sempre. Sentíamos a chuva sobre a terra inteira. Éramos invencíveis. Seja dito que vós, os desta nação, ignorais muitas coisas. Talvez deus vos não inspire.








O
GRITO

Imaginem que sou um empregado de escritório, um pequeno burguês calafetado cuja existência foi de súbito invadida pela peste. Volto sempre ao mesmo. Esta ideia da peste não me sai da cabeça. Podem supor o que era a minha vida. O trabalho, as noites no café ou no cinema, um livro, a visita a um prostíbulo. Vida sem imaginação, não é? Pois bem, estive preso durante um mês. Não é muito. Agora parece-me que já não poderei ter qualquer espécie de esperança. Sento-me neste bar e embebedo-me. Preciso estar bêbado. Vejo os vestidos vermelhos e azuis das raparigas escoando-se por entre as mesas. Toca-se uma música lancinante. Gosto deste bar. Atordoa-me. O espelho mostra-me um olhar aflito. Levanto o copo com a mão hesitante, e saúdo-me. Noto perfeitamente a minha mediocridade. Uma bebedeira dolorosa, um pouco repugnante, não?

— Pagas-me uma bebida? — Um vestido encarnado sobe pelo meu lado esquerdo. É bem suja esta vidinha, meus amigos.

— Claro que pago — digo eu. — Vou dormir e não acordo mais.

O inspector da polícia acorda-me com cordialidade. Estes tipos são bestialmente cordiais.

Nada receie, meu caro — diz. — Nós tratamos bem as pessoas. Fuma?

Recuso o cigarro. Ele está por trás da secretária, curva-se para mim sobre o mata-borrão. Insinuante.

Somos todos seres humanos, não é? Essas histórias de tratamentos brutais aos presos são pura lenda. Coisas da propaganda comunista.

Há nos seus olhos uma malícia inteligente. Pode parecer um homem culto, um intelectual. Na mesa ao lado o dactilógrafo regista as perguntas essenciais e as minhas respostas. Um agente está encostado à janela. Folheia uma revista.

Nada receio — afirmo eu. — Nunca tive actividade política. Sequer convicções. É um equívoco.

O vestido vermelho ri.

— Já estás bêbado, velhinho.

— Não chateie. Beba o chá, e bico. Vou morrer. Preciso morrer.

Ri sempre, e o dactilógrafo escreve. Reparo num mapa do país, encerado, pendendo ao lado direito da porta. Tem bandeirinhas de várias cores.

— Creio nisso. — De onde vem esta voz generosa? — O senhor não tem aquele ar... Como direi? ...

Penso que a temperatura é muito alta. Porque não fecham o aquecimento? Em contrapartida faz bastante frio na cela. É toda de pedra, e estamos no inverno.

— ... Aquele ar febril... aaa... acossado... aaa... dos verdadeiros criminosos.

— Como?

— Falo dos comunistas. Mas existem culpados com muito sangue frio. Claro, eu sei que o senhor não é comunista.

De repente lembro-me que sou empregado de escritório.

— Sou empregado de escritório — digo baixinho.

— Nem sei o que seja comunismo, não sei bem o que seja. — Sorrio um

pouco, no fundo de uma pequena alegria humilhada. — Sou um homem comum. — Ele faz um gesto penetrante, um tanto ambíguo. Sorri inteligentemente.

— Os comunistas são empregados de escritório. (Como está quente, penso). São isto e aquilo. E poucos na realidade conhecem o comunismo. Conhecem a propaganda.

A música gira cada vez mais depressa. Que coisa boa, a música louca. Olho de novo a minha cabeça no espelho. Parece-me que estou só no bar, horrivelmente só no meio de tanto barulho. Uma cabeça empestada, branca ou negra, fria como o terror.

— Acredite que não sabem. São simples revoltados. Homens amargos que procuram uma fuga na revolta. Não são capazes de integração positiva na sociedade onde vivem. Querem destruir. Encontram uma saída na marginalidade do comunismo

— Sou uma criatura sã — digo. — Sou um bêbado. Vou dormir, vestido vermelho, vou morrer.

Mas não está ninguém a meu lado. A máquina bate as nossas estúpidas palavras. O inspector estende as mãos exangues e parece cada vez mais inteligente.

— Claro — diz. — Nunca pretendi chamar-lhe comunista. Imagino apenas que, por ingenuidade, por exactamente não ser comunista, o senhor tenha colaborado com eles. Por ingenuidade. Por nada saber. Vê onde quero chegar? Só desejamos que diga os nomes.

— Os nomes? Que nomes?

Três horas à volta desta porcaria. Depois mandam-me embora. A cela fica no segundo piso, a meio de um corredor frio, alumiado por algumas lâmpadas amarelas. De um lado e outro existem celas, quase todas vazias, pois fizeram à pouco tempo transferência de presos para outras cadeias. São celas pequenas e escuras, de cimento. Encostada à parede, a tarimba com um cobertor. Ao canto, o pote onde se urina e defeca. O silêncio é completo através do canal do corredor. Nada disto me faz grande mal. Talvez o silêncio me impressione, mas depois deixo de senti-lo. Começo a pensar, e já não tenho consciência desse frio silêncio amarelo em que tudo se consome. Vejo-me no espelho a brincar com um cálice vazio na ponta dos dedos. Mas o olhar apaga-se de súbito, e as pálpebras batem.

— Tenho medo — digo.

Uma cara olha-me atonitamente. É agora o vestido vermelho com uma idiota flor branca por cima: a cabeça.

— O quê?

— Não, não é de ser preso outra vez que tenho medo. Peço-lhe que aceite mais um copo de cerveja, minha senhora. Gostaria de sentir-me solidário com alguém.

— Ouvem?! — exclama ela para as outras. — Este gajo tem uma bêbada porreira. Peço-lhe que aceite mais um copo de cerveja, minha senhora. Pois não, meu caro senhor. Amanda-me aí uma imperial bem tirada, ó Juca!

Vejo dois copos de cerveja sobre o balcão e agarro num deles. O frio sobe-me pelos dedos. Daqui a pouco não sentirei as mãos: estarão adormecidas. Suponho que rio baixinho. Foi isto que me fizeram. Estou cheio de frio. Durmo. Nunca mais acordarei.

— Ouça — digo para ninguém. — Não me bateram. Foram amáveis durante os interrogatórios. Ele tinha mesmo uma cara honesta. Às vezes pergunto: quem sabe se não seria uma pessoa honesta?

Alguém senta-se no banco ao lado e pede qualquer coisa.

— Sou um homem honesto — digo ao meu novo vizinho. — procuro sê-

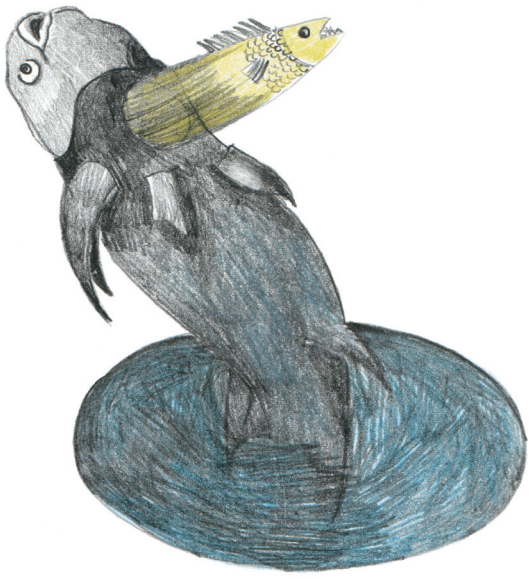
lo. — O vizinho sorri, condescendente. Pisca o olho ao empregado, que também sorri. — Agora não sei bem se isto é honestidade. Mas de qualquer modo eu nunca pertenceria à polícia. O outro pertencia, e pareceu-me honesto. Que sentido há nisto?

— É que ele não era um homem honesto. — E o vizinho dá uma gargalhada.

— Não? — Julgo que sonho. — Claro, era um assassino. Um assassino honesto.

E de novo a música louca enche tudo. Bebo depressa. Sinto-me no fundo de uma turbulento e exasperada corrupção. Calo-me para lembrar melhor. Na terceira noite de cadeia estive a pensar que não era um revoltado, mas um simples empregado de escritório pouco imaginativo. Não merecia estar preso. Talvez fosse bom merecê-lo. Um momento mais, e estaria perto da fraternidade. Mas eu era um pequeno homem honesto. Da espécie de honestidade que não ligava com a do inspector só talvez por ser inerme. Uma vil honestidade passiva. Anuidora, silenciosa. Que não desejava incómodos. Apenas por não ter um temperamento activo é que eu nunca seria da polícia? Bem sei, é absurdo. Estou doente. Não devo pensar nisto.

— Bebemos mais uma cerveja?



Não está ninguém para beber. Continuo a beber só. E rio baixinho, um pequeno riso mortificado e cruel por trás do copo enevoado da cerveja. Por trás ainda da minha vida de burguês destruída pela peste.

Sempre dormi bem. Imagino que, durante todos os tranquilos sonos da minha vida, se preparavam e realizavam os crimes. Dormi como um justo. Não é assim que se diz? Como se fosse um Justo. Mas um estremecimento qualquer entrara no meu sono, um rato entrara no sono. Conseguem imaginar o que se passou? Um empregado de escritório está metido numa cela por suspeitas políticas. É tudo infundado, e ele acredita que o caso se há de esclarecer. Por isso dorme tranquilamente como durante a liberdade. Está com um pouco de vergonha de si mesmo, porque pensou durante cinco minutos que nem toda a gente tem o direito de estar presa. Dorme num poço situado sob as mais belas estrelas (imagem esta de agora, quer dizer: poesia irresponsável de bêbado). Serenidade por toda a parte. Serenidade cósmica, prisional, pessoal. Fora o rato que trabalhava no escuro da serenidade. E então acordo. Não acordo como se o rato estivesse a roer. Acordo por explosão. É um grito. Depois, vários ruídos. Um rumor espalhado e, no centro, esse grito — alto, material como uma agulha de gelo. Uma coisa impossivelmente terrífica. Um grito humano. E só distingo a penumbra amarela que vem do corredor. O silêncio contamina tudo, o frio serra-me. E a luz amarela estende-se pelo chão e atinge o pote de urina, que fede. Então sinto uma dor na barriga e

corro para o pote.

— Por favor — dirijo-me a alguém por entre a música — diga que compreende. Diga-mo agora, já. Mesmo que não compreenda.

O inspector sorri. Como pode este homem sorrir tanto?

— O senhor de certo concorda em que somos necessários. Asseguramos uma ordem que permite a criação. Estabelecemos o clima próprio...

— Diga que me entende — peço.

— Como?

É o empregado do balcão.

— Uma cerveja... — murmuro.

Claro que nunca mais dormi. Espero os gritos. Espero-os todas as noites. Fico sentado na tarimba, tiritando. Estou vazio. O meu desespero é este vazio total, estranha forma de terror que nunca mais me abandonará. Ouço um ralo, e isso impacienta-me. um ralo é uma coisa estúpida. Pode até fazer com que eu adormeça. Também ouço todos as noites os gritos que partem de algures na prisão, talvez do piso em cima, de qualquer cela semelhante a esta. São cada vez mais fracos e agora, na quinta noite esforço-me por destacá-los do silêncio amarelo do corredor. Serei um coleccionador de gritos? Não consigo senão ter medo, esta força desordenada e súbita que me arrasta para o poste. Chamo por alguém. Digo nomes ao acaso. Há-de haver algum preso nas celas próximas, alguém a quem dizer:

— Ouviu? Tenho medo.

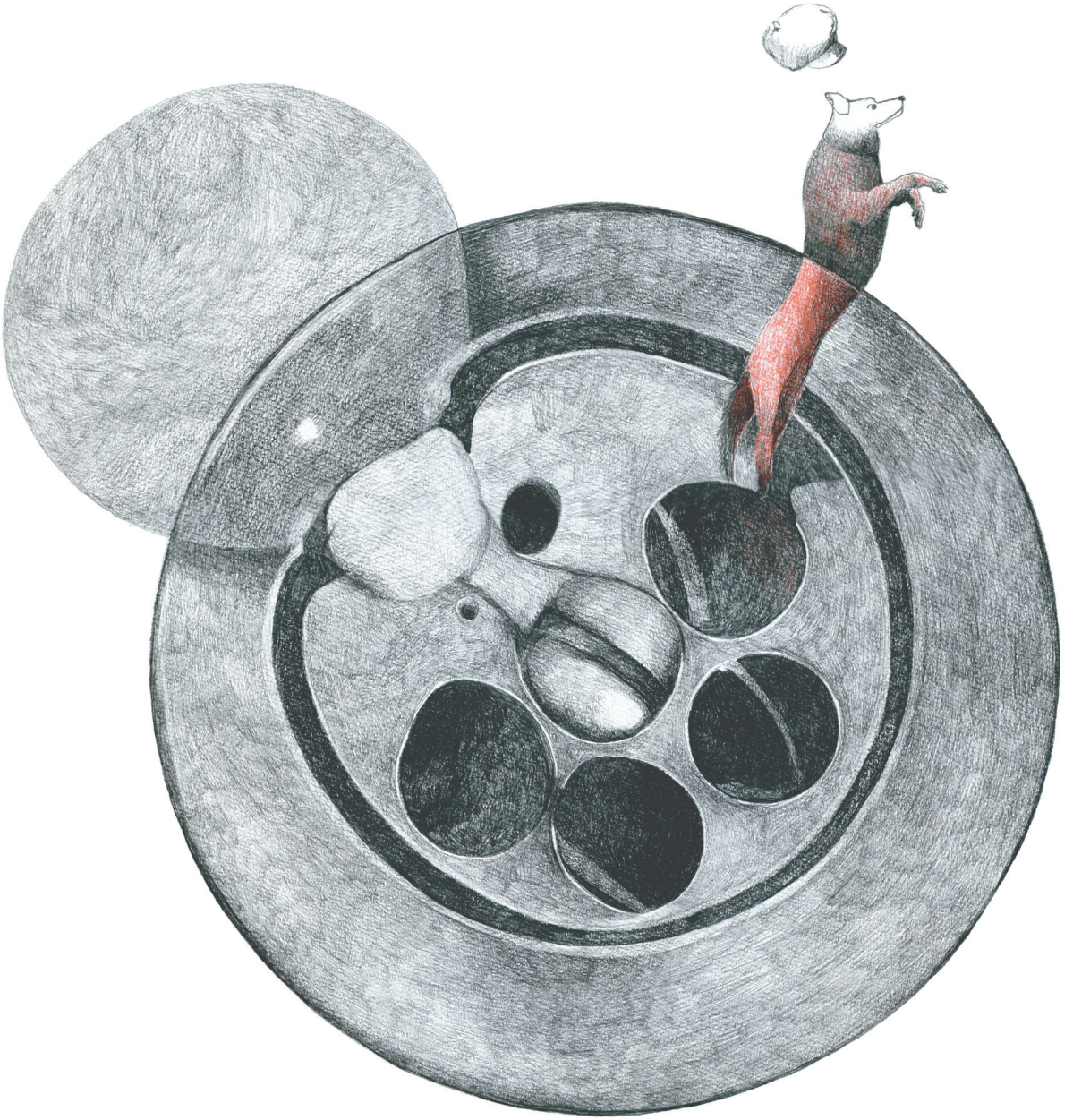
Ninguém responde, e eu deito-me de novo, vendo a luz amarela sob o meu próprio corpo escutando um ralo devasso a coaxar dentro deste terror.

O Jacto de fogo sobe do fundo até às estrelas. Sou um bêbado. O poço estremece. É o último grito, a agonia do mundo. Uma coluna de pedra que se parte de repente. Nasceu num homem. Propagou-se. Está em mim. Caio então muito depressa no sono. Durmo. Durmo cada vez mais. Um dia já não acordarei. Espero nunca mais acordar. Acendo um cigarro, e o espelho mostra que não tremo. Quem sabe se a morte desse homem... Como digo? Não é verdade que o seu sofrimento acabou para sempre? Sim, mas como posso libertar-me desses gritos, esse espantoso grito final, e adormecer, morrer?

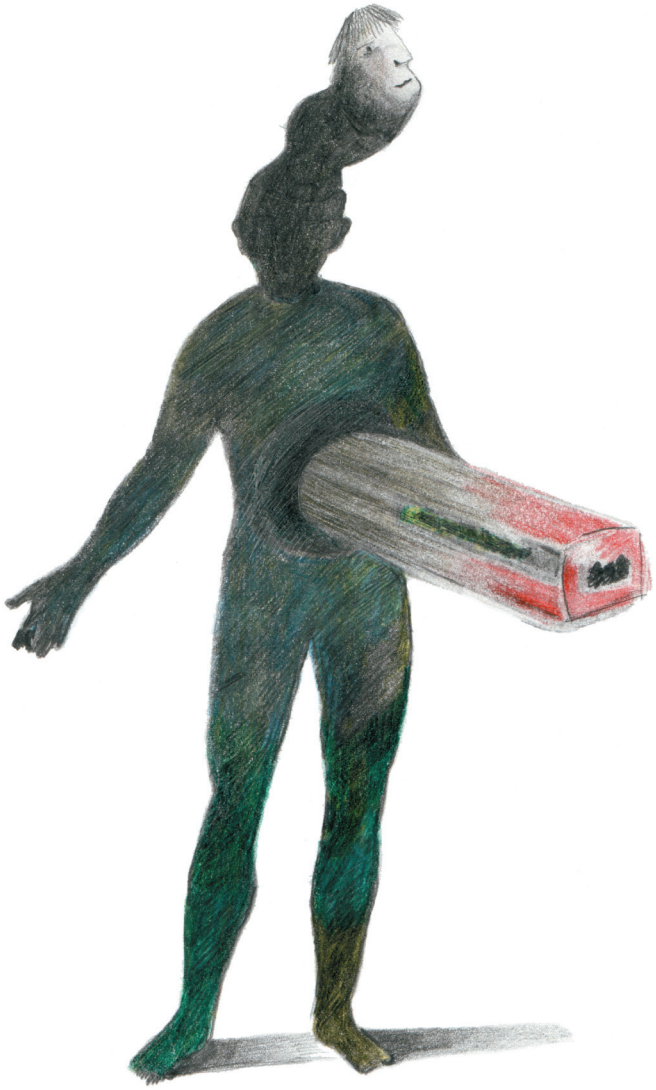
Bebemos. Digo:

— Bela cerveja.

E meto as mãos pelas coxas de uma das raparigas. Somos três à mesa. As duas mulheres riem continuamente. Um soluço cresce pela cerveja acima, e então bebo dois grandes goles. Enterro-me na música violenta. Pensam acaso que não estive também a gerar esse grito? Que ele não foi do mesmo modo um sofrimento meu, um crime? A névoa afoga-me. Por dentro da névoa as raparigas riem como loucas. Dizem piadas obscenas. Vou cair com a cabeça sobre a mesa fria. Vou dormir mais uma vez. Um bêbado que dorme caído sobre o tampo de uma mesa ressona como um porco. É sempre assim. Ressonamos como porcos, e as mulheres a nosso lado riem loucamente nos seus vestidos de cor.



OS COMBOIOS QUE VÃO PARA ANTUÉRPIA



Em Janeiro eu estava em Bruxelas, nos subúrbios, numa casa sobre a linha férrea. Os Comboios faziam estremecer o meu quarto. Fora-se o natal. Algo desaparecera, uma coisa ingénua em que se poderia ter confiado. Talvez a esperança. Eu não tinha dinheiro nem livros nem cigarros. Não tinha trabalho nem ócio, porque estava desesperado. Por isso passava o dia e a noite no quarto. Na linha em baixo rangiam e apitavam comboios que talvez fossem para Antuérpia. Eu pensava em Deus quando os comboios trepidavam nos carris e apitavam tão perto de mim. Quando iam possivelmente a caminho de Antuérpia. Pensava nos comboios como quem pensa em Deus: com uma falta de fé desesperada. Pensava também em Deus — um comboio: algo que sem dúvida existe, mas é absurdo, que parte com um destino indefinido: Antuérpia — que possivelmente (evidentemente) não era.

Às vezes vinha à janela e, por detrás dos vidros, olhava para o caminho de ferro. Mas antes de lá chegar os meus olhos encontravam uma árvore esquisita — tímida mas tenazmente viva — num quintal próximo. Esta árvore metia medo: era como a esperança em mim mesmo, ou uma ainda mais ambiciosa aposta: a fé dolorosamente contraditória nos homens. Nos homens? Há em mim todas as virtudes da confiança, mas sou um desesperado. Apesar de tudo também sou um homem. Tenho capacidades de amor. Amo a minha semelhança com todos os homens, mas desespero nesse mesmo amor. Es-

tou fechado num quarto. Nem posso fumar. Não posso descansar. Imagino que se consiga partir de Antuérpia depois de lá chegar num desses comboios rangentes. Antuérpia não é um sítio final. É uma cidade como as outras: com bares e nevoeiros, o silêncio, as pessoas, as vozes, a matemática impenetrável das suas multiplicações e desmultiplicações, e o fluxo e refluxo das imagens. Em Antuérpia há prostitutas, há um calor humano degradado, a embriaguez. Lá também se morre. Talvez alguém tenha um dia ressuscitado em Antuérpia. Não sei.

O lugar em que penso é difícil, sempre difícil. Ao norte existe o rio Escalda. De lá se parte, chega-se ao mar. Já me disseram que a gente que nasce e vive ao pé do mar é mais pura. Penso que o mar dá uma qualidade especial à fantasia, ao desejo e à continuidade. É uma propriedade misteriosa do espírito, e por ela se aprende a nada esperar, a não desesperar de nada. Talvez seja isso a inocência. Talvez só no mar nos seja concedido morrer verdadeiramente, morrer como nenhum homem pode.

Esta minha vida de agora é circular e eu sufoco, sem dela poder sair, com o deus que lá existe, com Deus, com Deus... Comboios que não param de ranger e apitar. Comboios que partem. Durante a noite acordo muitas vezes com Deus a apitar. Mas de manhã a minha falta de fé parece ainda maior e compreendo que nunca ei de sair deste quarto e que os comboios são simples pensamentos, como Antuérpia, uma inspiração difusa, difusa.

Talvez pudesse ouvir passos junto à porta do quarto, passos leves que estacariam enquanto a minha vida, toda a vida, ficaria suspensa. Eu existiria então vagamente, alimentado pela violência de uma esperança, preso à obscura respiração dessa pessoa parada. Os comboios passariam sempre. E eu estaria

a pensar nas palavras do amor, naquilo que se pode dizer quando a extrema solidão nos dá um talento inconcebível. O meu talento seria o máximo talento do homem e devia reter, apenas pela sua força silenciosa, essa pessoa defronte da porta, a poucos metros, à distância de um simples movimento caloroso. Mas nesse instante ser-me-ia revelada a essencial crueldade do espirito. Penso que desejaria somente a presença incógnita e solitária dessa pessoa atrás da porta. Ela não devia bater, solicitar, inquirir.

— Posso falar? Podemos falar?

O meu único alimento é o desespero. E é do coração estéril que extraio toda a força: tenho confiança em que Deus está neste quarto, está na tão experiente expectativa das tumultuosas passagens dos comboios.

O pensamento alude ao norte, a essa ideia que relaciona o norte com o frio puro e a dramática alegria da neve, das temperaturas muito baixas. Alude também à viagem sem fé, inconsequente, feita com o inexplicável ardor de quem se inicia na eternidade.

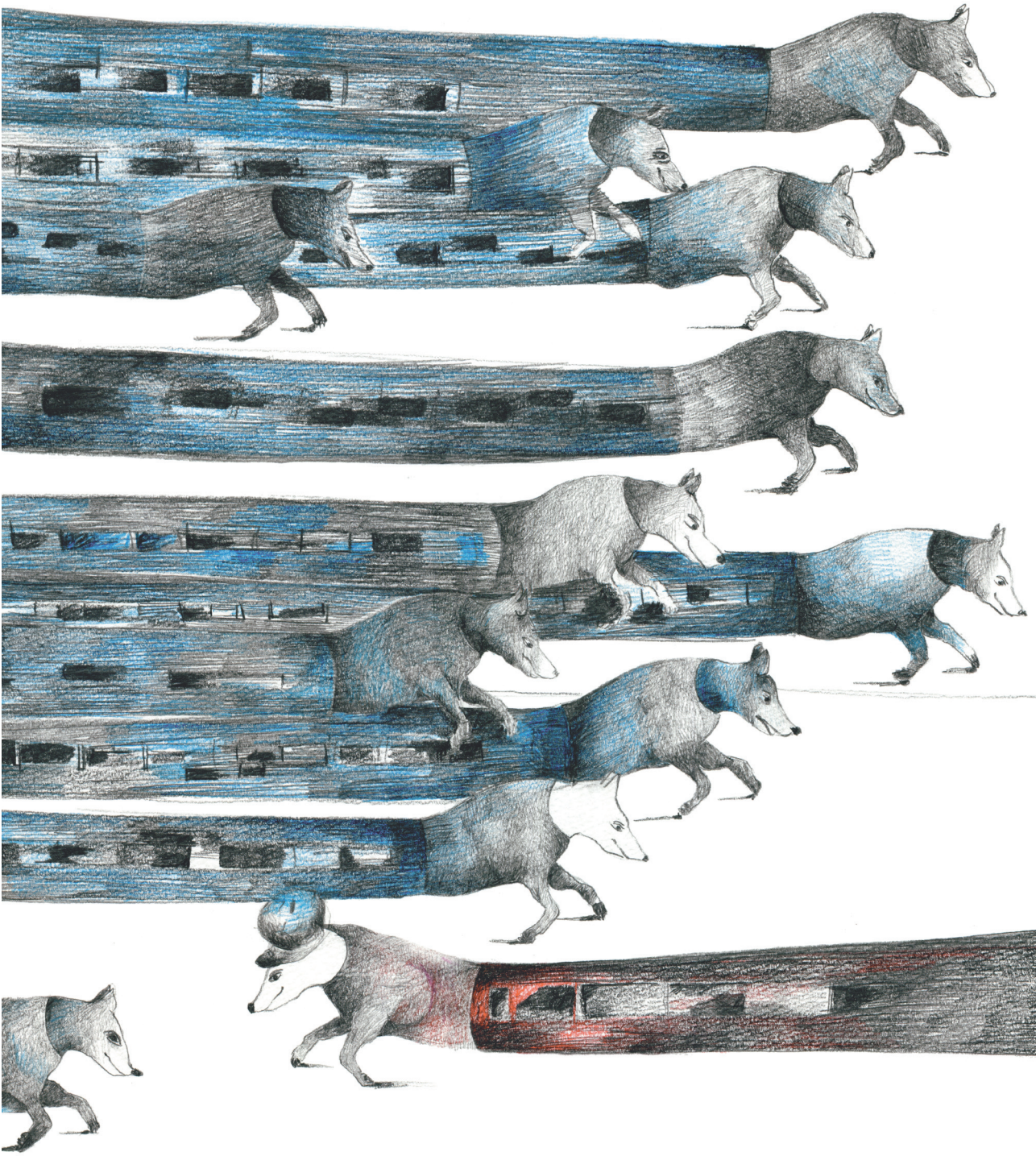
Mas nem cigarros tenho. Estou possuído pelos dons infernais com que se cria um estilo sem tempo nem lugar, a fraternidade solitária, o amor sempre

em viagem.

O meu gosto pela exactidão já sabe o horário dos comboios que possivelmente (evidentemente) nem vão para lá.

Deus principia a inspirar-me terror. A minha unidade, sobretudo. A unidade fechada e imóvel. O universo passa bem sem mim, e o terror é uma inspiração sem mácula, dentro do que pode alcançar.

Não, não está ninguém junto à porta.



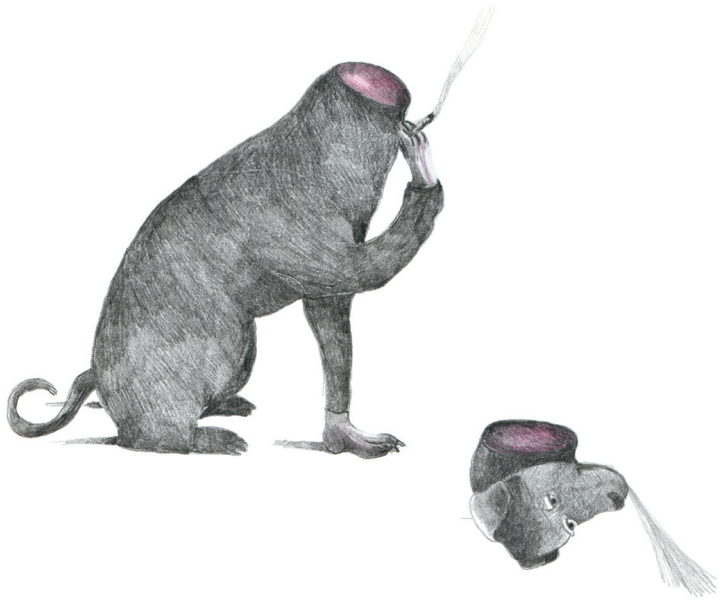
Lugar
Lugares

Era uma vez um lugar com um pequeno inferno e um pequeno paraíso, e as pessoas andavam de um lado para outro, e encontravam-nos, a eles, ao inferno e ao paraíso, e tomavam-nos como seus, e eles eram seus de verdade. As pessoas eram pequenas, mas faziam muito ruído. E diziam: é o meu inferno, é o meu paraíso. E não devemos malquerer às mitologias assim, porque são das pessoas, e neste assunto de pessoas, amá-las é que é bom. E então a gente ama as mitologias delas. À parte isso o lugar era execrável. As pessoas chiavam como ratos, e pegavam nas coisas e largavam-nas, e pegavam umas nas outras e largavam-se. Diziam: boa tarde, boa noite. E agarravam-se, e iam para a cama umas com as outras, e acordavam. Às vezes acordavam no meio da noite e agarravam-se freneticamente. Tenho medo — diziam. E depois amavam-se depressa e lavavam-se, e diziam: boa noite, boa noite. Isto era uma parte da vida delas, e era uma das regiões (comovedoras) da sua humanidade, e o que é humano é terrível e possui uma espécie de palpitante e ambígua beleza. E então a gente ama isto, porque a gente é humana, e amar é que é bom, e compreender, claro, etc. E no tal lugar, de manhã, as pessoas acordavam. Bom dia, bom dia. E desatavam a correr. É o meu inferno, o meu paraíso, vai ser bom, vai ser horrível, está a crescer, faz-se homem. E a gente então comove-se, e apoia, e ama. Está mais gordo, mais magro. E o lugar começa a ser cada vez mais um lugar, com as casas de várias cores, as árvores, e as leis, e a política. Porque é preciso mudar o inferno, cheira mal,

cortaram a água, as pessoas ganham pouco — e que fizeram da dignidade humana? As reivindicações são legítimas. Não queremos este inferno. Dêem-nos um pequeno paraíso humano. Bom dia, como está? Mal, obrigado. Pois eu ontem estive a falar com ela, e ela disse: sou uma mulher honesta. E eu então fui para o emprego e trabalhei, e agora tenho algum dinheiro, e vou alugar uma casa decente, e o nosso filho há-de ser alguém na vida. E então a gente ama, porque isto é a verdadeira vida, palpita bestialmente ali, isto é que é a realidade, e todos juntos, e abaixo a exploração do homem pelo homem. E era intolerável. Ouvimos dizer que, numa delas, o pequeno inferno começou a aumentar por dentro, e ela pôs-se silenciosa e passava os dias a olhar para as flores, até que elas secavam, e ficava somente a jarra com os caules secos e a água podre. Mas o silêncio tornava-se tão impenetrável que os gritos dos outros, e a solícita ternura, e a piedade em pânico — batiam ali e resvalavam. E então a beleza florescia naquele rosto, uma beleza fria e quieta, e o rosto tinha uma luz especial que vinha de dentro como a luz do deserto, e aquilo não era humano — diziam as pessoas. Temos medo. E o

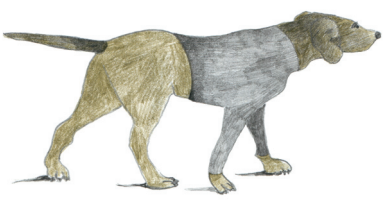
ruído delas caminhava para trás, e as casas amorteciam-se ao pé dos jardins, mas é preciso continuar a viver. E havia o progresso. Eu tenho aqui, meus senhores, uma revolução. Desejam examinar? Por este lado, se fazem favor. Aí à direita. Muito bem. Não é uma boa revolução? Bem, compreende... Claro, é uma belíssima revolução. E é barata? Uma revolução barata?! Não, senhores, esta é uma verdadeira revolução. Algumas vidas, alguns sacrifícios, alguns anos, algumas. Um bocado cara. Mas de boa qualidade, isso. E o rosto que se perdera, que possivelmente caíra do corpo e rolara debaixo das mesas, o rosto? Lembras-te? Como foi que ficou assim? Não sei: tinha uma luz. Sim, lembro-me: parecia uma flor que apodrecesse friamente. Era terrível. Boa noite. E ela trazia um vestido de seda branca, e nesse dia fazia dezoito anos, e estava queimada pelo sol, e era do signo da Balança, e tomou os comprimidos todos, e acabou-se. Não compreendo. E julgas tu que eu compreendo? Quem pode compreender? Ela era a própria força, aquela irradiante virtude da alegria, aquele fulgor radical..., compreendes? Sim, sim. Tinha um vestido de seda, e era nova, e então acabou-se. Para diante, para diante. Não se deve parar. Enforquem-nos, a esses malditos banqueiros. Este vai ter trinta e cinco

andares, será o mais alto da cidade. Por pouco tempo, julgo eu. Como? Sim, vão construir um com trinta e seis, ali à frente. Remodelemos o ensino. Cantemos aquela canção que fala da flor da tília. Bebamos um pouco. E o outro, o outro, o que viu Deus quando ia para o emprego?! Isto, imaginem, às 8 h. e 45 m. de uma tranquila manhã de março. Uma partida. Uma partida de Deus? Boa piada. Não amará Deus essas maliciosas surpresas? Um pequeno Deus folgazão?! Ele ficou doido. Começou a gritar e a fugir. Que Deus vinha atrás dele. E depois? Bem, lá construíram o prédio com trinta e seis andares, e o outro ficou em segundo lugar. Isto é o trabalho do homem: pedra sobre pedra. É belo. Vamos amar isto? Vamos, é humano, é do homem. E as crianças cresceram todas, e andavam de um lado para outro, e iam fazendo pela vida — como elas próprias diziam. E então as condições sociais? Sim, melhoraram bastante. Mas uma delas começou a beber, e depois o coração estoirou, e ficou apenas para os outros uma memória incómoda. Parece que sim, que tinha demasiada imaginação, e levaram-na ao médico e ele disse: aguente-se, e ela não se aguentou. Era uma criança. Não, não, nessa altura já tinha crescido, bebia pelo menos um litro de brandy por dia. Nada mau, para uma antiga criança. A verdade é que era uma criança, e não se aguentou quando

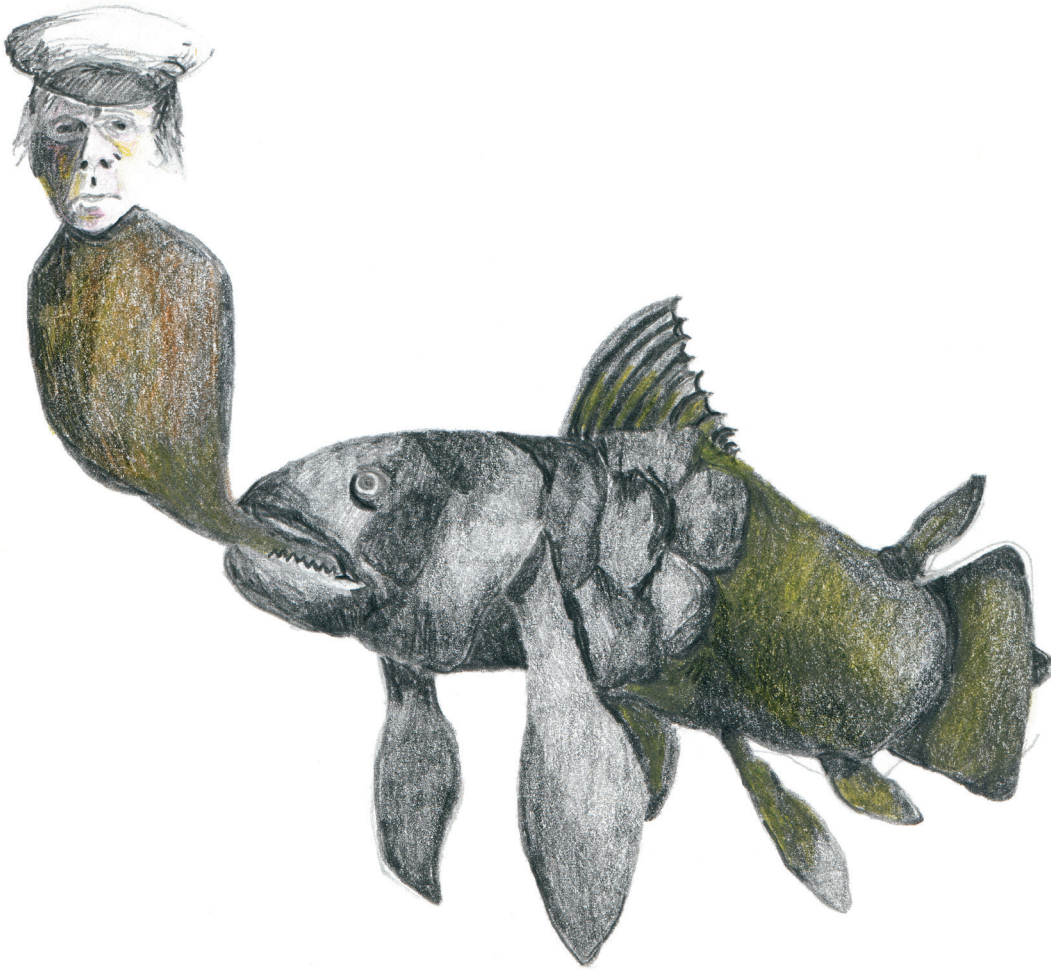


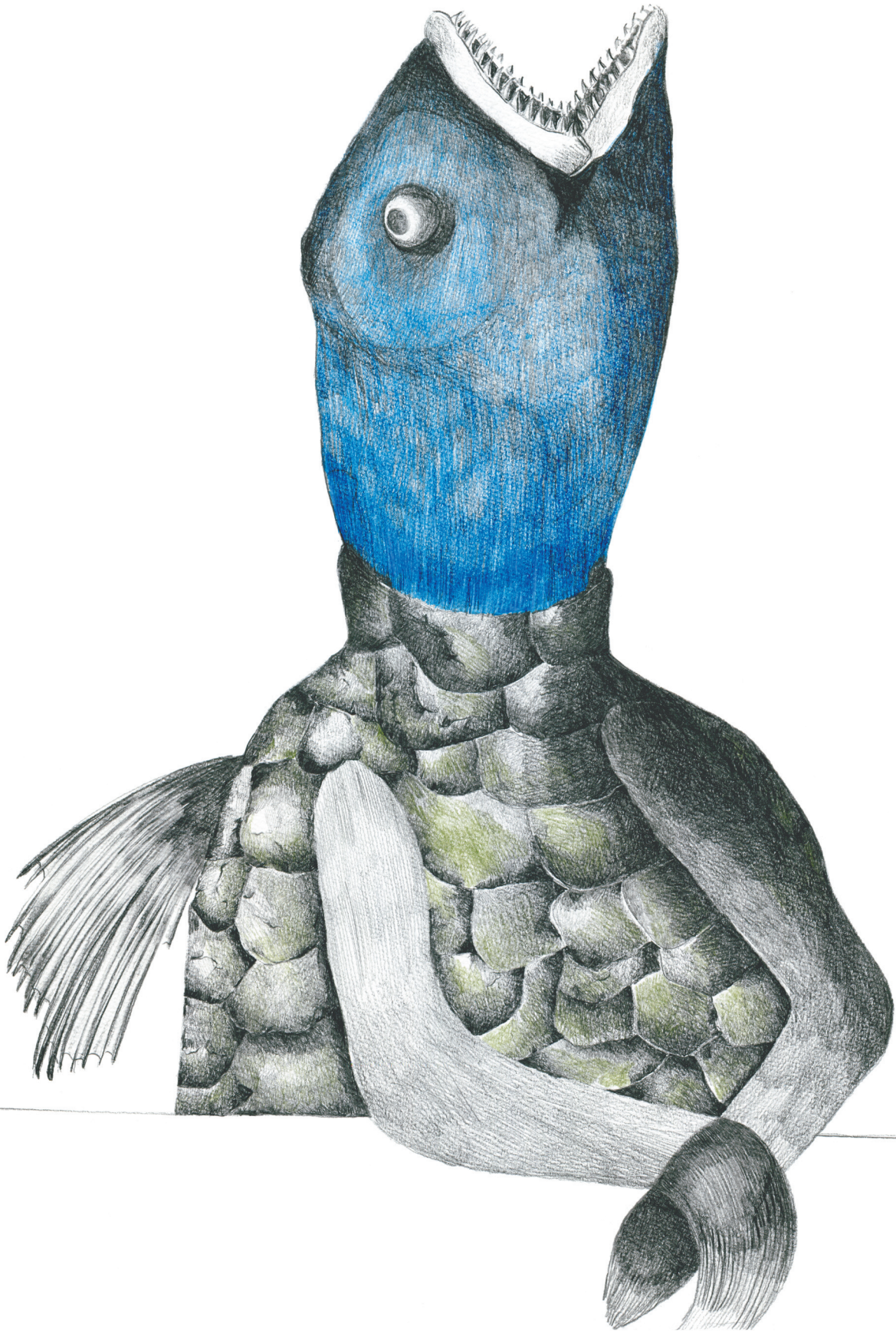
o médico disse: aguente-se. E as ruas são tão tristes.

Precisam de mais luz. Mas nesta, por exemplo, já puseram mais luz, e mesmo assim é triste. É até mais triste que as outras. Estou tão triste. Vamos para férias, para o pequeno paraíso. Contaram-me que ele tinha uma alegria tão grande que não podia agarrar num copo: quebrava-o com a força dos dedos, com a grande força da sua alegria. Era uma criatura excepcional. Depois foi-se embora, e até já desconfiavam dele, e embarcou, e talvez não houvesse lugar na terra para ele. E onde está? Mas era uma alegria bárbara, uma vocação terrível. Partiu. E agora chove, e vamos para casa, e tomamos chá, e comemos aqueles bolos de que tu gostas tanto. E depois, e depois? Ele era belo e tremendo, com aquela sua alegria, e não tinha medo, e só a vibração interior da sua alegria fazia com que os copos se quebrassem entre os dedos. Foi-se embora.

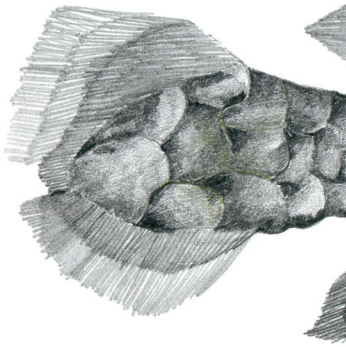


O COELACANTO





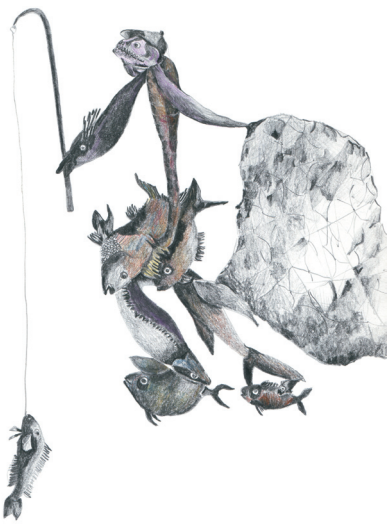
Entre os ictiologistas desta cidade conta-se a história de KZ, funcionário do ministério das finanças, casado, 54 anos. É uma história que confunde as leis, embaraçando aquelas perspectivas em que um homem fornece a visão em bloco de um potencial biográfico, e seu desenvolvimento. Segundo o ministério, observar-se-ia um escândalo de obstrução ao princípio de que um funcionário funciona. E as famílias sabem: Uma cabeça de casal avança pela responsabilidade dentro até cair de cabeça num buraco, no outro lado, e ficar na contemplação do fundo e enfim aberto espelho dos mistérios. Há uma trama de pontos de onde se é humanamente visível, e coincidem eles todos na suposição de que um carácter e o movimento dele, que é uma vida, se exprimem no tempo e no espaço por uma linha peremptória, direita. Mas entra nas considerações, para sobressaltar-lhes a coerência, já não dizemos um ponto de vista, mas uma certa emoção ictiológica, introduzindo-se deste modo no cerrado corpo da vida um elemento abrupto que alarma todas as simetrias. Trata-se da loucura ictiológica. Um ictiologista não age no interior da regra; funda-se fora dela, nessa emoção específica, emoção cruzada por complexidades e perplexidades, vislumbres, descentramentos, coisas evasivas ou expeditas — inapreensível na sua astúcia: um estilo antípoda. Os ictiologistas compreendem o estilo de KZ: estremecem à ideia dessa iluminação que, aos 54 anos, visitou o funcionário das finanças. Existe nesse entendimento um



pouco da justificação que eles mesmos buscam, e o calafrio de se perceber que uma aventura deve encontrar as instâncias próprias. O destino de KZ ganha então uma honra emblemática: a exemplaridade.

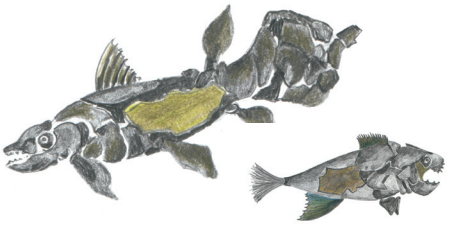
Sim? E eis a ironia da mulher de KZ, admirável ironia, convenha-se, pelo poder corruptor com que reduz rapidamente uma vida alargada pela paixão ao enunciado directo de que o marido perdera uma cabeça prometida a melhores razões. A senhora KZ apresenta um estilo maciço de extrema força. É a força da própria simplicidade: uma cegueira, digamos, antológica. O resto da família promove um movimento lateral: serve de recorrência, e permite a esse poder uma disponibilidade sempre irrigada, uma implacável constância de energia. Certa sugestão ofuscante é trazida então ao âmbito dos argumentos pelo jogo dos afectos, e essa massa de razões nasce de uma raiz tão forte, tão secreta, que qualquer tentação ictiológica seria monstruosa.

KZ não era ictiologista, e nisso se manifesta a manifestação da história. Vive numa apaziguada zona de penumbra, cumprindo leis, alheio aos enredos ictiológicos e à teia magnética da cidade. Receptividade difusa, uma desordem tal de vulnerabilidade que esse alheamento pode roçar a ciência das adivinhações. O seu destino é



uma cristalização luminosa.

Os ictiologistas são pessoas inocentes, ou sofrem do fascínio de certos preconceitos míticos, pois nunca puderam aceitar que KZ não se interessasse pela ictiologia. O primeiro contacto – mas fulminante – com a matéria rebarbativa foi a leitura de uma monografia sobre o coelacanto, peixe quase fabuloso que havia poucos anos se julgava desaparecido da terra e do qual se conhecia apenas fósseis dispersos. Mas um dia alguém descobriu um desses animais revulsivos, vivendo em águas perdidas, respirando sombriamente, comunicando o seu terrível hausto de vida a todo o planeta, à mais agreste memória do planeta. E o mundo dos ictiologistas foi subvertido por uma onda de loucura. Eles transportavam de um lado para outro fotografias do monstro focado de ângulos escolhidamente espectaculares e violentos. O que se fazia a favor de um imaginário de inverosimilhança e truculência. A ilustração verbal era bárbara, caótica, radical. E essa loucura ia e vinha pela cidade, realizando os seus círculos apaixonados e estéreis entre as dignidades quotidianas. Apareceram fulgurantes monografias que descreviam o peixe magnificente, peixe com trezentos milhões de anos, a sua cabeça monstruosa, as escamas ósseas, as barbatanas selvagens. Amor – eis a palavra. O puro amor dos ictiologistas. Mas a cidade era inatacável. A máquina



funcionava: os jardins, e a polícia, e os nomes, as imagens caçadas no ar, o trânsito das metáforas bancárias, ou os quartos onde se acorda para morrer, ou os nexos da lembrança, e a carne negra sobretudo quando os incêndios ameaçam passar de casa para casa, tudo: a vida inteira estancada como um dia entre duas noites, os medos, os ministérios. E os ictiologistas praticavam o seu terrorismo luminoso. Escreviam monografias onde a paixão interna corrompia a objectividade: era uma ciência rebelde.

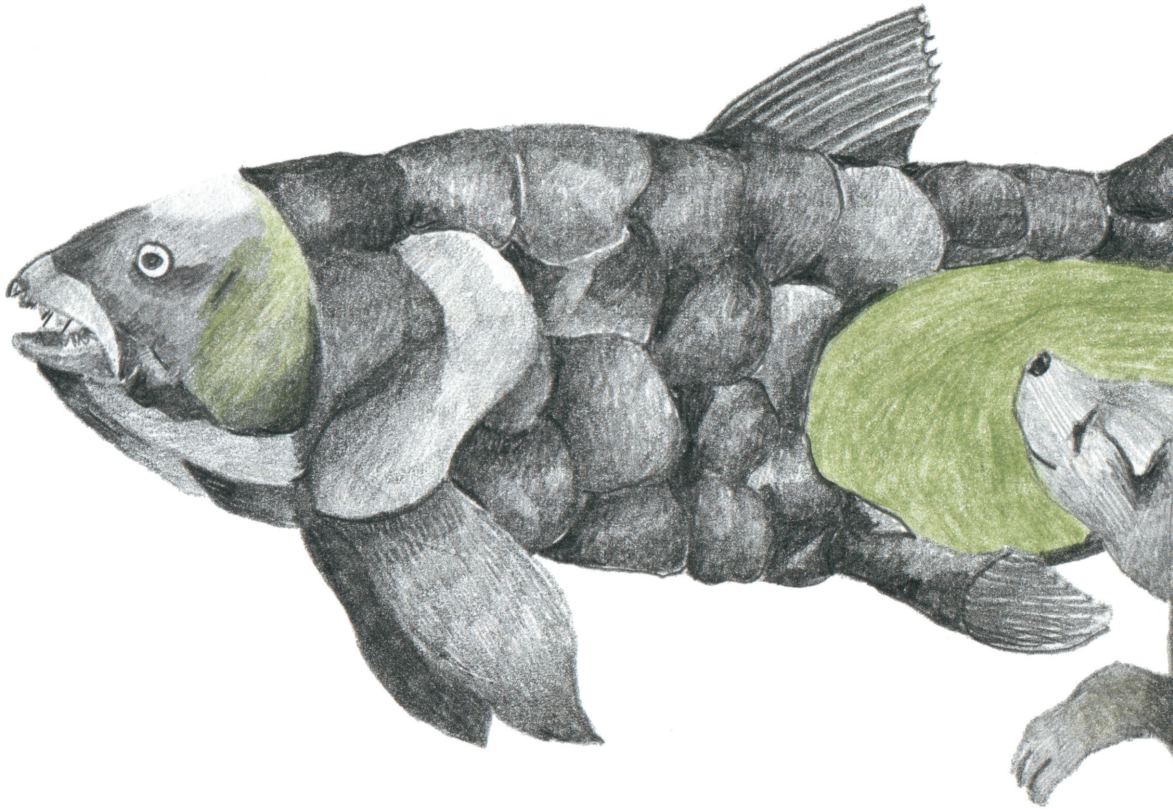
E KZ leu uma dessas monografias.

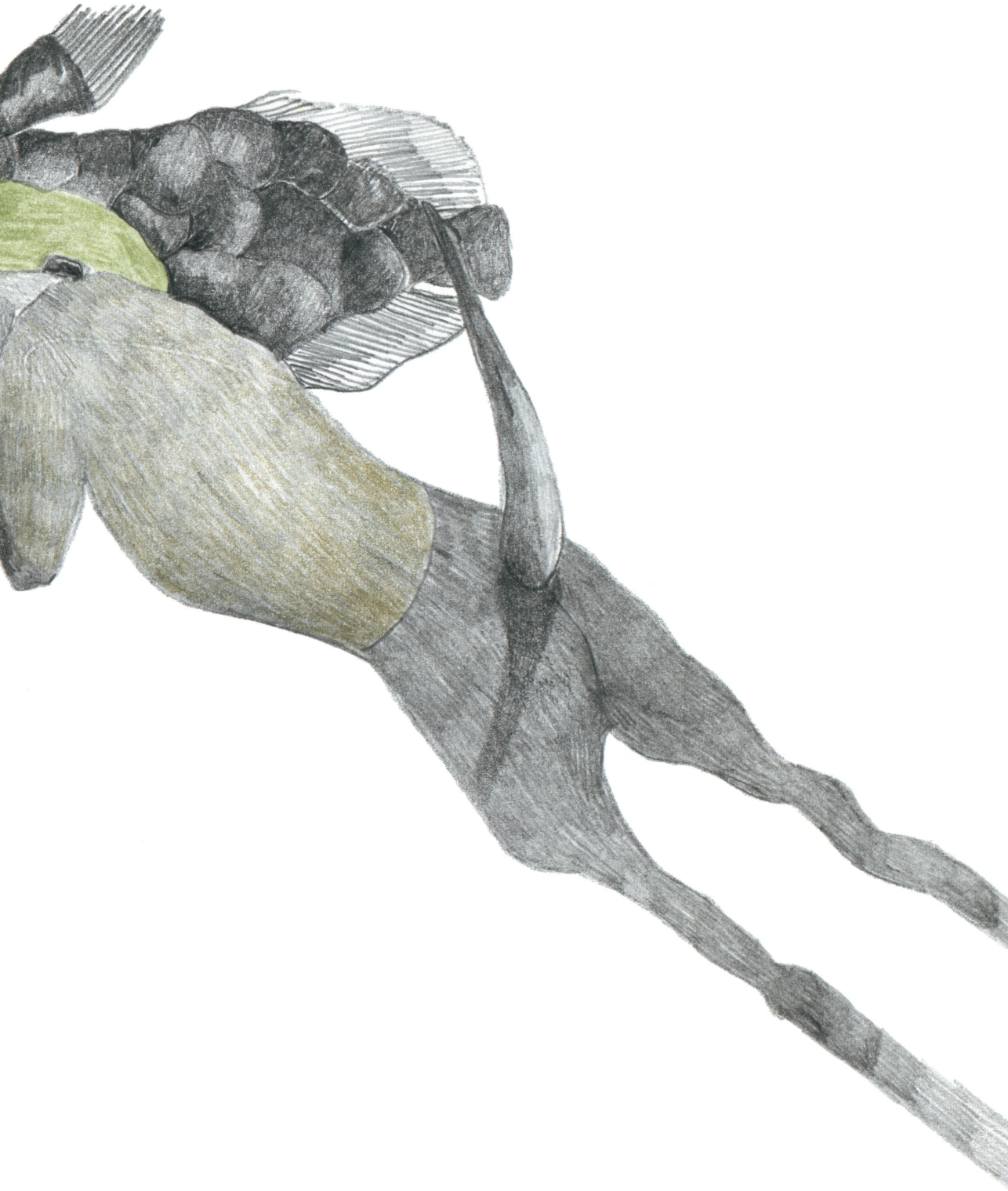
Não vamos imaginar o que aconteceu. Recordemos apenas aquela maneira desmanchadamente exemplar de cumprir horários, ceder a imposições e solicitações, perfazer dias, nada esperar. Recordemos também os hábitos de emoção e opressão privada, o convívio rasamente melancólico com os chefes, os colegas, as pessoas, o mundo. Enfim, essa presença obscura entre as coisas gerais do universo: a chuva, o vento, o sol, as nuvens, as árvores. E agora a brusca luz branca, e a cabeça empurrada por essa luz. Pensemos na áspera sumptuosidade da luz, no coração como o tecido de uma seca madeira varada de repente pelo choque da selva. Pensemos na veemência, a imagem relatada, essa fala que irrompe como uma

radiação nuclear das monografias abertas sobre a mesa com os pratos de filete dourado em volta, as xícaras de café, o açucareiro de onde caiu um pouco de açúcar amarelo. Podemos ouvir a voz da mulher velha dizendo frases apartadas, sem endereço certo, enquanto lava a louça. É o teatro docemente sinistro das vozes. Vozes lívidas, sem lume nem perigo. O círculo das fechadas vozes familiares.

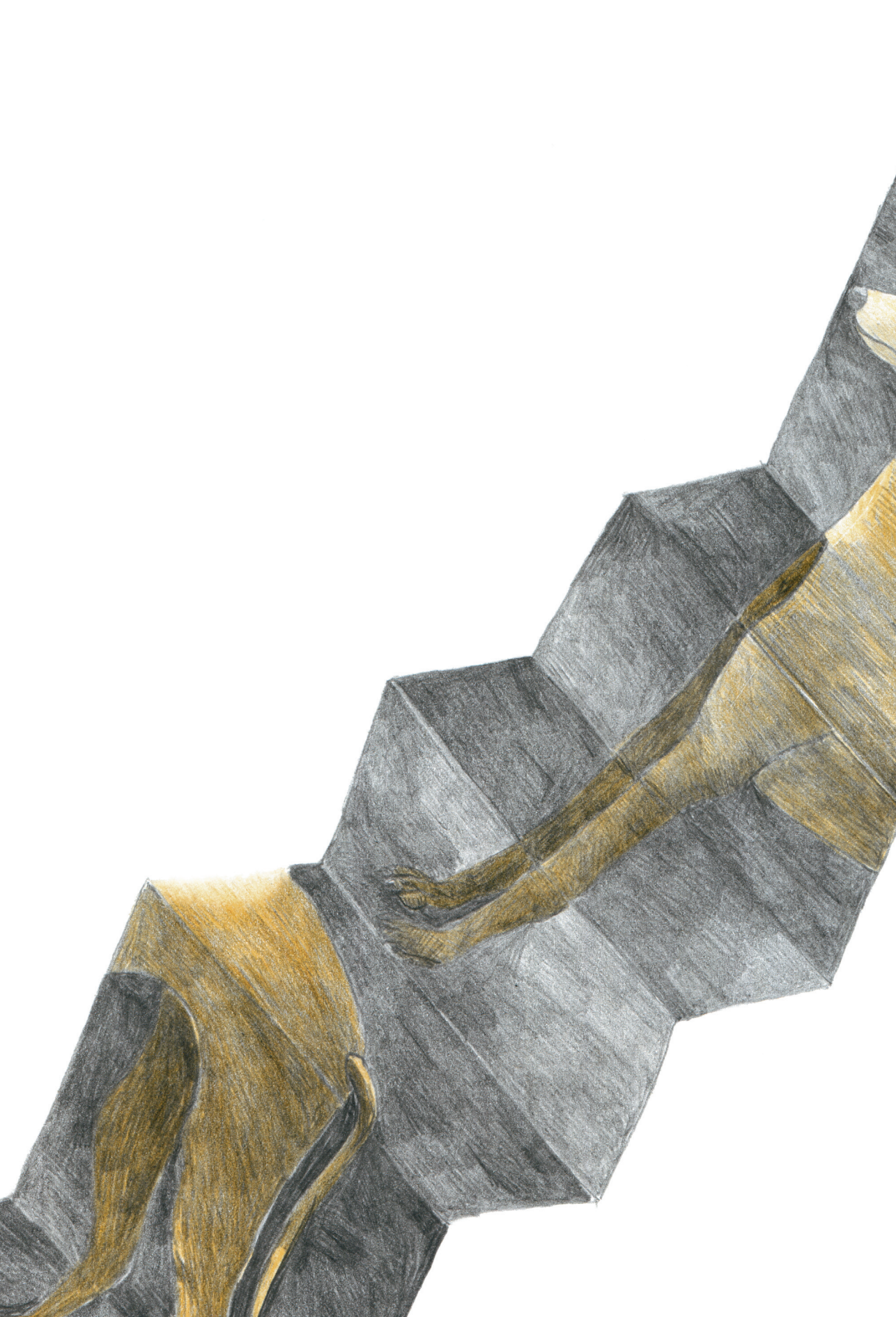
A labareda. Uma labareda que se desencadeia na cabeça nova arquitectada ao cimo do corpo, que afronta o mundo e o devassa como a vinda de Deus: a maneira demoníaca que Deus tem de arrombar as portas, quando toca com os dedos para se anunciar.

Então KZ abandonou tudo, e desapareceu. Deixou dito: Vou procurar um *coelacanto*. E nunca mais voltou, nunca mais voltará.



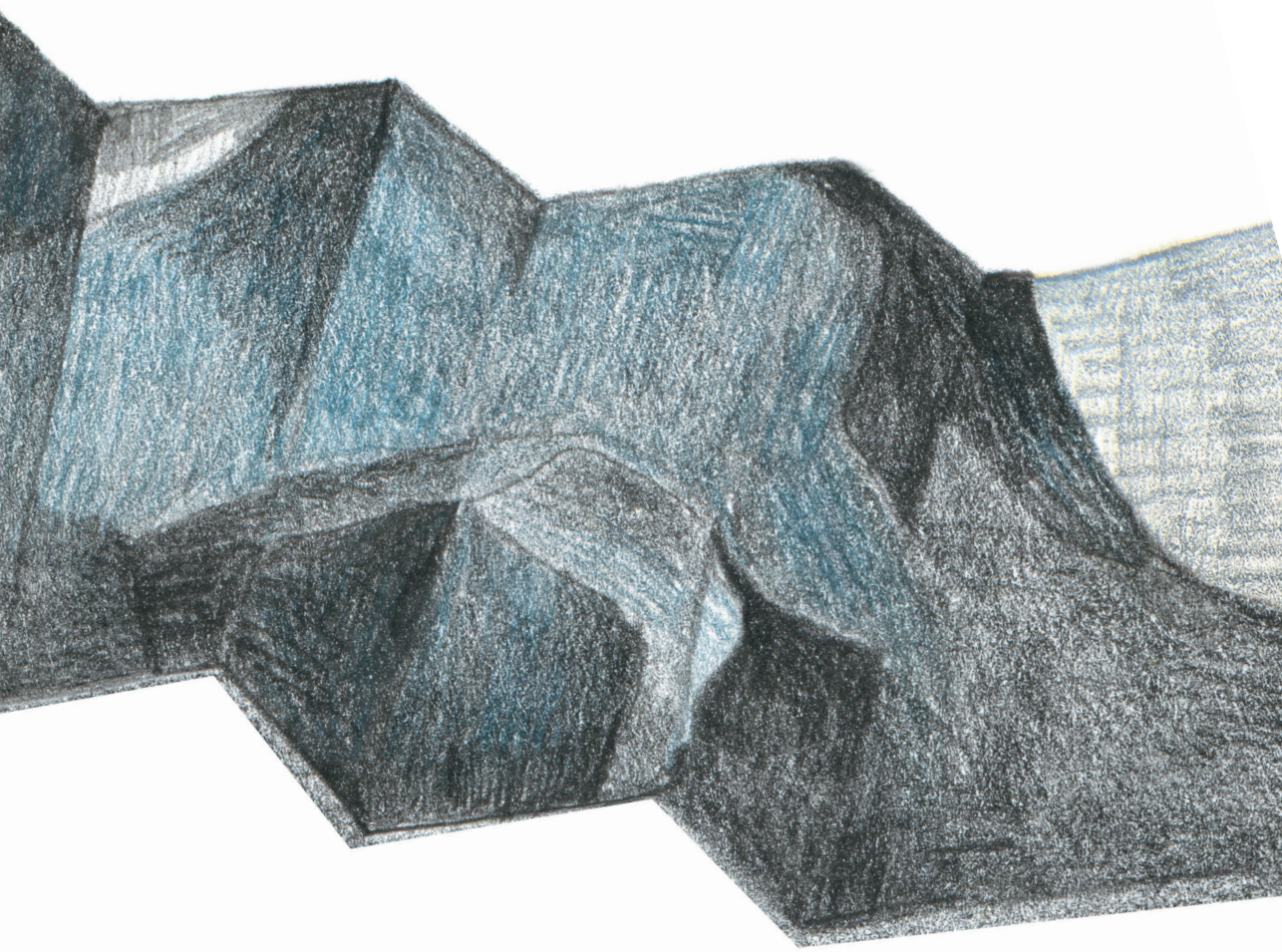


ESCADAS E METAFÍSICA



Quando voltei a Lisboa já não quis ir para a pensão. Estava farto de empregados do comércio e funcionários públicos. Apetecia-me ficar só. Comer aqui e ali em pequenos restaurantes e, no quarto, à noite, fumar um cigarro à janela, folhear um tratado de arqueologia. Não sentir ninguém nem falar nem me ver obrigado à condescendência ou à fraternidade. Sou um neurótico, vê-se logo. Um egoísta. Deixem-me. Não vou amar o mundo. Estou-me nas tintas. Aluguei então um quarto no sexto andar de um prédio nas traseiras da Sé. Conhecem esses edifícios velhos, com patamares e cancelas insólitas, súbitas derivações de corredores e escadas de três degraus partindo da escada principal para uma porta enigmática, pintada de castanho-escuro e com uma aldraba monstruosa? Admiro a inútil imaginação desses arquitectos e construtores. Atrás das portas castanhas mora um número inconcebível de pessoas. Ouve-se o tinir da louça, uma criança que chora, um balde de água despejado, os gritos agudos das mulheres. Depois, uma voz fala grosso. Não se percebe o que diz. Uma porta bate. Há gente no corredor. Vai-se ver. Nada. Ninguém. As pessoas perdem-se nos desvãos, degraus, cotovelos, nas penumbras da casa confusa. Está-se completamente só no meio dos outros. Os pátios são de pedra enegrecida, o puxador de ferro da porta oxidou-se pelos anos fora. Há uma solidez ingénua e sombria em todas estas coisas, um grave anonimato esparso. Tudo me comove e torna humilde: o corrimão sujo, os degraus gastos, os caixotes do lixo amontoados à entrada. Aluguei o quarto. Deitava para o rio onde eu via mastros e cascos sujos de barcos.

Mesmo em frente erguia-se a torre da igreja, e a confusão das construções apensas ao corpo principal do edifício. não lhes dei muita importância. Olhei melhor o rio e a outra margem, os exíguos quintais à roda, um miradoiro junto à entrada da Sé com gente sentada nos bancos verdes. Os eléctricos atroavam pela calçada abaixo. Das janelas pendia roupa encardida. Avistavam-se crianças bonitas e tristes através das vidraças. Alguém cantava, e o rio estava defronte, claro e lento, tão antigo quando me punha a olhar muito para as águas. Voltei costas à janela. A torre caia sobre mim. Ou observava-me cegamente. Gosto de toda a espécie de torres. São incompreensíveis. Foram construídas por pura bravata, um lirismo arrebatado e improfícuo. Debaixo delas funciona um motor que nunca pára. De que servem as torres? O motor trabalhava no meio de uma grande poça de silêncio. Não pensem que as torres desaparecem assim, que nos livramos delas. Inquietam-nos. Caem so-



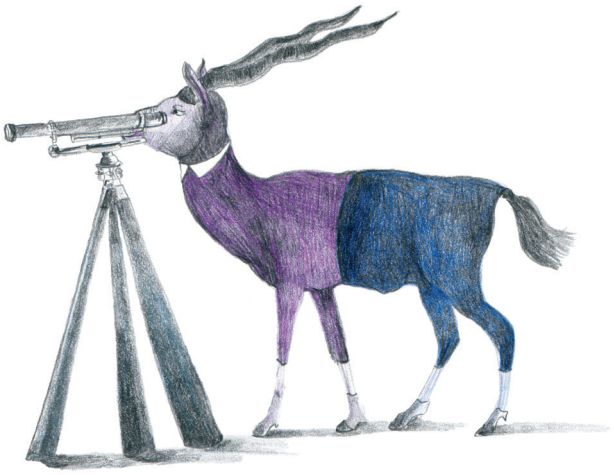
bre as nossas cabeças ou contemplam-nos, imóveis, implacáveis. E imaginara eu que mal reparara nela. É assim: estamos diante das coisas; não as vemos. Só mais tarde, absurdamente, sabemos que apenas fizemos isso: Vê-las e possuí-las. E ser apanhado por elas. Era Julho. Um clarão de luz caía sobre a cidade, vinha por trás e batia-me nas costas, despenhando-se no quarto como uma onda de água. Quarto ascético. Paredes nuas, cama de ferro, uma prateleira para livros, a cadeira, a mesa, o lavatório esmaltado. No chão, a minha mala ainda por abrir. Teria eu uma vocação? Qual seria? Que fazia eu nesse quarto? Que significava tudo isso?

Que significa tudo isto? — disse eu em voz alta, e voltei-me para fora.

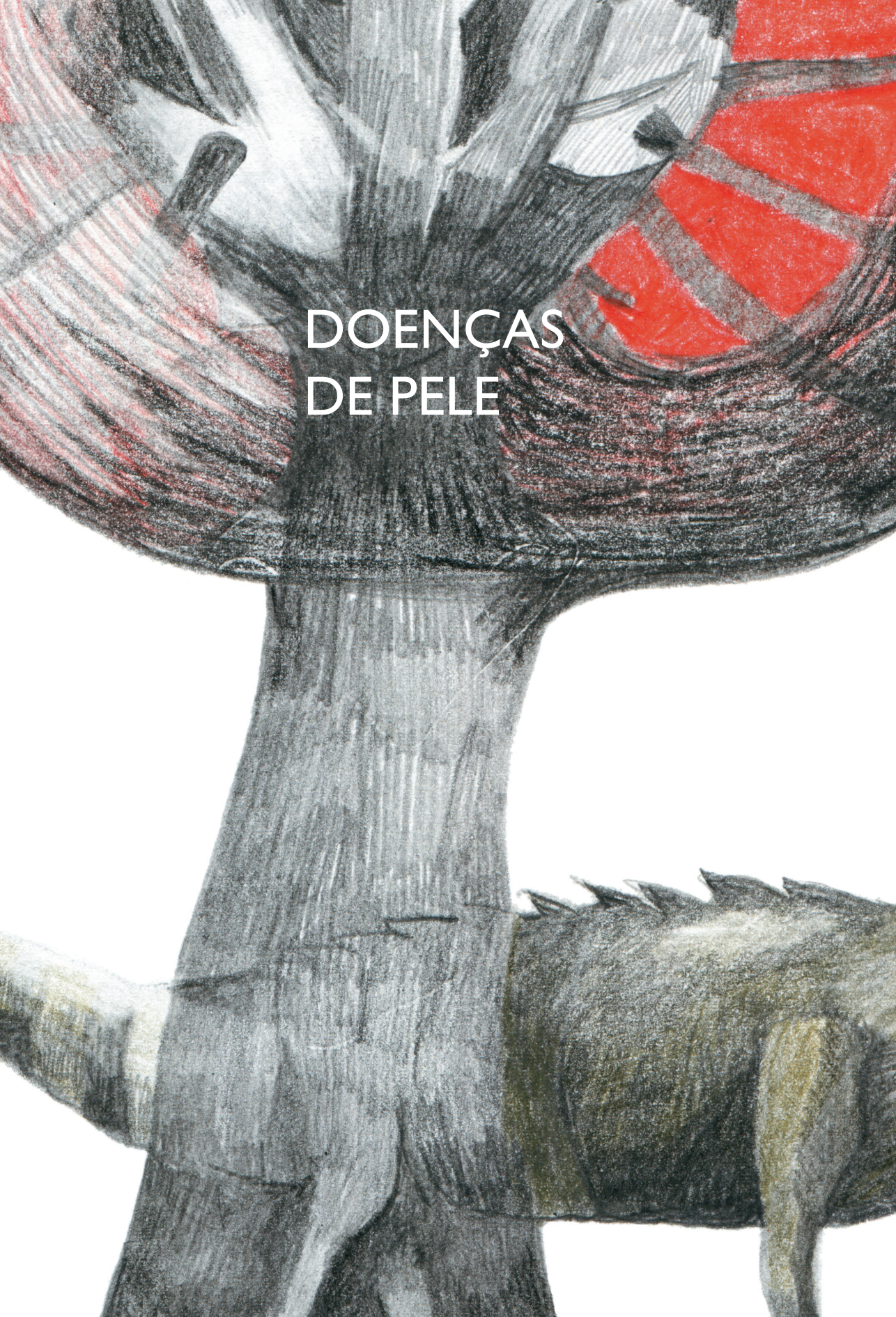
Subiam pelos flancos da igreja umas construções abstrusas: escadas de pedra, uma porta descolorida entre umbrais sem paredes.

Em cada minuto, durante semanas e meses, o vento trazia a poeira que se prendia à pedra. Depois cresciam aquelas plantas pálidas. É terrível a ferocidade criadora da terra. A terra gera inexoravelmente. Em qualquer lugar, na extensão do tempo todo. O rio continuava a correr em baixo. Então vim para dentro e estendi-me na cama. Passei algumas horas a ler. Quando anoiteceu, saí para jantar. Voltei cedo ao quarto e deitei-me logo. Estava cansado. A vida de um homem pode ser simples, rodeada pelas coisas nunca inquiridas. Comemos, dormimos. Contemplamos o pequeno mundo dos rios, igrejas, plantas e paredes cobertas de cal. Vida simples. Mas eu não conseguia dormir. Estava em mim uma suspeita, um assombro latente, uma subtil incompreensão. Porquê? Na adolescência sonhei muitas vezes que caminhava, com as mãos frias e vermelhas de sangue, através de uma aldeia onde havia casas de pedra sem portas nem janelas. A aldeia nunca mais acabava. Haveria algures uma casa iluminada. Uma casa com portas e janelas, iluminada por dentro. Nunca a encontrei. Acordava a tremer. O sonho repetiu-se ao lon-

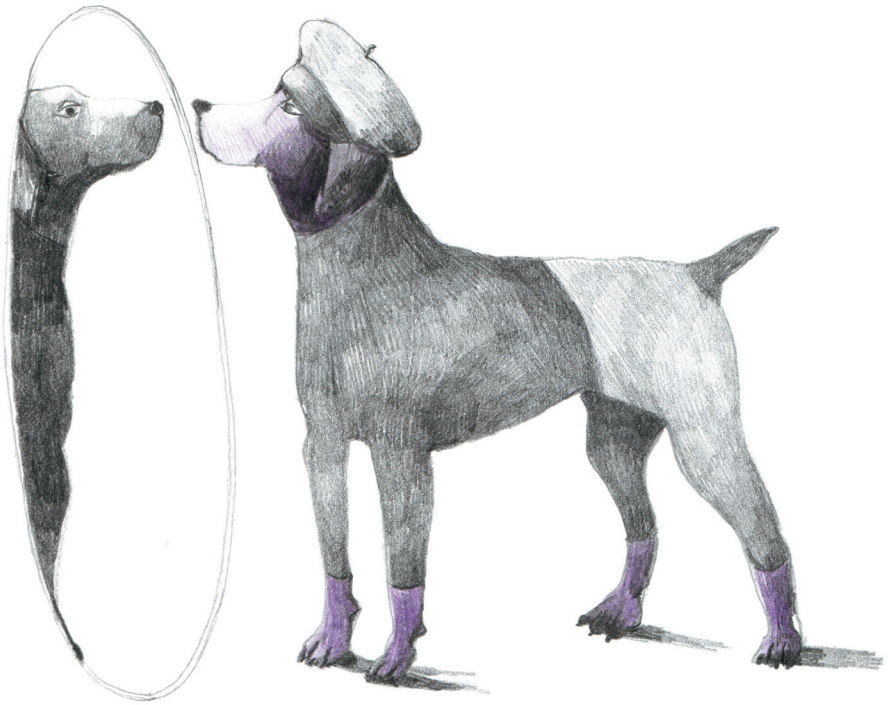
go dos meses. Penso que nada significava, ou significava tanto que nunca o entendi, nem uma vida inteira bastaria para verdadeiramente entender. Não dormia. Impossível. As casas respiram. Podemos ouvi-las durante a noite. Têm um movimento soturno e imperceptível sob a secura da noite. Breves ruídos que despistam, o estalar das madeiras, as horas num relógio escondido. Mas não se trata disso. É a respiração das casas que nos suportam, a nós homens, mas possuem uma vida independente, muito densa. Acendi a luz e pus-me a ler. Um capítulo sobre as estátuas gigantes da Ilha da Páscoa que têm uma pedra vermelha sobre a cabeça. Estas pedras vermelhas parecem significar a cor amarela dos cabelos... Merda. Vou fumar para a janela. Passo a noite assim. Até que a madrugada começa a vir do rio. Sobe devagar pelas coisas como uma grande língua fria. Aparecem as casas, o miradoiro, a torre. Vejo então, muito vivo na palidez da madrugada, o bloco junto à igreja, com as suas escadas incompletas que se interrompem uns três metros abaixo da soleira da porta descolorida, entre os umbrais suspensos no espaço. Que é



isto? A escada fica a meio percurso entre uma espécie de pátio, com montículos de arbustos rasteiros, e a porta que não dá entrada para sítio nenhum. E ei-lo, a esse último degrau, insólito, parado no ar: pura alucinação. Não era possível chegar à porta trepando pelas escadas. Mas se lá chegássemos, se nela batêssemos um dia inteiro, ninguém a abriria. Ou se a forçássemos, ficaríamos sob os velhos umbrais de pedra, com a vista para o rio, as casas, a cidade. As mesmas coisas que se vêem daqui, da janela. As mesmas que se veriam de qualquer parte. E o mais perturbante é que nem à porta chegaríamos, pois os degraus ficam muito abaixo da soleira. E, reparo, nem às escadas é possível ter acesso. Não se vê como alcançar o pátio de onde arrancam. Só o vento cego traz para ali a poeira invisível, ao longo dos meses, ano após ano, e nascem então esses arbustos inúteis. Os arbustos que parecem sofrer como um pensamento, sob a luz feroz, entre as cruéis linhas de pedra. Não sei nada. Atrevo-me a acender um novo cigarro. E o terror entra silenciosamente na minha vida.



DOENÇAS DE PELE



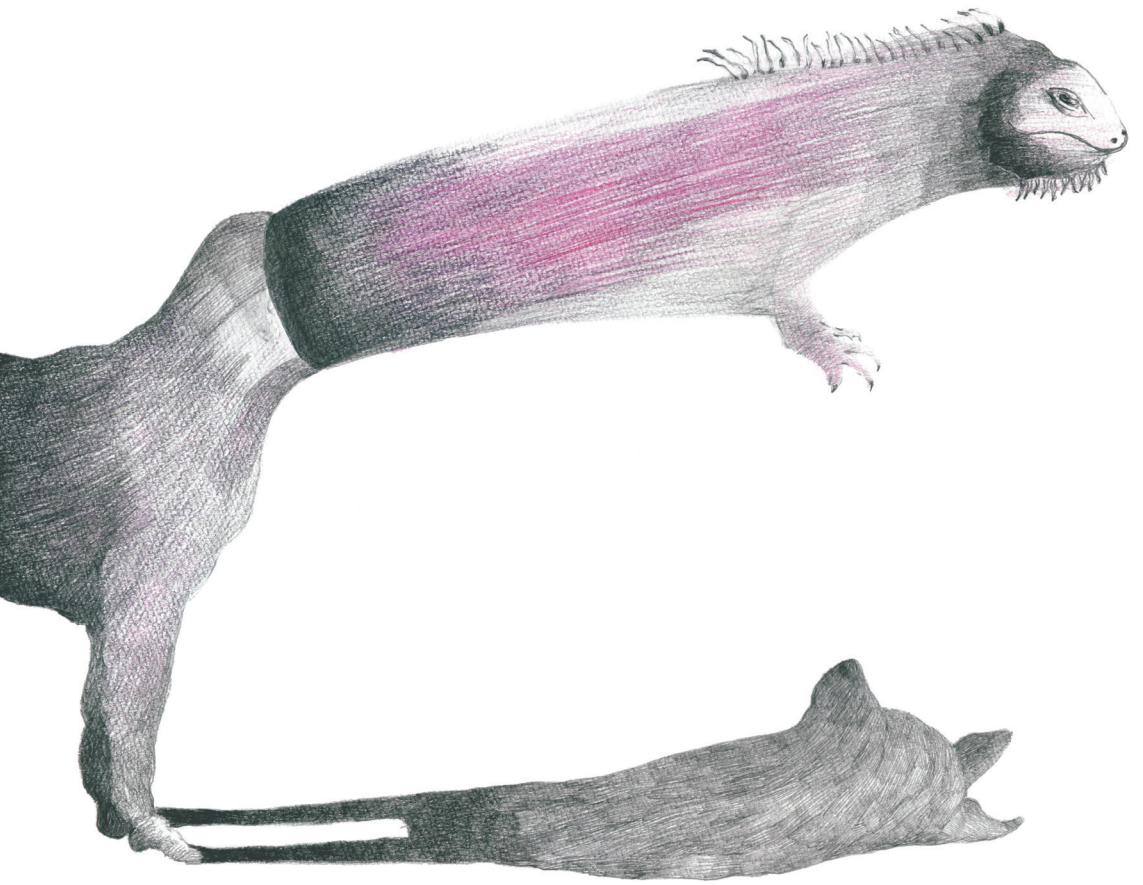
Numa noite de maio com grossas estrelas no ar largo, olhei para as minhas mãos e vi uma nódoa branca. Eu era um homem tranquilo, emocionalmente disponível, mas defendido contra as vertigens da dissipação. Convivia com bastante gente. Claro, não amava ninguém. E então vi de súbito a nódoa na mão direita. Gosto da mão direita, associo-a porventura à tradição de que é um nobre instrumento da obra, de que se articula com a própria profundidade dos nossos talentos. Estas eram as minhas ideias, e através delas ciência e serenidade ligavam-se às fontes naturais do mundo. O tempo, os lugares, a memória, a fortuna dos dias, fundara-os eu numa estratégia do desejo, de que tudo parecia fazer-se cúmplice. Considerava-me uma pessoa sem culpas, conhecendo o valor das regras, amando o vagar da terra e das estações. Organizara um conjunto de aforismos; talvez acreditasse mesmo na justiça. Havia de talhar um talhão de rosas. Rosas tornam a alma persuasiva e expansiva; os gestos arredondam-se quando cuidamos de plantas. Mas estava sentado a ler, e vi então uma nódoa esbranquiçada na base do polegar. Supus que fosse da claridade, pensei depois que alguma substância deixara ali aquela marca. Desloquei a mão e a mancha ficou no mesmo sítio. E quando a esfreguei com o polegar da mão esquerda, nem de leve se alterou. Que pensar? Devia ser qualquer irritação de pele, um eczema branco. Bem. Maio é o mês de que mais gosto. O livro era excelente. Quanto ao resto, é óbvio que eu me alheava das pessoas que estavam ou entravam ou saíam da minha vida. Nutria-me de certo tipo de inteligência e cultura: um ar

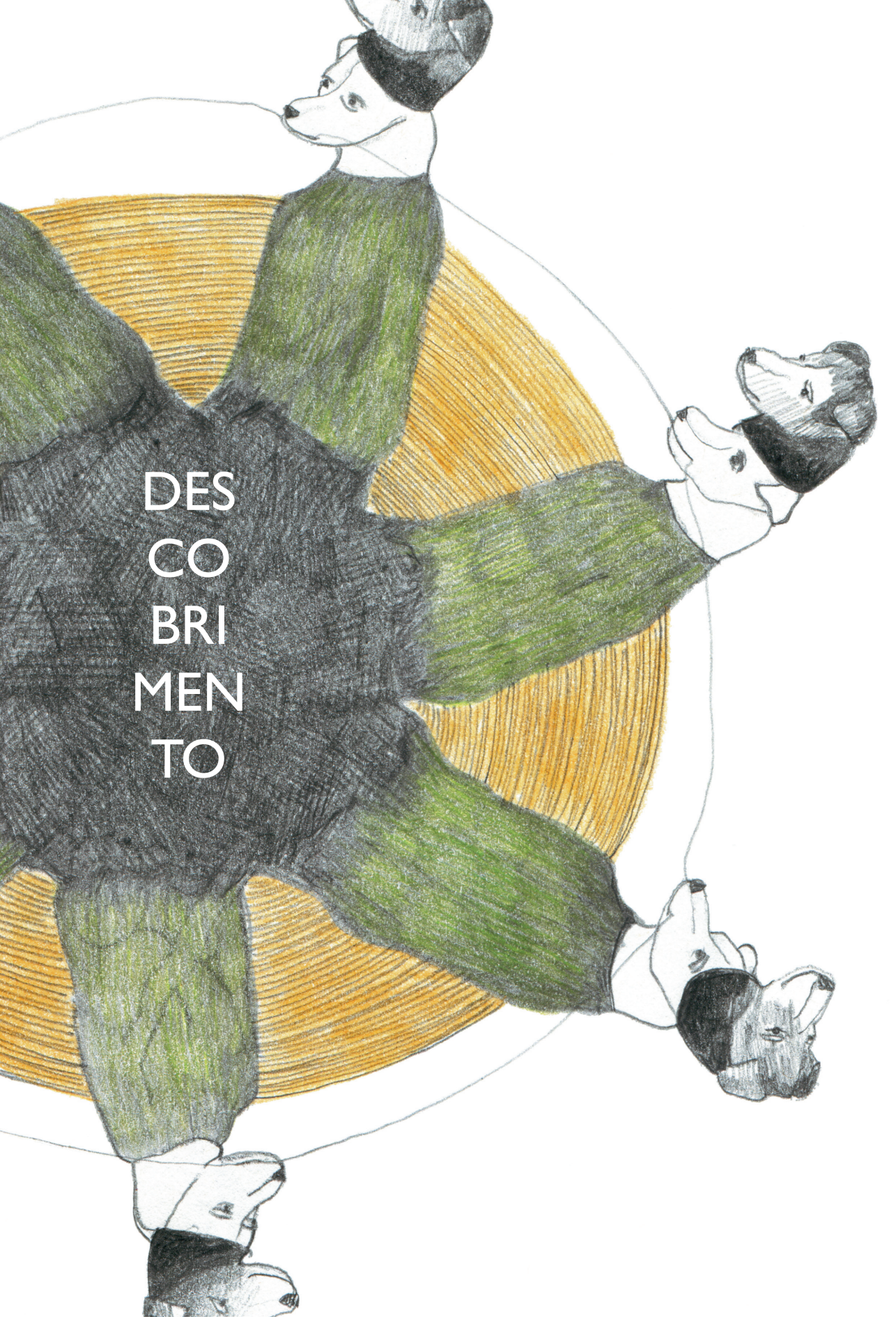
geral que se respira, forma ou modelo de ver e ser visto. Não me faltava uma esparsa ternura sem compromisso pelas pessoas e as coisas; cepticismo manso; uma aproximação do mundo por assim dizer lacónica; atenção e renúncia. Mas quando me fui deitar, e pus a mão sobre a coberta da cama, notei que a mancha aumentara. Abrangia agora toda a base do dedo como um anel grosseiro. Lembro-me de que levantei a cabeça, um pouco de lado, e olhei para a janela onde as cortinas brancas pulsavam. Vinha da rua, de um jardim próximo, suponho que o aroma a cravos. Ouvi alguém falar, uma voz baixa de que só apanhei duas ou três palavras desligadas, de repente espantosas. Mas eram palavras banais, porventura sobre o tempo, os cravos, a noite, sei lá. A minha mão tremia, também me lembro, e a noite acumulou-se de repente dentro desse instante, uma noite compacta, irremovível. Estive à beira do pânico, mas olhei à volta e senti que vivia no lugar que eu próprio escolhera. Era um homem coordenado com os dias, entendendo que a matéria da minha existência, doce e dócil, afrontava a matéria do mundo e se amansava nos dedos desse mundo. Mas uma força dramática parecia libertar-se agora da magnética e frágil trama estendida entre mim e as pessoas. Pensei nelas, nas pessoas, e achei belos embora avulsos os seus rostos, e os seus gestos, a maneira como rodavam entre si, projectadas naquela curta luminosidade. Pensei que se moviam igualmente à minha volta, despedindo os seus lampejos rápidos, passando. Compreendi também o alcance do meu poder. Iria a um médico? Talvez fosse. Á noite tive um sonho incómodo onde se representavam umas escadas de pedra; do cimo delas, eu fazia um sinal imperceptível de despedida a alguém que se afastava em baixo. Atravessei portas que se abriam e fechavam à minha passagem sem eu lhes tocar. Depois senti-me cair

de um telhado que lentamente se inclinava e por onde eu ia rolando. Havia um pântano no fundo, e mergulhei nele. Durante o sonho, a mão direita agarrava um punhado de brasas. Acordei bruscamente e acendi a luz. A mancha alargara; uma outra, ainda mais intensa, enchia-me a palma da mão. Foi assim que os novos dias invadiram a minha vida, e eram dias sombrios e ardentes, enquanto as manchas apanhavam a mão e avançavam já pelo pulso acima. Não era ainda o medo, mas as minhas convicções vacilaram e comecei as esconder a carne contaminada e a aproximar-me mais das pessoas. Abandonei a ideia de consultar um médico, pois cada vez menos desejava saber se era uma doença, ou que doença era. A mão ganhara uma insólita nobreza, outra, uma nobreza nova, terrível. Ela, que antes me dera o sentido do exemplo criador, a mão humanista, perdera o talento de ser hábil e construtora: era agora a mão nefasta, proibida entre os homens, subversiva. Vingava-se, com o anúncio desta figuração dramática, do que representara em plácida dignidade e inteligência sobre a desordem. Arranjei uma luva, e esta

terceira mão, de pelica, movia-se sem jeito mas incólume, com a sua pureza artificial. Cheguei a possuir um talento menor de pelica. Mas aproximava-me mais e mais das pessoas, e tinha com elas conversas apaixonadas e instáveis. Principiava a amá-las com aflição; a amar esses rostos tremendos no seu prestígio distante, nessa espécie de cerimonial apartamento; e as palavras; as mãos com que, surpreendidas, tocavam na minha luva. Em casa, punha-me a escutar o rumor dos vizinhos, os seus passos pelos quartos, as frases mais altas, canções distraidamente trauteadas. Ia para a janela, por detrás das cortinas, e estremecia de emoção ao ver o remoinho humano das ruas. Eu sabia que a inocência é cúmplice do mal; ignorava apenas onde atam ambos o seu nó estrangulador. A mancha alastrara. Atingia um terço do antebraço, e era cada vez mais branca. A mão esquerda principiara também a ser atacada, e certa manhã descobri no meio da testa uma mancha redonda como um olho. A propagação foi rápida. Da raiz dos testículos subia já o florescimento maldito, enquanto pelos dedos e na cara as manchas cresciam sempre. Agora eu só saía à noite, a ocultas, comprando em lugares escusos alguma coisa para comer. E o meu amor às pessoas também crescia, varado por estranha violência, uma fraqueza, um pânico louco, uma veemente melancolia. Um dia comprei uma garrafa de aguardente e embebedei-me no quarto. Despi-me todo: era branco e repugnante. Tinham-me caído as sobrancelhas e os pêlos do púbis e, por toda a parte, a carne tornara-se inconsistente. E vi então em mim, no meio da bebedeira, certa beleza tenebrosa, uma danação pela qual me apaixonei. Adormeci nu sobre o soalho chorando de áspera e árida alegria. Era forçoso afastar-me dos outros. Poderia acaso meter-me inteiro dentro de uma grande luva de pelica? E o meu amor pelas pessoas desenvolvia-se sempre. Ficava com os olhos húmidos, eu, só de imaginar que nas casas, nas ruas, debaixo do sol, ao vento que lhes agitava os cabelos, elas

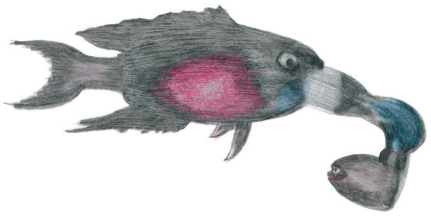
andavam, corriam, falavam, e sorriam e riam. Amava-as. Nu, defronte do alto espelho vivo, tocava devagar no corpo, e sentia vómitos. Transformara-me num réptil branco. Contudo penso ás vezes que não era, nem é, uma doença física: lepra ou coisa assim. Talvez o meu corpo esteja como dantes, fechado, intacto. Talvez a lepra me tenha atacado noutro sítio, numa região irrevogável. Talvez entre o amor e o mundo haja uma chaga pior — a memória mortal. Mas como pode a memória ser assim tão esperta e implacável, tão acerba, renovando continuamente o instante completo, o crime completo até dentro, tudo: o impulso nascido da mais obscura intransigência, o gesto que exprime inteiramente a biografia, ou o poder do coração que não deixou escapar uma única parcela da atrocidade e da ciência? E renova também o vertiginoso arrepio do espectáculo: o corpo onde a ferida muito estranhamente talha a carne em duas. Na casa ao lado cantavam. Um bafo de flores e terra molhada vinha de baixo. Um telefone tocava em qualquer parte. E, na treva do quarto, luzia a fundura do espelho. Eu estava nu, lá dentro.




DES
CO
BRI
MEN
TO

Antuérpia é uma cidade difícil. No fim de fevereiro o grande lago do parque junto à Avenida Rubens estava completamente gelado, e os pássaros andavam sobre a camada de gelo. À tarde as ruas eram muito serenas sob a luz fina e fria. Caminhava-se pela cidade com a ideia feliz de morrer em breve, sem dor, depressa. Era quando se parava à saída da Gare du Midi, com o rosto voltado para a cidade severamente oferecida. Percebia-se como era difícil. Havia várias ruas para escolher, e avistava-se perto uma praça. Foi isso que lhe aconteceu. Principiava a escurecer quando saiu da sua viagem de algures até Antuérpia. Chegava com uma pequena mala de mão, uma dessas malas que levam apenas duas camisas e uma escova de dentes. A mala de um vagabundo ou um descobridor de cidades.

Aquela era uma cidade do norte, notava-se bem, uma cidade flamenga. A que vinha o nome francês de Anvers? Estavam treze graus negativos. Abriam-se algumas ruas em frente da estação. Perto, a praça. Depois da praça, outras ruas, outras praças. A névoa enchia os caminhos, e as pessoas passavam como fora da realidade, apareciam e desapareciam, tão vagas, imperceptíveis, que se duvidava tivessem um quotidiano, a esperança, que morressem, nascessem, morressem. Compreendeu logo que ali tudo seria muito difícil

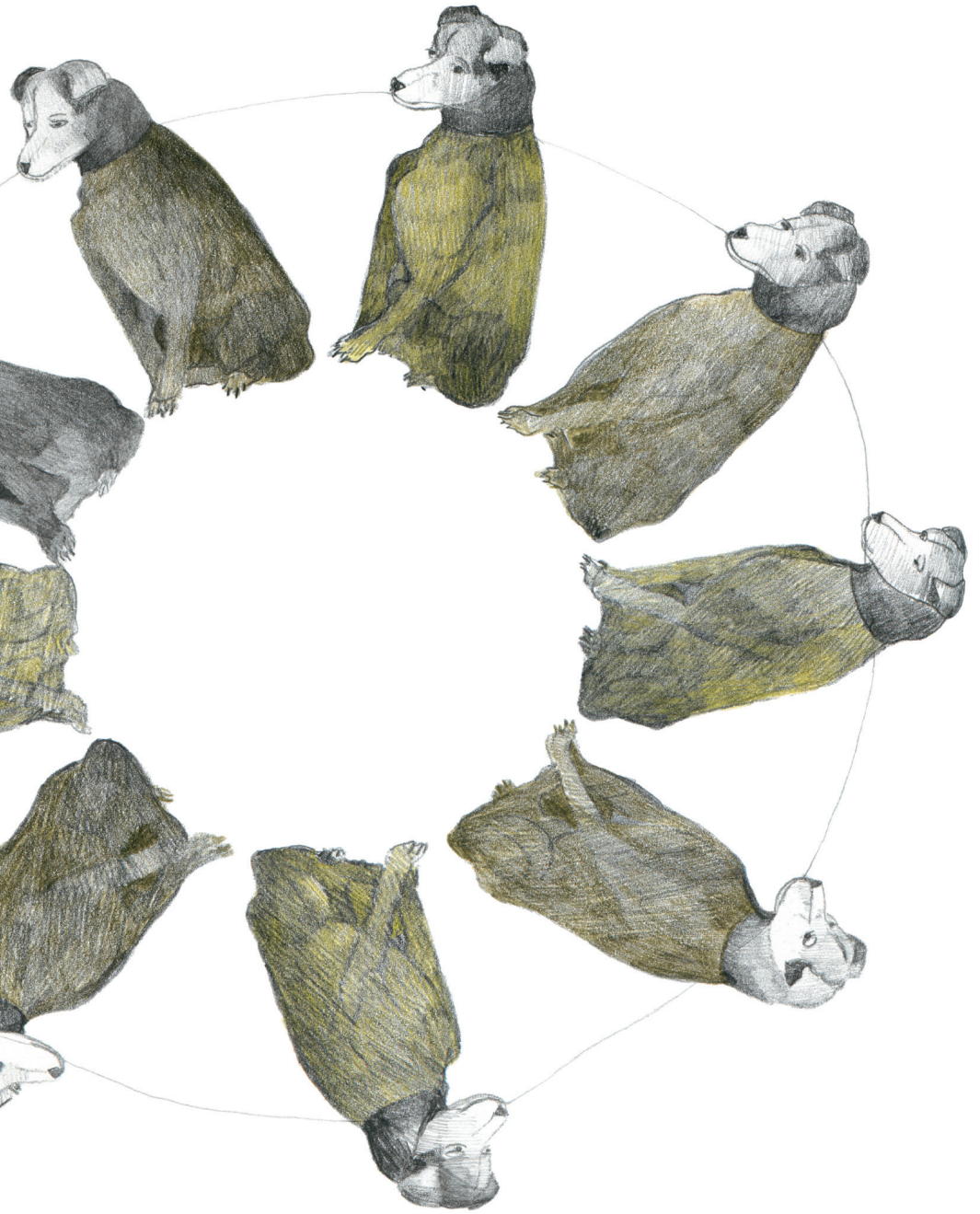


e, por conseguinte, só ali valeria a pena procurar. Procurar o quê? Nunca se chegará a saber o que viera procurar aquele homem, o que fazia ele em Antuérpia no fim de fevereiro gelado. Teria um propósito, parecia não vacilar sob as luzes que começavam agora no meio do nevoeiro. Os anúncios luminosos pulsavam: era o corpo da cidade; e essas figurações vivamente entalhadas na noite, essa escrita brusca, renascida, eram indecifráveis para um intruso. Entendemos tão pouco as belezas bárbaras da civilização. Com o doloroso propósito de descoberta, ele era apanhado nas pistas inextricáveis de uma cidade do norte. As próprias pistas interiores confundiam-se, invadidas pelo nevoeiro. Caminhou sob o fascínio misterioso das lâmpadas que acendiam e apagavam — ele, o pequeno homem só, o homem feroz que vinha inspirado de muito longe e procurava — caminhou por uma rua, e por outra depois, e foi ter a uma cervejaria. Entrou e pôs ao lado da primeira mesa a mala de descobridor de cidades . A caixa de música tocava uma canção em voga. Toda a gente bebia. O estrangeiro bebeu também. Lembrou-se da torre à entrada de Antuérpia, quando se vem do sul por caminho de ferro. Que seria aquela torre, para que serviria, quando fora construída? E que era uma cidade, para que servia uma cidade? As pessoas metem-se nas cervejarias e ouvem música, falam, riem, bebem cerveja. Estão treze graus negativos em toda a parte

de uma cidade. Um estrangeiro acha sempre difíceis estas coisas.

Mas o homem saiu da cervejaria. Não poderia ficar ali eternamente. Não era da cidade nem descansava de um dia de trabalho. E andou por mais ruas e praças. Às vezes parava ao pé de um cinema ou diante das montras. Entrou na tabacaria e comprou um maço de cigarros. Outra vez, ao dobrar uma esquina, deu de frente com uma mulher jovem e ficou muito tempo com esse rosto na memória, cercado pela névoa. Parou a um canto de uma rua escura e urinou, e quando levantou a cabeça viu um padre. Tudo isto era absurdo. Ou antes, as coisas complicavam-se. Tratava-se de uma cidade difícil. Não podia averiguar até que ponto a sua alma — dele — era inocente e, depois, até que ponto a inocência é uma arma. Talvez fosse melhor ter a alma corrompida, conhecer já uma cidade do norte. Só conhecia o sul, as paisagens claras e violentas. Sobre a inocência ou a malícia, já muito pensara. Estivera deitado sob as árvores ou nos quartos escuros das pensões de várias cidades a pensar na inocência e na malícia, e às tantas deixava de saber se a sua vida fora alguma vez visitada ou se era virgem.

Depois de ter urinado e visto o padre, voltou pela primeira ruela à direita e saiu num pequeno largo. E foi então que encontrou a rua circular. Meteu por ela sem nada prever. Continuava a pensar na inocência e na corrupção da alma, quando notou que acabava de desembocar no mesmo largo de antes. Parou perplexo. Fez o que fazem todos aqueles que procuram: entrou



na mesma ruela, percorreu-a de novo, agora sem pensar nas qualidades da alma, e saiu outra vez no largo. Fez isto cinco ou seis vezes, talvez mesmo sete vezes. Depois procurou uma cervejaria e bebeu outra cerveja. Olhava o copo amarelo e gelado, e as mãos tremiam-lhe. Não se sabe em que pensava. Imaginemos somente as circunstâncias: um homem chegara a Antuérpia ao cair da tarde, estavam treze graus abaixo de zero, os pássaros andavam sobre o lago do parque — as luzes, o nevoeiro, a língua (talvez não percebesse uma palavra de flamengo). Meu Deus, que doçura se pode encontrar numa existência assim? É uma vida difícil. Imaginemo-lo diante do copo de cerveja, cercado por gente branca e loura, de olhos azuis, gente que ri em flamengo, bebe em flamengo, ouve (entre o fumo e a música) no flamengo de Antuérpia. As mãos tremem-lhe à volta do copo frio. Perplexidade, porventura um pouco de alegria, uma curta alegria inocente, desprevenida, no meio disso tudo, no seio da própria dificuldade. E partiu novamente com a mala de couro. Caminhou pela cidade como se tivesse muita pressa. E quem pode dizer se à noite, no estrangeiro, depois de duas cervejas no estômago vazio, a rua circular não era mais circular ainda? Ele começava por aquela praça onde havia o anúncio luminoso dos automóveis "Packard" e acabava na mesma praça, com o rosto ansioso voltado para as mesmas letras acendendo em vermelho no meio da névoa: P-A-C-K-A-R-D. Pode-se recomeçar sem vezes uma frase musical. Comprova-se cem vezes uma experiência física ou química. E ainda se verifica ser no abismo que se verifica a ascensão. Percorria a sua dúvida (agora já não considerava a inocência ou a astúcia) para chegar sempre à praça, e de novo duvidava. Várias vezes ainda entrou nas cervejarias próximas. Dizem que Goethe escreveu e rescreveu os seus poemas. Leornardo era mortalmente paciente diante das cores. E que sabemos dos outros, os mais antigos? Tudo é eternamente recomeçado. Não se sabe o que acharam. Acharam alguma coisa — os antigos, os modernos?

O que esse homem procurava e achou não é exemplo. E embora toda a poesia seja uma proposta ou uma solução moral, nós, os desta nação, mal podemos imaginar as alegrias e dores do homem estrangeiro, ao frio e à névoa, na grande solidão dessa rua circular que talvez não exista em Antuérpia nem noutra qualquer cidade do mundo.

Mas quem pode confiar em nós, que somos desta terra, e por isso tão pouco a conhecemos?

AQUELE QUE DÁ A VIDA

Um touro preto é uma espécie de massa rebarbativa, com uma obscura vida interna onde se imagina que circulam imagens fundas e carregadas. É difícil discernir os teoremas que, pela ação, vai demonstrar. É a maneira como o fará, com suas improvisações e inspirações repentinas. Mas existe uma fenda nesse sistema de energias, a ponta de um ferro, a imperceptível abertura oferecida pelo destino à derrota e à morte. Pois cada criatura sutilmente se conjuga com os impulsos da destruição. Tecido de imperscrutáveis forças que de súbito se animam. É um jogo cerrado, difícil.

Um touro preto inclina-se para a fonte dos seus poderes, enquanto por cima dele se abre o minúsculo orifício por onde todos esses poderes, desmontados, se escapariam. Assim também um homem: somente é menos estrito o campo das energias, e o corpo menos fechado em si mesmo. E é mais labiríntica a matemática das suas regras, minuciosa, e mais exposta e vulnerável, se de repente a imaginação se distrai. Mas a astúcia incita a imaginação. E o homem sai da casa de que sai pouco, e vai pelos caminhos desertos irradiados da casa.

São caminhos poeirentos debaixo do sol, e ele esforça-se por entender a nova mecânica dos espaços e movimentos. Não se trata já do lugar de repouso e solidão. Ainda não há pessoas. Apenas árvores vagas, poalha vaga, pedras e sussurros. Ele desloca-se através da imobilidade do ar, entre a difusão das formas. Move-se agora fora da casa, nos círculos exteriores, cercado por pequenas coisas, pó, vegetações, insectos fulgurantes. São os caminhos

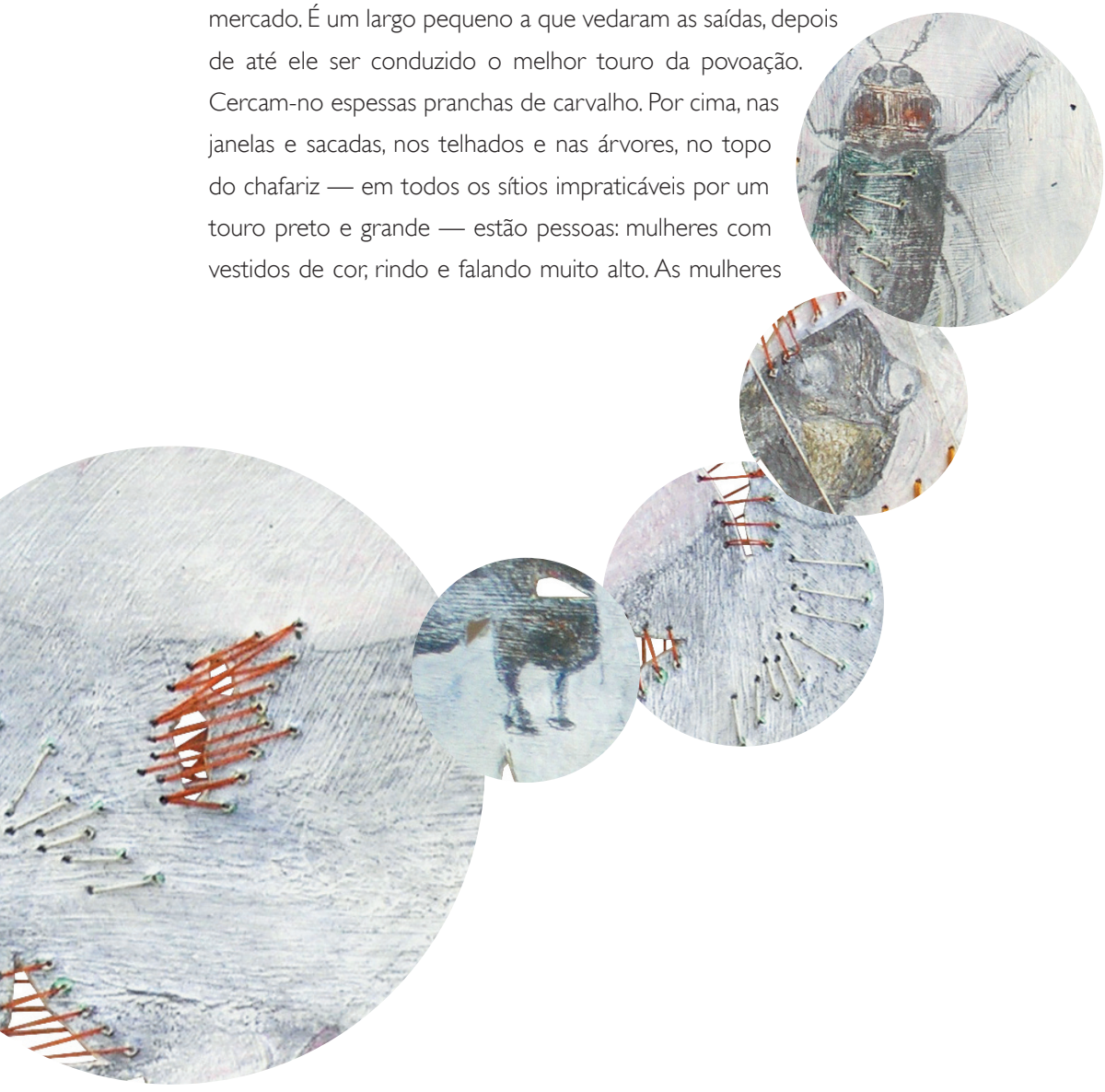
de um homem que se levanta e diz – eu dormi, pensei, mergulhei no meu silêncio; sou forte; preciso sair. O dia é de sol, dia ardente e pesado que faz tremer a terra. Esse ardor entra pelo homem dentro como uma onda, liga-o todo, entre a cabeça e os pés, liga-o ao mundo à sua frente. A casa fica lá atrás – fechada, fixa -, para um homem se deitar e sentir o sangue correr na carne. Serve para dormir, acordar e pensar, e de novo dormir, e de novo reunir as partes de uma dor, ou uma força, ou uma experiência muito velha no coração. As lagartixas estacam bruscamente na poeira, recomeçam um jogo impenetrável. As moscas traçam no ar a geometria hermética. Sobre todas essas coisas o sol bate directamente, e torna-as a um tempo fluidas e violentas.

A igreja, com a casa pequena do sacristão encostada a uma das paredes laterais, irrompe como uma proa no mar da luz. É uma igreja vulgar, caiada de branco, com a torre sineira, o portal em ogiva e o adro de plátanos antigos. À volta desenvolve-se o aro peremptoriamente desenhado do verão. O homem passa a igreja, os olivais, os campos: o espaço trabalhado pelo calor e o silêncio. De longe chega o rumor dos homens, por entre a crepitação das folhas quentes e o zunido dos gafanhotos abatidos na terra como jóias.

É a festa. Gritos e canções, as vozes, o estampido alto e transmitido dos foguetes. Pelo seu magnetismo elementar, a festa atrai o homem solitário, o que repousava na casa, um homem grande, com duas mãos maciças, a cabeça amarela debaixo do sol. Anda como um urso. Então pára e põe-se a ouvir o barulho da festa. Esteve muito tempo a dormir, a comer e a pensar. Regressa agora ao mundo veemente e luminoso das pessoas com os seus gestos e palavras largas, a sua paixão de pessoas. Ele vem à festa. A festa não é uma coisa menor. Bem: é uma fábula, uma ficção verdadeira. Porque os homens semearam os campos e cuidaram dos animais. Com sol, neve e chuva, num circuito inexorável. Sempre. Dormiram, acordaram, esgotaram-se. Vivem na escuridão, no vácuo. Têm mãos. Respiram sombriamente sobre as mãos. Depois param. Então criam a festa. As forças irrompem do fundo; fazem vacilar

o fino e precário equilíbrio da terra. Para lá da lei abolida, as coisas tornam-se visíveis, com um a intensidade, uma transparência anterior: sinais, vozes, tudo. Como se o mundo inteiro cavasse uma ressaca no corpo de cada um, e essa límpida desordem deixasse o coração escorrido. É a festa dos homens.

Ele avança ao sol pisando a claridade da poeira. E vê de um lance as casas enterradas no chão, casas amarelas ou brancas, com grossas faixas de cal azul lavrando ingénuas cercaduras nas portas e janelas. A povoação desenvolve-se circularmente. O circulo completa-se para os lados dos pastos e envolve outro circulo menor: o largo do mercado. A festa concentra-se no largo do mercado. É um largo pequeno a que vedaram as saídas, depois de até ele ser conduzido o melhor touro da povoação. Cercam-no espessas pranchas de carvalho. Por cima, nas janelas e sacadas, nos telhados e nas árvores, no topo do chafariz — em todos os sítios impraticáveis por um touro preto e grande — estão pessoas: mulheres com vestidos de cor, rindo e falando muito alto. As mulheres



gritam, de medo, e esses gritos são cruzados por outros: por gritos frios, de uma finura cruel. E há homens tranquilos saboreando recuadamente a alheia glória do perigo. Crianças que se excitam e assustam, pressentindo. Enquanto o touro fareja pistas inexistentes. E depois alteia a cabeça ainda pesada, movido por um apelo áspero e voluptuoso. Na praça um homem agita um pano vermelho. Os gritos crescem. Tudo isto no meio do indistinto anel de mulheres coloridas, homens e crianças, esse anel de janelas e telhados tumultuosos. O touro fixa o pano: e desencadeia-se a obscura corrente de sedução entre o homem e o touro. Fugazes movimentos espiados que parecem coruscar sobre a terra arenosa; ambiguidades; intenções; uma ironia rispidamente imposta a tudo — a linguagem da fascinação. O pano mexe-se: e o touro corre subitamente para ele, e atinge o homem, e o homem tomba de cara na poeira, escondendo a cabeça sob os braços, e tem um rasgão na coxa: o sangue escoa-se sumptuosamente, brilha muito. As janelas e os telhados emudecem, retomam depois esse rumor cheio e oscilante de maré. Outros homens descem ao largo e, com panos vermelhos, afastam o touro que tenta ferir de novo o homem caído. Mas o homem não quer sair do largo. Levam-no à força. A coxa deita mais sangue.

Quando o homem abre a porta, os outros enfiam os pés dentro do quarto para o impedir de fechá-la. São cinco aldeões surgidos assim da noite calada, e o homem que vem à frente coxeando um pouco, é aquele mesmo que o touro feriu na festa. Entram abruptamente no quarto, e o chefe do bando diz: — *Não vale a pena gritar, ninguém te ouvia. Nem o sacristão.* Verdade. A

casa está isolada no meio de oliveiras e pedras. A luz rasa da candeia posta sobre a mesa bate nas caras e arremessa-as desmanchadamente às paredes. — *Esse filho da puta...* — diz um. Mas o chefe quer que lhe pertençam as palavras, as poucas palavras necessárias, e diz: — *Calem-se*. Eu digo. E diz que o outro vai morrer Diz-lhe: *Vais morrer. Se és cristão, reza.* Encostados à porta, entre a noite paralisada de onde vieram e aonde voltarão depois, rápidos e silenciosos, e a opressiva luz da candeia, os outros respiram fechadamente, apertando as facas debaixo dos casacos. — *porque me querem matar?* O outro sorri com amargura, e depois fala numa voz violenta e desesperada: — *Porque saltaste tu para a praça e lutaste com o touro e o deitaste a baixo? O touro era meu. Porque te meteste neste assunto? — O touro era daquele que o pudesse vencer. — Achas que eu o não poderia vencer?* Então a voz do homem torna-se paciente, quase doce, como se falasse a uma criança a quem não fosse possível calar. Diz apenas: — *Não sei. Matem-me. — Não. Primeiro vamos beber, vais dar-nos de beber. Depois...* Mas os outros estão impacientes, querem resolver a questão, ir-se embora. — *Façamos o que temos a fazer — dizem — e vamos embora. Nunca se sabe: pode aparecer alguém*. O chefe ri. — *Aqui nunca aparece ninguém, não é verdade, amigo? Aparecemos nós, de surpresa. — Porque não vieste só? — Medo —* diz o outro -. *Talvez tivesse medo. Talvez pensasse que, sozinho, não chego para ti.* Vão buscar vinho e queijo. Comem de pé, cortando o queijo, não com as facas deles, mas com as que trouxeram da cozinha. Todos bebem vinho, e o homem condenado também bebe. — *Não rezas?* — pergunta o do bando — *Não és cristão? — Tu és cristão?* — diz

o condenado. — *Não sou eu quem vai morrer. Não rezas? — Não, mas bebo mais um copo do meu vinho.* Quando ele acaba de beber, o outro dá um grito e saltam todos sobre o homem, que ainda segura na mão o grosso copo vazio. O copo tomba, rola no chão sem se quebrar. O homem dobra-se e cai também, com o sangue a sair pelos rasgões da camisa e das calças. Fica estendido, imóvel. — *Chega-se-lhe mais?* — pergunta um. — *Está bem morto. Vamos embora.* E vão para a noite. Os passos somem-se na treva baixa. O homem pensa: Não posso perder o sangue. Pensa também no touro que matou no dia da festa.

O touro tem agora a cabeça mais leve, a bela cabeça negra onde assenta a alvíssima coroa de dois cornos formando uma lira. Cabeça poderosa e sombria, mas inauditamente delicada pela forma alusiva e exemplar das hastes. A cabeça é leve porque o touro já feriu, já encontra no deserto de poeira uma pista, a melhor, a do sangue. Como uma corola forte, a mancha refulge no chão. O touro fareja-a, de focinho rente à terra, escarva-a com as patas. O cheiro agudo sobe-lhe pela cabeça dentro. E a deslumbrante cor do sangue vara-o ao meio. Estremece, ali, no centro, nessa parte mais sensível implantada na rede da carne. Por isso o touro facilmente acorda quando de fronte lhe aparece, chegado do ar, de nada, aquele novo homem que se aproxima na sua minuciosa trama de passos, como um bailarino. O instante de imobi-

lidade total, em que se suspende mesmo a cintura das vozes, é — sabe-se — apenas uma pausa, um pacto inicial saturado. Um passo breve do homem desencadeia as forças concentradas. O animal arremete. Das janelas e varandas, das barreiras em redor do largo, ao longo dessa fieira intensa, levanta-se um aulido inumano. O homem salta para a cabeça rápida e rude, acomoda-se entre os dois galhos da lira, abraça ele próprio aquela massa violenta que respira por todos os lados. Os pés sobem e descem, roçam o pó, e o corpo acompanha, na dança horizontal, fundida, o compacto movimento do touro. Depois é a luta parada de que ninguém destrinça a teia subtilíssima. Uma cópula. A cabeça solar do homem e o animal negro, entre gritos, debaixo da luz, com os pés renques de casas ao fundo. O homem desloca um pé, o tronco inclina-se para o lado, seco, partido. O pescoço do tronco desliza no grande abraço dançado, e o corpo do homem parece apoderar-se, nesse abraço, de toda aquela massa turva. O touro vacila, a cabeça dobra-se, e a parede viva despenha-se. Uma longa faca brilha um instante na mão do homem e crava-se um pouco atrás da base da lira. No ponto imperceptível que o destino oferece à derrota e à morte.

O homem endireita-se. Tem a roupa, as mãos e a cara cheias de sangue

quente. A multidão, liberta agora, aplaude e grita. O homem é envolvido pela feroz alegria dos homens. Mergulha depressa nessa alegria como num banho, desaparece nela, volta ao de cima. Depois sai da praça. Foge. Vai embebedar-se sozinho.

Quando abre a porta de casa, de madrugada ainda, para ir à igreja preparar o altar da primeira missa, o sacristão encontra-o estendido em frente dos degraus, embrulhado numa espessa camada de linho, sangue e lama. Ainda respira. O sacristão leva-o para casa. Vêm então os compridos dias de convalescença, depois dos outros dias, os dias alarmados: a dor e o delírio. Quando a vida se garantiu, o homem só tem que esperar. Come, dorme. As feridas saram. Os homens que o atacaram desapareceram da povoação. O costume. Desaparecem por uns tempos e, quando voltam, tudo esqueceu. O tempo move-se, some-se. À janela do quarto, o homem vê esse movimento do tempo a sumir-se. Olha para os arrozais verdes do verão que passam de uns dias para os outros, mudando, amadurecendo; as laranjas que se tornam amarelas quando a terra arrefece devagar, por dentro; os sobreiros de re-

pente em carne viva.

Pensa: Vou arrastar-me até ao alçapão, devo fazer todos os esforços para consegui-lo. Depois tenho de erguer o alçapão e deixar-me cair sobre o linho arrecadado em baixo.

A última colheita de linho foi abundante, e o linho já seco está guardado na cave, uma camada grande de linho onde um homem pode cair de dois metros de altura. Onde pode cair um homem aberto de facadas por todos os lados.

É preciso enrolar-se meticulosamente no linho, de modo a que as feridas fiquem bem vedadas. É preciso vedar as feridas, manter o sangue no seu lugar, no corpo.

O homem arrasta-se pelo soalho, a escorrer sangue. Tenho de atingir o alçapão o mais depressa possível — pensa. — Depois lá posso ir mais lentamente, com as feridas tapadas. Devo dominar a dor, cerrar os dentes, ir para diante. Devo abrir o alçapão o mais depressa possível.

O sangue corre.

O terror possui luz própria. Pensa-se com o terror. É inteligente, cuidadoso, hábil. O terror ensina-se a si mesmo, conduz a sua luz como uma tecedeira

faz sair dos dedos a peça tecida. Assim chega ele ao alçapão e levanta-o. Um último arremesso do corpo despenha-o sobre o linho. E então o homem descansa um pouco e põe-se a rolar sobre si próprio, para envolver-se completamente no linho. Vai buscar ao medo a força de se envolver uma segunda e uma terceira vez, e ainda uma quarta vez, nas ramas de linho. Fica todo embrulhado no linho, menos a cabeça e os braços. Porque a cabeça e os braços estão intactos. E os braços servem para abrir a porta da arrecadação. A cabeça serve para o medo pensar. Arrima-se à parede, abre a porta e escorrega para fora. A noite não tem fundo.

E então ele arrasta-se sobre a poeira fria. Uma ave grita em parte nenhuma, um vento fino passa nos arrozais, as pedras brilham sombriamente com o orvalho. É um túnel, a noite, um túnel que ele conquista a sangue, a metro, pequenamente. O medo pensa: Tenho de chegar à primeira casa. É a casa do sacristão. Durante horas, que esse medo escoa muito devagar, o linho cobre-se de lama e sangue. Quando alcança a casa, o homem desmaia. Fica de bruços: esgotado, sangrento, aberto. O terror já não pensa.

Na luz fria a paisagem aparece bruscamente alta e longa, esquartejada: de um lado, os arrozais maduros, limoeiros, amendoeiras explodidas; do outro, pastos e campos, árvores próximas, águas, algumas frutas vivas. O homem está outra vez forte e, como uma veia sombria, a amargura mina essa força nova. Ele esperou, alimentado por um pensamento único: a vingança. Pensamento que embebeda, inspira e queima como uma bebida violenta. A vida é inútil, uma noite cortada por rápidos espaços de luz: luz exaltante, esta, sinistra. O que ele sente é que se alimenta de si próprio, de uma energia separada, como se cada emoção, cada gesto, o carregassem e descarregassem num circuito ocluso, e a vida inteira tivesse nele mesmo o seu começo, e o fim. Uma presença tão radical no mundo, e a um tempo tão ambígua, talvez pudesse ser uma lição: uma lição qualquer, aquela que um homem morosa e dolorosamente pôde acumular, dentro de uma casa, apartado pela ameaça da morte, e por ela mesma equilibrado no jogo dos poderes, no sopro da vida. Esta espécie

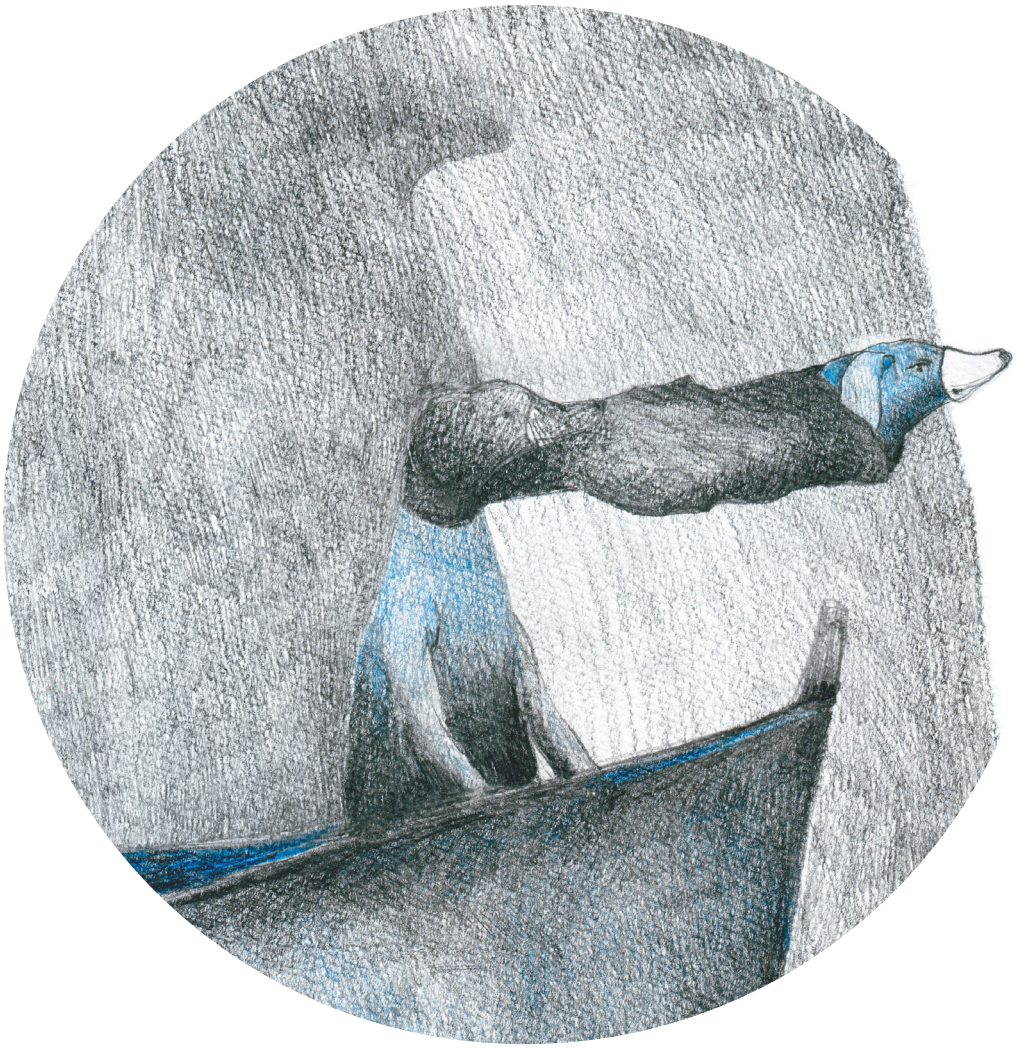
de ciência que satura os ressuscitados converte-os em anjos exterminadores. E então ele vai ao encontro dos homens, ele, o anjo exterminador.

Por essa manhã precipitada sobre as paisagens como uma luz directa em cima de um mapa orográfico, dando um crespo relevo a tudo, ele próprio muito nítido na brancura da manhã, caminha para a povoação. Sabe que o outro voltou. Sabe que o outro sabe não terem encontrado nenhum homem morto. Por isso mesmo está vivo em si e no outro. Deseja reaparecer, ser um anjo demoníaco, um ressuscitado. São os direitos de quem entrou nas trevas e saiu das trevas. Eu sou aquele que esconjurou a morte. Eu venho do fundo. Desde que o outro voltou, o ódio, essa força que embebeda, inspira e queima, não o deixa mover-se na casa, entre a gente e as coisas da casa. Não pode estar dentro da casa. Sai para a luz, as árvores em relevo, os campos fortes ao ar, e largos, e profundos. Transporta a sua alegria difícil, essa crua exaltação da vingança. E é na própria praça onde venceu o touro que encontra o outro.

Os animais não podem ser humilhados ou destruídos. Há um espécie de dignidade por falta de recursos morais, uma inteireza fundada no mundo natural. Por meio de consciência, o homem alcança o poder ou vulnerabilidade que o destrói. Escolhe-se a força ou a destruição própria, através da inspiração passada às provas, na enigmática malha da vida, opondo as astúcias do talento a cada repto das coisas. É o génio intimo de cada um. Génio que não dá paz, que se contenta de si, e se alimenta no seu mesmo exercício. O poder é o poder, mais nada. Um bicho, depois de fugir em pânico, assenta as patas na terra e avança inteiro, com os cornos baixos, ele todo projectado na violência da cabeça. Passa ou não passa. Passa ou morre. A morte é o seu abismo. Não pede perdão. Porque a inteireza animal é cega, limpa como a luz. Então, no largo onde o touro lutara com os homens, encontram-se agora os dois homens, um diante do outro, a cinquenta passos de distância, com a carga da consciência pessoal, o poder e a vulnerabilidade. O rosto do homem que ressuscitou é agora um rosto fixo e acerbo, o rosto de um homem que morreu e, cerrado, se pôs lentamente a ressuscitar. E o outro estremece,

porque de súbito encontrou a sua própria vulnerabilidade. O homem avança como se o seu corpo nem sequer se movesse, e quando chega perto nada resta ao outro senão deixar que a sua vulnerabilidade o torne inteiramente sensível, tome conta dele, alastre como a lepra, e ele fique vulnerável de uma ponta à outra. Então cai de joelhos e diz: — *Perdão!* O homem murmura algumas palavras que apenas os dois podem perceber, mutuamente fascinados, o poder e a vulnerabilidade frente a frente. Diz: — *Vou matar-te*. O rosto é o mesmo – tenso e triste; e os olhos, extraordinariamente límpidos, assim: frios, vazios. Então grandes lágrimas sobem aos olhos do outro, e escorregam-lhe pela cara. Está imóvel, caído de joelhos, com as mãos no chão, e pela cara soerguida escorrem lágrimas. Repete: — *Perdão!* E o homem, que parece nem olhá-lo, que olha para dentro, sussurra ainda com a mesma tenebrosa cumplicidade: — *Perdoo-te se disseres*... A cabeça do outro está exposta – nua e frágil – à luz muito alta. A luz corta-a. – *Se disseres: tu tiraste-me a vida e tornaste a dar-me a vida.* E a luz parece agora fluir e refluir naquele rosto entregue, parece fazer nele um nó doloroso, e a boca diz: — *Tu tiraste-me a vida e tornaste a dar-me a vida.* O homem sorri de leve, como se tivesse ouvido uma frase infantil, e o seu espírito violento e irónico não pudesse captar toda a graça de uma frase tão inocente. Como se o poder se houvesse esgotado no poder, e o homem estivesse agora longe, de novo só, de novo isento e fundo, no lado de lá. O outro cai para diante, com a cara na poeira, e fica a tremer e a soluçar debaixo da luz esplêndida, cada vez mais alta.

COMO SE VAI PARA SINGAPURA



Refiro-me às virtudes da imaginação. Não se pode exigir mais nada. Uma pequena cervejaria numa pequena cidade destinada, em nós, ao puro jogo. Era um palco. Estávamos os dois a uma mesa do canto, e ele exercia-se no imaginário com uma desenvoltura maravilhosa. O criado mantinha a canecas de cerveja o nível nobre do fogo. O meu papel era ficar muito atento — atento e receptivo como um espelho onde a figura mostrava que não tinha nada na manga (onde tinha tudo). Brilhava. Fazia os gestos, dizia as palavras. E ia regulando cuidadosamente a fonte de onde brotavam as verdades. O teatro era este: a verdade impossível na Holanda — tudo falso, luminoso, necessário. O seu mau francês acendia-se por dentro, a cidadezinha lá fora pulverizava-se sob a pressão dos mitos. Eu acreditava na minha vida.

O Ocidente não presta — dizia o alemão. — Espero que arrasem tudo.

Eu não sabia duvidar das palavras. Apareciam ali, assim, nasciam. Quero dizer: acabavam de ser criadas.

— Nunca bebi cerveja tão boa. -E ele respondia:

— Claro: somos puros. Como é que a cerveja poderia ser má? A verdade é que é preciso ir para Singapura. Tu vais para Singapura.

Criado da cervejaria, servo de um instante completo, põe a funcionar a caixa de música. Uma canção de mau gosto, uma dessas coisas abomináveis que se escutam em êxtase na véspera de partir.

O alemão erguia dramaticamente as mãos ruivas; destinava-me.

— Preciso despedir-me — dizia eu. — Sabes como é. Preciso ir a uma casa de putas. Preciso olhar um pouco as ruas. Preciso pensar que vou morrer.

Mas o meu amigo falava na ressurreição das almas.

— Singapura é quase inimaginável para ti. Ajudo-te com as minhas pobres palavras francesas. Há essa generosa música da caixa de discos. E a cerveja. Esta cerveja que é muito decente. Mas ainda assim não esperes imaginar Singapura.

Bebia um gole.

— Ela ainda é demasiado boa para ti.

Diz. Diz sempre. Não pares. Bem sabes que não há em nós amor suficiente. Compreendes o espirito do homem. Não pares. Singapura está muito acima dos merecimentos de um homem. Expliquei-te como tenho lutado para manter alguma inocência, para me descuidar o mais possível do comércio e da indústria.

— Não sou um justo — declarei. — Não tenho amado bastante as coisas. Nem fui alegre nem incorruptível. Não o fui muito.

— É urgente bombardear Londres, Paris, Berlim. Tudo isto é detestável. Repugnam-me estas mãos, as minhas. Estas mãos ajudaram a construir as cidades. Sou um porco. Estas mãos mexeram na merda.

— Embebedei-me poucas vezes — murmurei. — Achas que poderei morrer de um momento para o outro? Morrer sem ter falado com o gajo de Amesterdão? Sem ter ido para Singapura?

Não sei o que me espera lá longe, mas o que espera é já meu. E o amigo alemão está cada vez mais belo, mais inspirado e truculento. É agora o mestre, aquele que me repõe na originalidade.

— Atenção — diz ele. — Quando chegares a Amesterdão procuras o Max Hughes na morada que te dei. Entregas-lhe a minha carta. Mais nada. Ele embarca-te logo para Singapura.

Os dias longos, as noites no meio do mar. Espero o porto de chegada, as virtudes restituídas, o espirito enfim reconciliado com o mundo. E desembarco, há uma qualquer experiência surpreendente, caminho para o conhecimento. Consigo agarrar essa meada ainda irreconhecível: a maneira como tudo se enreda em tudo. Desabituei-me dos milagres. Sabe-se como é: quase todas as manhãs acordo angustiado, esforço-me por imaginar que este dia é virgem e primeiro, carregado de poderes enigmáticos, destinado às revelações. Literatura. Merda. Trata-se de mais um dia em que me vou chatear, aturar os meus semelhantes, a filha-da-putice teológico-emocional de um Deus que, ainda por cima, não existe. Posso especular sobre a revolução, evidentemente. Que revolução? A revolução, claro. Pois é: a minha revolução não dá um passo.

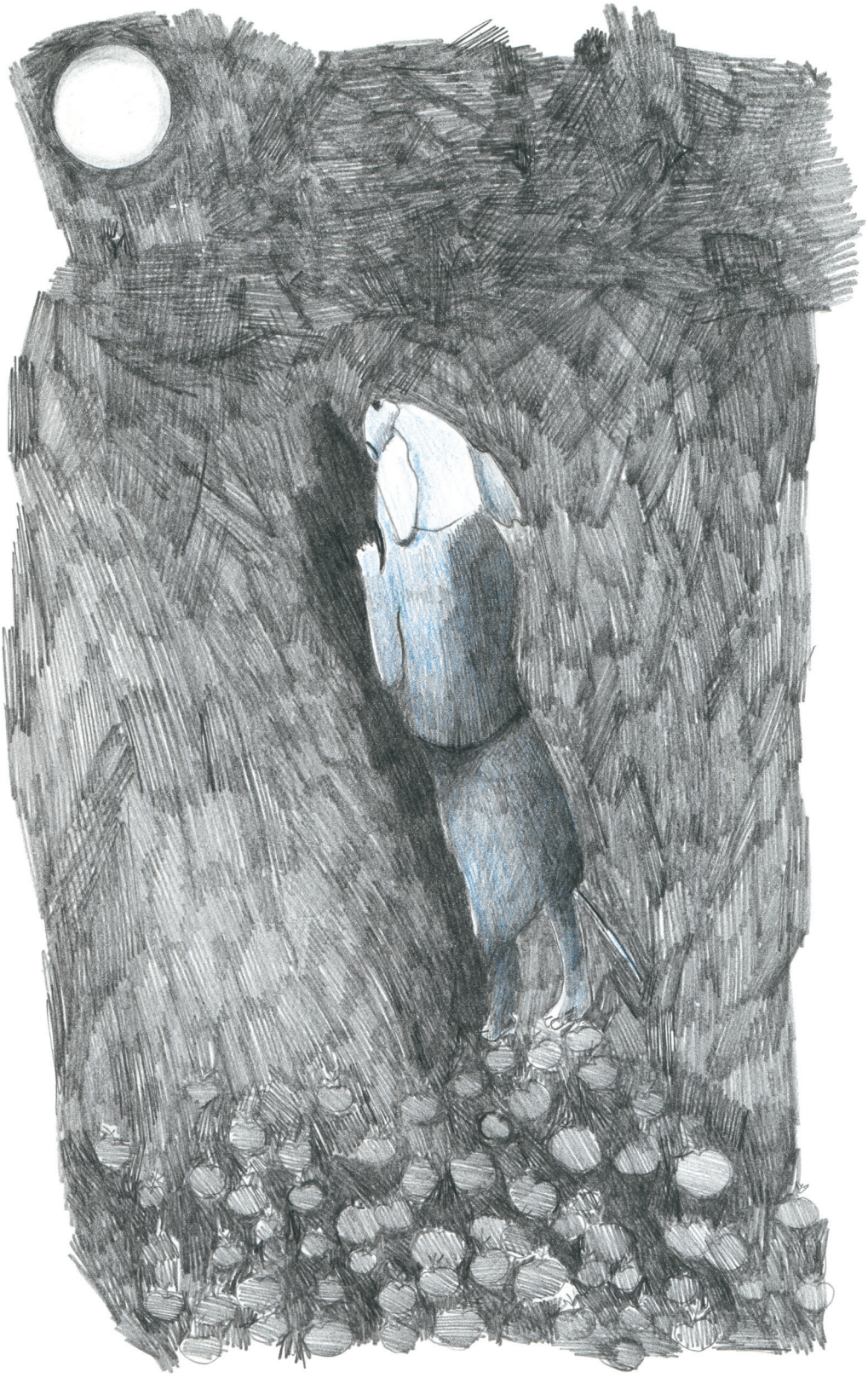
Tudo me ofusca: o casaco branco do criado, a preciosa cor amarela das cervejas, os olhos loucos do meu amigo da Alemanha. Ele diz que é horrível pertencer a uma raça livresca. Somos todos livrescos. E era preciso ser simples: partir, beber, arranjar companheiros na Malásia, na Turquia, na China. Precisamos amar, e não temer, e desrespeitar. Concordo.

A sedução deste bêbado rebarbativo é nada pousar à sua luminosa vertigem terrorista. O fim e o recomeço do mundo entre copos de cerveja, num lugar sem nome afundado na Holanda. não há cerveja que nos chegue. Nem discurso satisfeito de si em intenção ao mundo, nem louvor bastante de desordem e renascimento da visa. Por isso não paramos de beber e falar.

Como é ele quem paga, o terrorista, admiro o espectáculo dos escombros, a sempre prometida mão que dá uma volta à matéria da terra.

O amigo comprou-me o bilhete de comboio para Amesterdão e, na própria gare, bebemos ainda duas ou três cervejas. Encadeado na luz das inspirações alemães, dormi durante quase toda a viagem. Um sono cortado por vozes frenéticas, fulgurantes assaltos de imagens, coisas pressentidas, uma intima rede de referências, intuições, um apequena música imaginária trabalhada pela cerveja e a comoção. Tudo o que experimentei e vi e li, tudo quanto me foi dado saber, para vislumbrar a confusa maravilha do mundo. Os dias, as pessoas, os perigos, a minha morte futura. Na memória, o amigo de algumas horas continuava a urdir Singapura. (Não era Singapura?). O comboio transpunha a noite. Eu acordaria no meio da luz.

Mas em Amesterdão nem sequer existia a rua que o meu amigo tinha indicado e, claro, nunca houve em qualquer parte da terra um homem chamado Max Hughes que conseguisse embarcar gente para Singapura. Às vezes chego a pensar que não existe nenhuma cidade com tal nome. Mas não é nem nunca foi essencial. A comoção e a esperança, sim, essas existem, e são o tema dos nossos dons, a nossa tarefa. E é nelas próprias que o milagre do mundo pode ser concebido.



TEOREMA

El-rei D. Pedro, o Cruel, está à janela, sobre a praça onde sobressai a estátua municipal do marquês de Sá da Bandeira. Gosto deste rei louco, inocente e brutal. Puseram-me de joelhos, com as mãos amarradas atrás das costas, mas endireito a cabeça, viro o pescoço para o lado esquerdo, e vejo o rosto violento e melancólico do meu pobre Senhor. Por baixo da janela aonde assomou há uma outra, em estilo manuelino, uma relíquia, delicada obra de pedra que resiste ao tempo. D. Pedro deita a vista distraída à praça fechada pelos soldados. Contempla um momento a monstruosa igreja do Seminário, retórica de vidraças e nichos, as pombas pousadas na cabeça e nos braços do marquês, e detém-se em mim, em baixo, em mim que me ajoelhei no meio de um grupo de soldados. O rei olha-me com simpatia. Fui condenado por assassínio da sua amante favorita, D. Inês. Alguém quis defender-me, alegando que eu era um patriota. Que desejava salvar o Reino da influência castelhana. Tolice. Não me interessa o Reino. Matei-a para salvar o amor do rei. D. Pedro sabe-o. Ele diz um gracejo. Toda a gente ri.

— Preparem-me esse coelho, que tenho fome.

O rei brinca com o meu nome. O meu apelido é Coelho.

O que este homem trabalhou pela nossa obra! Fez transportar o cadáver da amante de uma ponta a outra do país do país, às costas do povo, entre tochas e cânticos. Foi um espectáculo, sinistro e exaltante através de cidades, vilas e lugarejos.

Alguém ordena que me levante e agradeça ao meu Senhor. Fico em pé, defronte do edifício. Distingo no rés-do-chão o letreiro da *Barbearia Vidigal*

e o barbeiro de bigode louro que veio à porta assistir ao meu suplício. Distingo também a janela manuelina e o rei esmagado entre os blocos dos dois prédios ao lado.

Senhor — digo eu -, agradeço-te a minha morte. E ofereço-te a morte de D. Inês. Isto era preciso, para que o teu amor se salvasse.

— Muito bem — respondeu o rei. Arranquem-lhe o coração pelas costas e tragam-mo.

De novo me ajoelho entre os pés dos carrascos que andam de um lado para o outro. Ouço as vozes do povo, a sua ingénua excitação. Escolhem-me um sítio das costas para enterrar o punhal. Estremeço. Foi o punhal que entrou na carne e cortou algumas costelas. Uma pancada de alto a baixo, um sulco frio ao longo do corpo — e vejo o meu coração nas mãos de um carrasco. Um moço do rei espera com a bandeja de prata batida junto à minha cabeça, e nela depõem o coração fumegante. A multidão grita e aplaude; só o rosto de D. Pedro está triste, embora nele brilhe uma súbita luz interior de triunfo. Percebo como tudo está ligado, como é necessário as coisas se completarem. Não tenho medo. Sei que vou para o inferno, visto eu ser um assassino e o meu país ser católico. Matei por amor do amor — e isso é do espírito demoníaco. O rei e a amante são também criaturas infernais. Só a mulher do rei, D. Constança, é do céu. Pudera, com a sua insignificância, a estupidez, o perdão a todas as ofensas. Detesto a rainha.

O moço sobe a escada com a bandeja onde o meu coração parece um molusco sangrento. D. Pedro volta-se, a bandeja aparece junto ao parapeito da janela. O rei sorri. Ergue o coração na mão direita e mostra-o ao povo. O sangue escorre-lhe entre os dedos e pelo pulso abaixo. Ouvem-se aplausos. Somos um povo bárbaro e puro, e é uma grande responsabilidade encontrar-se alguém à cabeça de um povo assim. Felizmente o rei está à altura do cargo, entende a nossa alma obscura, religiosa, tão próxima da terra. Somos também um povo cheio de fé. Temos fé na guerra, na justiça, na crueldade, no amor, na eternidade. Somos todos loucos.

Tombei com a face direita sobre a calçada e, movendo os olhos, posso aper-

ceber-me de um pedaço muito azul de céu, acima dos telhados. Uma pomba passa diante da janela manuelina. O cláxon de um automóvel expande-se liricamente no ar. Estamos nos começos de junho. Ainda é primavera. A terra está cheia de seiva. A terra é eterna. À minha volta dizem obscenidades. Alguém sugere que me cortem o pénis. Um moço vai pedir autorização ao rei, mas ele recusa.

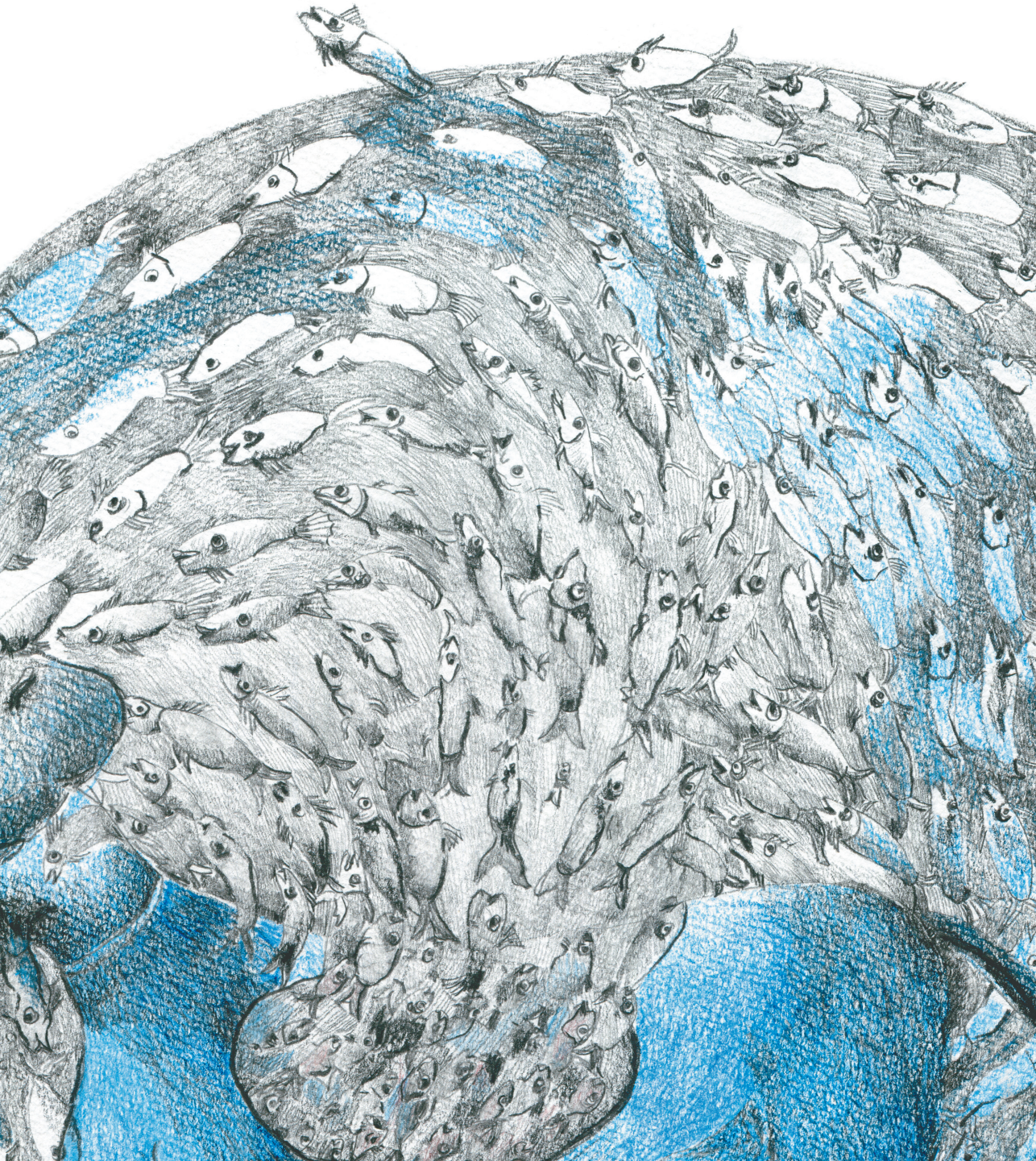
— Só o coração — diz. E levanta-o de novo, e depois trinca-o ferozmente. A multidão delira, aclama-o, chama-me assassino, cão, encomenda-me a alma

ao Diabo. Eu gostaria de poder agradecer a esta gente bárbara e pura as suas boas palavras violentas.

Um filete de sangue escorre pelo queixo de D. Pedro, os maxilares movem-se devagar. O rei come o meu coração. O barbeiro saiu do estabelecimento e está agora a meio da praça, com a sua bata branca, o bigode louro, vendo D. Pedro comer o meu coração cheio de inteligência do amor e eternidade. O marquês de Sá da Bandeira é que ignora tudo, verde e colonialista no alto do seu plinto de granito. As pombas voam em redor, pousam-lhe na cabeça e nos ombros, e cagam-lhe em cima. D. Pedro retira-se, depois de dizer à multidão algumas palavras sobre crime e justiça. O povo aclama-o mais uma vez, e dispersa. Os soldados também partem. E eu fico só para enfrentar a noite que se aproxima. Esta noite foi feita para nós, para o rei e para mim. Meditaremos. Somos ambos sábios à custa dos nossos crimes e do comum amor à eternidade. O rei estará insone nos seus aposentos, sabendo que amará para sempre a minha vítima. Talvez lhe não termine aí a inspiração. O seu corpo ir-se-á reduzindo à força de fogo interior, e a paixão há-de alastrar pela sua vida, cada vez mais funda e mais pura. E eu também irei crescendo na minha morte, irei crescendo dentro do rei que comeu o meu coração. D. Inês tomou conta das nossas almas. Liberta-se do casulo carnal, transforma-se em luz, em labareda, em nascente viva. Entra nas vozes, nos lugares. Nada é tão incorruptível como a sua morte. No crisol do inferno havemos de ficar os três perenemente límpidos. O povo só terá de receber-nos como alimento, de geração em geração. Que ninguém tenha piedade. E Deus não é chamado para aqui.

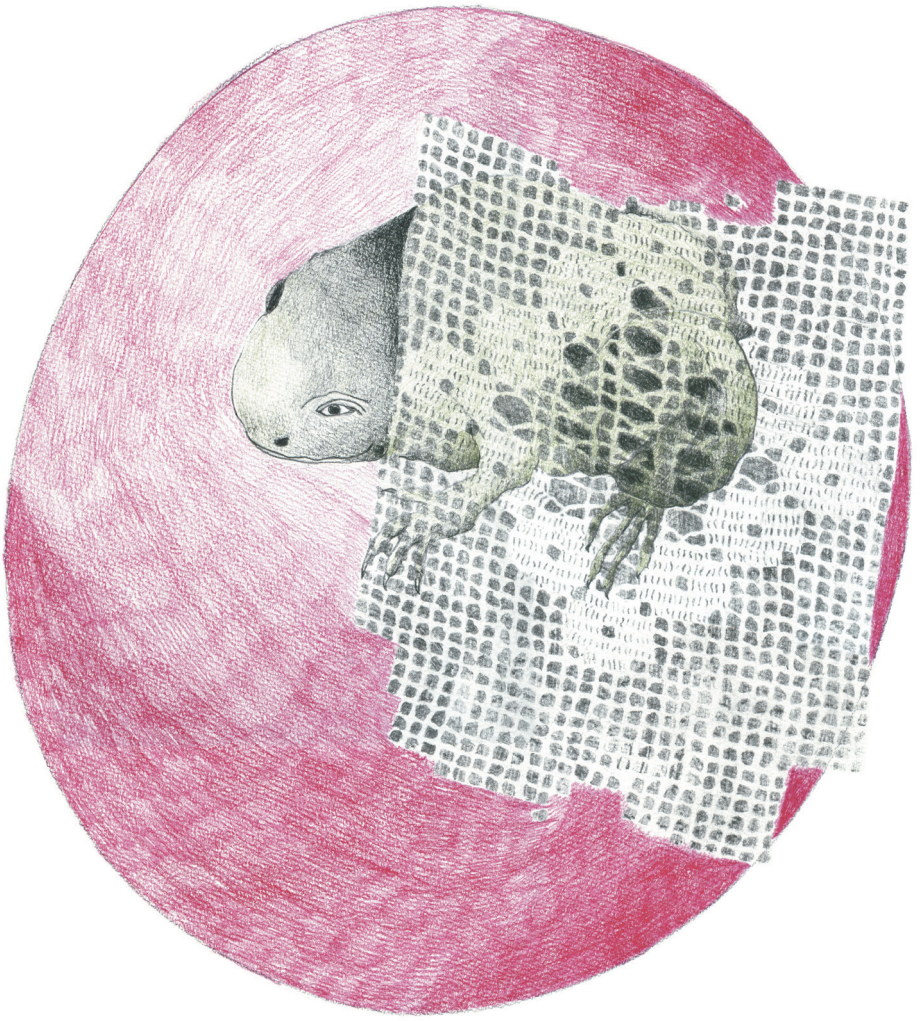
CÃES, MARINHEIROS

Era um cão que tinha um marinheiro. O cão perguntou à esposa, que se pode fazer de um marinheiro? Põe-se de guarda ao jardim, respondeu ela. — Não se deve deixar um marinheiro à solta no jardim, que fica perto do mar. Um marinheiro é uma criatura derivada por sufixação, e pode recear-se o poder do elemento base: o radical mar. Em vez de guardar o jardim, ele acabaria por fugir para o mar. — Deixá-lo fugir, disse a esposa do cão. Mas ele não estava de acordo. Que um facto deveria ser esse mesmo facto até ao limite do possível: quem possui um marinheiro para guardar o jardim deve procurar mantê-lo a todo o custo, assim como o cão, ou o casal de cães, que não tiver um marinheiro deve não tê-lo até a isso ser absolutamente forçado. — Nesse caso, só nos resta ir para uma terra do interior, longe do mar, disse a cadela. E então foram para o interior, levando pela trela o marinheiro açaimado. Durante o percurso viram muitas paisagens. O marinheiro estava espantado com as paisagens que podem existir longe do mar. Fez diversas observações a esse respeito, provocando o risonho latido dos cães que, pela sua parte, concordavam em que tinham um marinheiro muito inteligente. — Nem todos os cães têm a nossa sorte, disse o cão, pois conheço vários cães que são donos de vários marinheiros estúpidos. Iam por isso bastante contentes e diziam, a outros cães com quem se cruzavam, que possuíam um marinheiro invulgarmente esperto. — Ele tem uma filosofia das paisagens, dizia o cão. Um cão da Estrela, que encontraram naturalmente perto da Serra da Estrela, perguntou-lhes se o marinheiro gostava de sardinhas. — Adora-as, respondeu a cadela. — Isso não me admira nada, disse o indígena. E na



verdade não parecia admirado. Quando chegaram ao mais interior possível, alugaram uma casa com um jardim e puseram o marinheiro a guardá-lo. — Guarda-o, disseram. Deixaram-lhe ao lado uma dúzia de latas de sardinhas e foram para dentro de casa. Durante sete dias e sete noites, o marinheiro reflectiu sobre as paisagens do interior e comeu as sardinhas de conserva. Depois foi atacado de esgana, e começou a andar em círculos cada vez mais apertados no meio do jardim. Os cães observavam-no da janela e viam que o seu marinheiro perdia as forças a cada volta. Um dia, ao anoitecer, caiu para o lado resfolegando. — O mar, ouviram-no dizer. Então foram para dentro, e dormiram. De manhã vieram cedo ao jardim e verificaram que o marinheiro estava morto. — Era um marinheiro tão esperto, disse a cadela. — Pois era, disse o cão, foi pena. E enterraram o marinheiro debaixo de uma acácia. Mas como já se haviam habituado à vida do interior, não regressaram ao litoral. Nunca mais tiveram marinheiros. — Para quê?, dizia a cadela, ralações já existem de sobra. E quem se atreve a negar que ela tinha razão?

EQUAÇÃO



Através do amarelo antigo e da sua psicológica tradução em tempo – um sentimento, uma noção doce e alarmante – a Velha Avó, nas circunstâncias um corpo jovem subtilmente inclinado para a frente, atento à própria força, a Velha Avó jovem sai das esquadrias que a delimitaram, e irrompe para além desse Verão exaltado. Bate-me em cheio. Bate em mim, junto à cama, em mim que assisto a um tempo bem actual, à fluente e temível demonstração do corpo que continuou o movimento. Para diante, para diante. Rompendo as ficções do estatismo, o mito incomportável das fotografias.

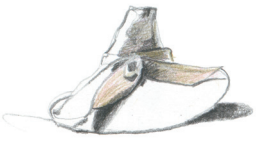
– Avó...

Ela está na cama de madeira escura, uma avó que enche um minúsculo volume de colcha branca lavrada; e do pescoço para cima, uma avó cor de limão, cor de azeitona. Uma avó de dois braços pela colcha branca abaixo, e as mãos saindo das mangas claras e amarrotadas do casaco de lã. Mãos cor de azeitona, duras, imóveis. Vamos: podres. Duas mãos podres. E tudo isto – que é o pouco do presente, com um significado de súbito espantoso na minha própria carne – está no meio da penumbra do quarto, enquanto lá fora o mês quente se desenvolve, atormentado por uma excessiva firmeza vital, mês feroz, com a sua atmosfera de violência luminosa. É fascinante para mim poder dar alguns passos entre a fotografia (sobre a cómoda) e a enorme cama negra – eu que compreendo alguma coisa (e com que abalo!), procurando sorrir quando a Velha Avó ergue as pálpebras e me fixa não sei entre que hesitações de torpor e vigilância. Sorriso sem experiência, o meu. Porque não sei como está aqui essa fotografia e este corpo. E não sei

do mesmo modo quase nada acerca do corpo das pessoas, o seu tempo, os tempos, a verdade. E depois, como se o sorriso com a sua inépcia não fosse bastante sinal da minha confusão, eu digo numa voz ainda mais inexperiente:
– Avó...

E a Avó mexe levissimamente a mão direita e fecha os olhos. Então fica só, porque a fotografia recua para uma região secreta e a Avó cor de azeitona vai avançando, como apenas ela sabe e a minha inexperiência não pode acompanhar, para um ponto inacessível.

Colocai agora uma desordenada massa cinzenta sobre a cabeça, e será tudo ainda mais difícil. Um gosto adocicado arrefece-me a língua, porque o horror (suponho ser o horror é frio e adocicado. Cabelo horrível: coroa da grande, demasiada experiência. Em que lugar está ele, este ser de quem chegam aqui fora os sinais monstruosos? A criatura do retrato, esplêndida na insólita teoria da sua juventude — fixa, forte, no instante mais perfeito da acção? Existe uma criatura assim? Ou há simplesmente um bolbo oculto estendendo as raízes frias com terrífica placidez, no fundo, no fundo, de onde não salta nenhum brilho, mesmo fugitivo, bolbo compacto e paciente trabalhando no silêncio imemorial?



Avó... — E a mão direita estremece na minha louca atenção. — Quer que chame o padre?

É que eu fora encarregado pela família de conduzi-la, utilizando a preferência que a Avó me dava, à ideia de a morte ter começado um hipotético passo entre o mundo e uma feliz eternidade apenas sinuosamente formulável. P padre viria carregar essa formulação feliz de uma energia ao mesmo tempo mais envolvente e radical, fornecer-lhe outros ilimitados sentidos no seio vocabular da eternidade.

A Avó sempre fora católica e praticara com assiduidade os ritos. Com que distracção, ou velozes intenções, acertado ou desviado interesse — não sei, eu que nada sei das pessoas, embora alguma coisa julgue conhecer dos valores.

E então repeti o apelo, imaginando que as paredes entre mim e a moribunda eram paredes que as vozes atravessariam, e por detrás delas uma atenção esperaria exactamente ser reconduzida pelas vozes exteriores, mesmo as ineptas vozes de um jovem colocado entre confusões ou mistérios, se estas palavras servem para designar trevas e luzes dentro de um quarto, dentro do encontro de tempos, pessoas, coisas, pensamentos.

Repeti: — Avó — e a mão agitou-se, sem eu saber o que significava isso quanto à eficácia das vozes e à existência dessa tal atenção que se reconduziria , etc.

Quer que chame o padre?

Sim, decerto: Já expliquei. Ela frequentava o culto, mandava celebrar missas pelos mortos, confessava-se e comungava. Já disse: com que distracção, intenções, etc., etc. Bem: vejo-me assim a servir os poderes que ignoro, a realidade que ignoro, a ficção, as ficções que ignoro. Papel próprio para a juventude. E agora há mais forças. Estou cercado por forças de que mal vislumbro a natureza e a acção. Cada vez mais forças, pois estou diante da idade e ela chama novos poderes, sombrios poderes, sombrios enigmas. E depois, com a ideia de que lá fora a estação é de alto esplendor, de convite à pura exaltação, à

inexperiência, à inocência — fico ainda mais inepto.

A Avó abre os olhos, e eu vejo uma nova luz áspera e gelada: a inteligência, uma energia que de repente recompõe todo o corpo e traz agora o retrato para o centro do tempo, tornando-o movimentado e audaz, completo. Nesse olhar progride agudamente um sorriso que o limpa da velhice e deixa o sal de uma fina malícia. Os lábios mexem-se, parecem brilhar um instante. O corpo renasce do próprio esgotamento. A Avó diz:

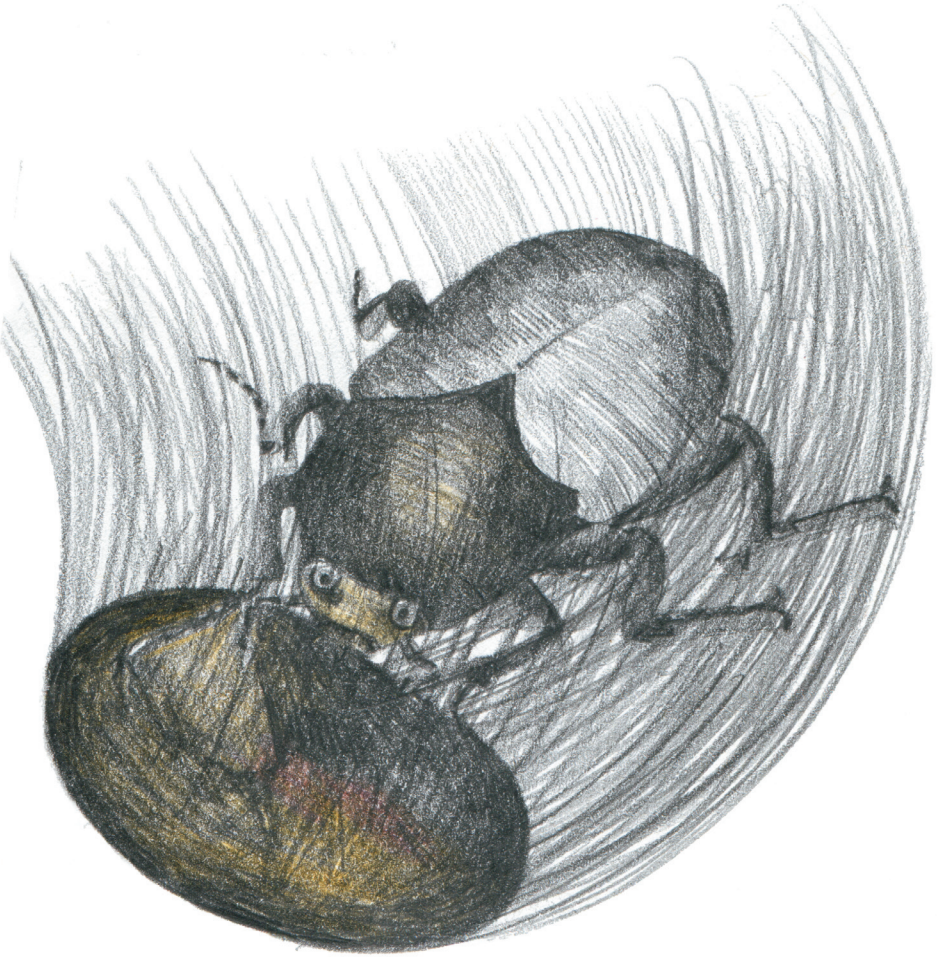
– É tudo mentira...

Depois as pálpebras descem e o corpo é absorvido pelo enigma. As paredes alteiam-se, o retrato recua, a minha juventude fica sem armas – fulgurante e estúpida.

Assim é porventura a sabedoria: vil, esmagadora. O único tempo que lhe pertence deve ser a idade mas quando dela se aproxima um jovem fascinado que a si mesmo impôs a condição de mensageiro, como se quisesse tocar no gelo, convencido – ele! – de que o calor dos poucos anos poderá fundir o gelo, então o gelo agarra a idiota mão quente, e queima-a.

A Avó morreu nesse mesmo dia.

O QUARTO



Ele pareceu não entender a alusão. Voltou para mim o rosto irónico e perguntou:

— A que se referia?

— À morte – respondi.

— Sim, eu também falava da morte. Mas surpreendeu-me que você estivesse a pensar o mesmo.

— Pensamos todos no mesmo a partir de certa altura.

— Talvez – murmurou, e a voz tinha uma ponta de orgulho. – Mas nem todos de igual maneira. Sou forte. Por isso é que penso nela. Detesto a fraqueza que se remedeia na imaginação, nas hipóteses. Não creio em nada. Não desejo crer em nada.

— Pensa que vai morrer quando quiser?

Olhou-me em cheio, sorriu. Tinha uma viva e nobre cabeça de homem antigo. Parecia saber muito. Não devia acreditar em nada. Notava-se no olhar culto e virilmente triste.

— É isso. Trabalho na minha morte. Um homem verdadeiro tem direitos e deveres para com a sua morte. Sabe que estou a construir uma casa?

— Sim, já mo disse.

— Conhece o sítio? – E as palavras subentendiam ramificações de sentido,

outras intenções. Mas a voz era imperturbável. Este homem morreria da sua própria morte, dentro dela.

— Conheço. Fica na outra costa da Ilha. Há a montanha sem árvores. Pedra e urzes. Pavoroso. Defronte fica o mar. O mar lá é bravio.

— É água cinzenta e branca. E atrás há a grande montanha por onde só andam cabras. Mas na planície, à direita, crescem as árvores onde o vento do mar vem bater. De noite tudo aquilo vibra e uiva. E a terra arenosa estende-se pelo outro lado de fora. Quando há tempestade é de uma beleza diabólica. Bom para nos sentirmos sós, para saber se ainda existe o orgulho do medo.

— Compreendo que construa aí a sua casa.

— Construo a casa muito devagar. É a minha última tarefa. Forço os operários a trabalhar lentamente. Estão espantados. O capataz supõe que sou louco. Nunca custou tão caro uma casa de um só piso. Quando ficar pronta já nada mais terei a fazer. Seria estúpido procurar sobreviver-me. Sou um homem sensato. É de sangue. Meu avô correu mundo e veio morrer na cama onde nascera. Meu pai andou pelas guerras depois de me ter gerado, e lá morreu. Homens que fizeram uma tarefa e nela puseram o sentido da sua vida. E deram-se por cumpridos, e regressaram ou morreram. Sabedoria, não é? Não quero ser fútil. É o único pecado do espírito. Ponho a minha força toda nas razões da vida. Isto quer dizer que me preocupam a oportunidade e a qualidade da minha morte. Pareço…enfim, digamos, pareço…solene?… Riu.

— Sou, como direi?, sou um homem religioso.

— No entanto…

— Claro, não acredito em nada disso…nessas coisas…imortalidade da

alma… Deus, o barroco Deus teológico… o bem comezinho, o mal comezinho… Detestável, tudo isso, as crenças e virtudes da baixa religiosidade.
— Talvez creia – disse eu – que vida e morte se abram uma para a outra, se alimentem mutuamente. Que seja cada uma delas uma espécie de duplo da outra. Se animem e, por assim dizer, se justifiquem e signifiquem entre si.
— Quer exprimi-lo desse modo? – As mãos traçaram subtilmente um gesto de irónica concessão. – Talvez seja isso… Aos vinte e cinco anos fui viajar. Estive em muitos países. Vivi alguns anos em várias das maiores cidades do mundo. Valeu a pena. Não há raças nem países. O homem é estúpido. E precisa que o amem, precisa amar. Um pouco repugnante, não? Mas pode-se amá-lo, assim repugnante. Depois parei, vim para a Ilha. E os círculos foram-se apertando. Hoje não saio deste café e do hotel, não estou a seguir o andamento das obras. Daqui a algum tempo mudo-me para a casa. Depois… Compreende o que digo quando falo de espírito religioso?
— Sim, parece-me que sim…
— A casa tem três quartos, além de cozinha, casa de banho e despensa. Um é o quarto de dormir; o outro, a sala de jantar, e o terceiro. Não adivinha?…

Não, não pode adivinhar…

— Noutras circunstâncias eu diria que era, por exemplo, a biblioteca… — Noutras circunstâncias. Agora não leio. Vou morrer. Ouça: a casa é assoalhada. As casas são naturalmente assoalhadas, não é?

— Claro.

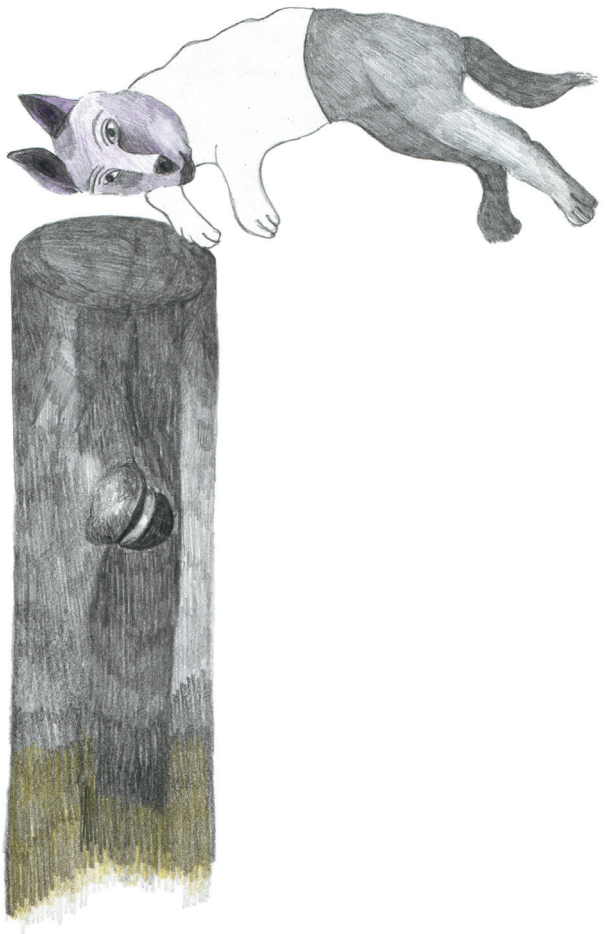
— Sim, mas esse quarto não é assoalhado.

— Mais um espanto para o capataz – disse eu sorrindo.

— E para si também.

— Também para mim. Por que não assoalha esse quarto?

— Durante um ano vou viver naquela montanha, na mata, na terra arenosa diante do mar. Vou entrar e sair da casa e vaguear por esses lugares todos. E então sentirei que não devo sair mais, e ficarei em casa andando de um quarto para outro.



— No quarto sem soalho, também?

Não respondeu.

— Lembra-se de lhe ter falado no vento marítimo batendo nos pinheiros? E na alta montanha, intransitável atrás da casa?

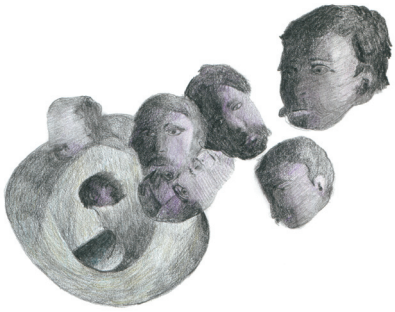
— Lembro-me. Conheço o sítio, já lhe disse.

— O barulho do mar e do vento. A montanha, a ideia da montanha impraticável. E depois a terra arenosa, por ali fora. E a solidão. E sentir sobretudo que já não pode haver medo. Fecho as portas da casa, a porta de saída e as portas dos quartos entre si. E fico no quarto sem soalho e deito-me no chão. Ouço o mar e o vento à frente e atrás da montanha solitária e poderosa. Depois encosto a cara à terra profundíssima para escutar o seu húmido sussurro atravessando-a toda e passando por mim. E então poderei morrer.

VIDA E OBRA
DE UM POETA

Não descuido a minha obra. Deve-se velar por aquilo que conseguiu ascender, entre riscos e ameaças, às condições da realidade. Mas serão os meus poemas uma realidade concreta no meio das paisagens interiores e exteriores? Não possuo um só dos papéis que enchi; interessa-me a forma acabada das minhas experiências, e suas significações, mantida numa espécie de memória tensa e límpida. Os papéis, esses, estão em França (Paris ou Marselha), na Holanda, na África do Sul. Encontram-se nas mãos de conhecidos, desconhecidos, amigos, inimigos – e cada qual saberá usar deles de modo particular e, suponho, exemplar. Tirarão daí indeclináveis razões para a moralidade dos seus pensamentos em relação a mim e a eles mesmos. Não, não sei de cor as pequenas composições de palavras. Retenho a fantasia, a objectividade delas – ponto onde me apoio para saber que sou sólido, e tenho (ou sou) uma obra. Avancei muito no conhecimento da divindade, desde o dia em que escrevi um dístico na parede de um urinol de Lisboa até à minha obra-prima (um poema dramático), oferecida com maliciosa ingenuidade a uma prostituta nas docas de Amesterdão (ela não sabia português). Um poema desesperadamente religioso que falava do corpo e da sua magnificência e perenidade.

Comecei a escrever com determinação aos trinta anos, quando corria o bairro des Abbesses, em Paris, para meter-me nalguma casa que tivesse a porta aberta, e ir dormir na retrete. Explico: em Paris, os três filhos de Deus debatiam-se com o árduo problema da dormida. Éramos um português e dois espanhóis, desaparecidos um dia de suas casas, das pátrias, e encontrados no



acaso de vadiagems e bebedeiras. Tínhamos assuntos religiosos comuns. Para dormir, havia acidentais quartos de amigos, a entrada do metropolitano e, no bom tempo, as pontes do rio. Mas eu precisava de solidão e conforto (era a obra que, secretamente, se desenvolvia em mim) – e tomei como minha uma ideia que circulava pela cidade. Era possível dormir nas retretes, nas retretes privadas, nas retretes das casas das outras pessoas! A ideia abalou-me tanto que andei confuso e comovido durante dias. Fui ao ponto de escrever um poema inteiramente inspirado nela. Eu e os meus amigos, poucas semanas passadas sobre o início desta nova vida surpreendente, tínhamos já uma lista de cento e vinte e dois prédios onde devíamos tentar a entrada. Simples: estudávamos as portas de determinado bairro residencial, a ver se poderiam ser abertas de um modo qualquer, ou se as deixavam abertas. Chegava a hora do sono alheio, cada um subia até à sua retrete. Uma ascensão! Talvez Deus estivesse lá em cima à nossa espera. Claro que só escolhíamos edifícios antigos, com sentina de patamar para uso comum dos inquilinos. Acendia a luz, instalava-me fechado por dentro, e pensava ou lia, ou escrevia às vezes. Nunca a solidão foi para mim tão fértil. Se alguma pessoa vinha à retrete a meio da noite, eu puxava o autoclismo e saía como inquilino também, natural, desenvolto nos meus direitos. Defecação democrática, por ludíbrio, no seio da grande família burguesa. No dia seguinte reuníamo-nos os três, os filhos de Deus, para falar das nossas aspirações e meditações, da inspiradora solidão nocturna.

Foi assim que me pus a escrever – enquanto esperava a oportunidade de

entrar numa casa (numa retrete, digo) ou quando, já nela, começava a pensar, a investigar, a decifrar, entregue e defendido na retrete, na profundidade que eu mesmo transportara ao longo dos anos, mal aflorada por instantes e agora enfim oferecida. O mundo não me tocara e fecundara em vão. Eu apurara a experiência, encontrara os meus centros. Levava tudo para a retrete: o amor, o terror, a grande cidade, o anjo da guarda com quem atravessara o bairro atulhado de putas. A minha obra nascia. Às vezes, no meio dos perigos, medos e vertigens destas experiências, olhava a cara num pequeno espelho de bolso, para ver se eu próprio me transformava por fora, ao sabor do sensível movimento do espírito, este conhecimento que ia ganhando da vida e da poesia. Vi que sim. O rosto anunciava com antecedência a chegada súbita de um sentimento muito agudo e quase doloroso das coisas, sua concordância e relações, a chegada da iluminação. Num dos poemas que deixei em Paris falo disto explicitamente, falo do homem vendo nos próprios olhos a nascente e brilhante imagem do mundo. É um bom poema em que trabalhei quinze noites seguidas, sempre sentado numa retrete da rue des Abbesses.

Outro princípio fulcral na minha poesia – o da Fêmaea-Mãe – foi descoberto, imaginado, organizado e assumido na mesma retrete. Devo muito a essa retrete. Certas noites dava uma volta por Pigalle e estudava miudamente os cartazes nas casas de strip-tease. Absorvia a nudez retratada das actrizes como se absorvesse um plasma forte. Elas eram intérpretes de Deus. Via nesses corpos uma declaração divina, e o jogo espectacular do que chamam vícios era uma espécie de escrita manifesta, uma alusiva visibilização de Deus. E tudo isso me era dado como um caminho de conhecimento, uma complexa viabilidade. Todas as putas de pigalle eram minhas mães; a carne fotografada, tornada viva em mim pelo enredo da comoção, era a carne-mãe e amparava-me na descoberta e, posteriormente, na magnificação e glorificação do mundo.

Hoje, nada sei de quem me amou ou ama. Nada me reparte o tempo. Abro-me à unidade da vida – e amo o passado e o futuro com um só fervor: completo. A geografia não existe. Quem está em Joanesburgo e me ama ou possui um breve poema rabiscado nas costas de um envelope, ou quem me odeia em Roterdão e apenas tem algumas palavras sem destinatário, nada poderá supor da minha lenta maturidade. Esses papéis pouco valem, e esses sentimentos (de amor e ódio). Vale quem sou. Ultrapasso as palavras escritas aos trinta anos. O poema que agora escrevesse diria como estou pronto para morrer, referiria enfim a excelência do meu corpo urdido nas aventuras da solidão e da comunhão, e falaria de tudo quanto auxilia um homem no seu ofício – a ferocidade dos outros, o apartamento, ou o seu amor que, ferido pela ignorância, se inclina para ele, para o seu trabalho, o desejo, a expectativa. Morrerei como se fosse numa retrete de Paris – só, com a minha visão, o pressentido segredo das coisas.

E é na morte de um poeta que se principia a ver que o mundo é eterno.

DUAS PESSOAS

Eu digo: o teu cabelo. Ela está agachada junto à cama, procurando um sapato que se extraviou. Ergue a cabeça, de lado, e os olhos lentos e confusos parecem indagar desamparadamente. Estas pequenas prostitutas ficam diante de mim desprovidas quase de qualidades humanas. Possuem o corpo, máquina de algum talento, enquanto a minha solidão continuamente se exerce e cria uma zona intensa, extrema, atravessada por outras presenças, estranhas criaturas calorosas que aparecem e desaparecem, que se substituem, sem atingirem nunca uma forma definitiva. Criaturas incertas, mas verdadeiras. Expressões de uma nebulosa aspiração. Que alcançariam as palavras num dia suposto. Ou me tocariam à noite, ao pé de uma lâmpada íntima, e deste modo provocariam em mim, pela memória, densas associações, frémitos, o sentimento da alegria ou da proximidade da morte. O meu cabelo? — pergunta ela. Está ainda nua. Os joelhos, os seios, os ombros, os sombrios olhos atónitos — são realmente belos. E eu sorrio como se me desculpasse. Devo dizer: não sou puro. Talvez deva dizer: quando murmurei essa frase que se poderia confundir com um apelo ou um repentino e insustentável movimento da emoção ("o teu cabelo"), não pensava, não sentia nada. Eis a verdade: sou uma criatura devastada pelo egoísmo. É melhor parar com tais explicações. Aluguei esta casa quando vim do estrangeiro. Sentia-me transbordar de experiências desordenadas e irrevogáveis. Um pouco enjoado de pequenas cidades descobertas à noite, quando se sai numa estação de caminho de ferro. Farto de gentes, costumes, acontecimentos. Viajar é idiota. Bom para a crassa primeira juventude. Também para os homens de negócios

e os intelectuais que vão escrever livros de viagens ou fazer conferências ou estabelecer, no equívoco plano das literaturas, as fraternidades inter-nacionais. Regressei farto, farto, um milhão de vezes farto. Aluguei a casa, comprei livros e discos, uma cama, pouco mais. Gosto dos lugares ascéticos. Sou uma pessoa esquisita. Deito-me e ponho-me a fumar e a ouvir discos. Ouço Bach. Gostaria de ter um cravo e tocar. Fumo muito. Faz-me mal. Abro um livro e leio duas ou três páginas. Às vezes trago uma prostituta para casa e tento que ela beba comigo meia garrafa de brandy. Mas não sei conversar, e ela sente-se constrangida, lesada. Então digo qualquer coisa: o teu cabelo, por exemplo. E a rapariga não compreende. Há ocasiões em que as prostitutas imaginam tratar-se de um cumprimento, e sorriem. Sorriso vacilante, que se não sabe se crescerá, apossando-se do rosto todo, da pessoa toda, ou se então será reabsorvido em si mesmo. Estaria porventura no meu poder fazê-lo aumentar até à emoção, à gratidão. Mas fico-me por aí. Acendo mais um cigarro. Ela tenta: o meu cabelo? Não percebe, ou espera que eu faça surgir, dentre a massa de humilhação e marginalidade da sua vida, essa trémula, veloz alegria. Eu que sou um homem, que possuo a ambígua faculdade da doçura viril, e posso exibir a comoção perante a beleza, mesmo a fortuita e frágil beleza humana. Mas estaco. Sou cruel? Ou frio. Para o caso tanto faz. Digo: queres um cigarro? Ela abana negativamente a cabeça. E o tal cabelo mexe-se de cá para lá sob a luz, escorrega por cima dos ombros. Ela passa as mãos devagar, as mãos espalmadas, sobre o tal cabelo que brilha sombriamente na luz. Levanta-se,

nua, com o tal cabelo muito caído pelas costas, pelos ombros, e o sapato — enfim encontrado — na ponta dos dedos. O sapato destrói a mão direita, ah! destrói-a irrecuperavelmente, e só a mão esquerda permanece com alguma dignidade, tombada junto à perna, inútil, despertando-me uma qualquer idéia, excessivamente brumosa, que eu agora procuro tornar mais real, dizendo: a tua mão. Mas ela confunde e ergue a mão direita com o sapato um pouco sujo, a verem-se-lhe as palmilhas escurecidas. Poderia eu amar esse sapato, quero dizer: essa mão caminhando ao encontro de uma possível emoção, de um estremecimento subtil que abrisse por fim a veemente máquina interior e nos fizesse a nós dois, a jovem prostituta humilhada e o homem gasto, a benignidade de breve mas verdadeiramente humana conciliação? Fico deitado tardes inteiras, fumando interminavelmente. Bach. Cinco páginas do Hamlet, 2º acto, 2ª cena. A ficção da loucura por parte de Hamlet é dúbia. Polónio por seu lado submete-se às regras do perigosíssimo jogo. Nesta atmosfera nem a ficção da loucura é gratuita, nem a lucidez casual. Mas eis toda a verdade no espaço rápido e fechado. As leis do fingimento são secretas, intradu-

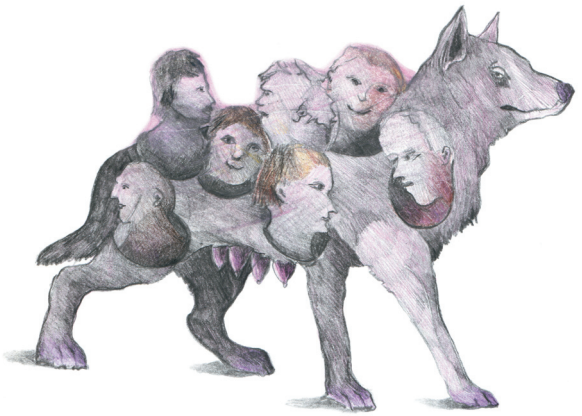
zíveis. Perfeito. Nelas reside o segredo total. Quarto do castelo em Elsenor. A ficção (ou fingimento) é o único caminho para a verdade? — *Que ledes, meu senhor? — Palavras! Palavras! Palavras! — Mas de que se trata, meu senhor? — Entre quem?* E Bach ao fundo. Concerto Brandeburguês nº5 pela Orquestra de Estugarda. Transferi tudo. Eis como funcionam estas minhas admiráveis virtudes humanas. E a pobre rapariga levanta-se, depois de recusar o cigarro, e aproxima-se com o seu desgraçado sorriso, vulnerável assim entre a última humilhação e uma espécie de momentânea ressurreição do valor da vida e da pessoa. Tudo isso à minha frente, entre os belos sons de cravo de Bach e as palavras de uma trágica e tão significativa comicidade de Shakespeare. *Entre quem?* Ora aí está: deveria ser entre mim e ela, e não *palavras, palavras, palavras* — mas um grande assunto. O assunto de um empenhamento, uma devoção humana. Não gosto de ninguém, mas pergunto: não tenho eu obscuras, calorosas e ricas faculdades? Ela avança para dar-me um beijo. Recebo-o na boca e — fácil! — retribuo. Enoja-me a saliva que me fica nos lábios, e confundo-a depressa com a minha, passando a língua por cima. Pois eu tenho muita saliva, muita abjecção onde afundar a abjecção dos outros. Estou deitado e, pela cidade adiante, caminha a prostitutazinha. Embrulhada no seu casaco, atravessa as ruas, pelas sombras, pelas luzes, debaixo de árvores e prédios enormes. Vem, vem. Bate-me à porta. Eu poderia gritar, fazendo calar o disco

e atirando para o lado o meu livro: chega alguém! Ela entra, etc., etc. Quero poupar-me à ignara massa de palavras que descreveriam a subtileza de quantos movimentos, o fulgor de quantas revelações, o ondulante espectáculo do nascimento e acção de um corpo. Passo-lhe a ponta dos dedos pelo rosto. Não são as rugas ou a gordura de um rosto, qualquer falha, o que me repugna. Detesto em bloco a incapacidade humana em atingir a pureza ou a intensidade criada pela solidão. Será isso? Ou serei eu uma criatura estéril, sem dons, sem expansão? Que oportunidades! Ela está agachada, procurando esse perdido sapato providencial; curvada, curvada como um ser indefeso, oferecido a maravilhosas capacidades minhas. Eu aproximar-me-ia e a minha mão correria ao longo do seu cabelo, tocaria no ombro, tomaria a sua mão. E ela elevava então para mim os grandes olhos onde o terror se diluía, os olhos que recebiam e devolviam uma luz maior. Eu poderia dizer: o teu cabelo. Ou: a tua mão. Ou ainda: tu. Antes disso, que posso saber, embora aconteça aquilo a que tão imprópria e ingloriamente se chama intimidade? Uma casa ascética depois de um fácil tumulto móvel, Shakespeare e Bach após lugares e tempos improfícuos. Tudo uma visão desbaratada pelo carácter básico da renúncia ao ardor, à esperança, à alegria. A mulher diz: o meu cabelo? Eu acendo um cigarro e pergunto: queres um cigarro? E enquanto ela se levanta para alguma coisa porventura definitiva, guardada no tesouro dos séculos, eu afasto-me e,

acercando-me da janela, passo a mão pelos vidros embaciados, olho a rua e murmuro: deixou de chover.

Este senhor taciturno que me recebe com uma fria gentileza parece ter viajado muito. Agora vive na nossa cidade — que não sei se é também a dele — numa casa quase sem móveis que me faz sentir gelada, mais gelada ainda depois de atravessar as ruas escuras e nevoentas. Ele paga-me bem, este senhor, e por isso venho muitas vezes. Está sempre só, bebendo e ouvindo discos intermináveis. A casa está cheia de fumo. É horrível. Mas pergunto: será apenas por me pagar bem que volto sempre? Bato de leve à porta, e ouço o disco parar bruscamente ou descer para um sussurro. Os passos deslocam-se pelo corredor, a porta abre-se muito devagar. E cá está a cara dele — feia, triste — e os olhos fixos. Sorri incrivelmente -assim como quem vai pedir desculpa, e depois fica de súbito muito sério. Estou farta dos homens, quase nunca tenho prazer em ir para a cama com eles. Porque é tão degradante a insolência dos jovens como a devassidão dos velhos. Sinto-me muito só junto deles, acho-os absurdos com o seu sofrimento mal oculto atrás de

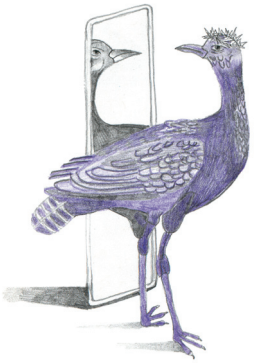
uma simulada virilidade. Há neles uma solidão igual à minha, tão premente como ela, mas a que a fatuidade tira qualquer nobreza. Os homens imaginam, suponho, que me sinto humilhada na minha profissão e que existem em mim, sempre prontos, um apelo, uma súplica. Mas não. Estou só, apenas isso, e a muita gente já tenho eu ouvido dizer o mesmo. Às vezes ele toca-me no rosto com muita atenção e vejo que há por detrás dos seus gestos, do silêncio, um ardor exasperado mas impaciente ou envergonhado de si. É um homem que eu deveria socorrer. Tento mostrar-lhe que há algures, nas nossas possibilidades humanas, uma zona onde a vida se regenera. Eu própria gostaria de ser mais alegre e generosa, mas hesito nos meus impulsos. Existe nos homens essa insuportável fatuidade, um orgulho estúpido e, lá no fundo, uma espécie de condição própria: inalcançável, repugnante. Decerto: é misericórdia o que desperta em mim, ou o desejo talvez de abrir nele um caminho tenazmente vedado. Digo-lhe: os seus olhos. Mas arrependo-me. E ele olha para mim aterrorizado. Depois fecha-se. Oferece-me de beber e recuso quase sempre. E então murmura palavras indefinidas, embaraçadas: a tua mão, a outra, a mão livre. Sim, vai pedir-me que fique, e o afague, sei lá, talvez que morra com ele, tomando os dois um tubo de comprimidos. É homem para isso. Cheira a desespero a quilómetros de distância. Mas volta-se para a janela enquanto me visto, e então só penso em desaparecer, abandonar esta criatura atacada pela lepra, este homem que porventura eu



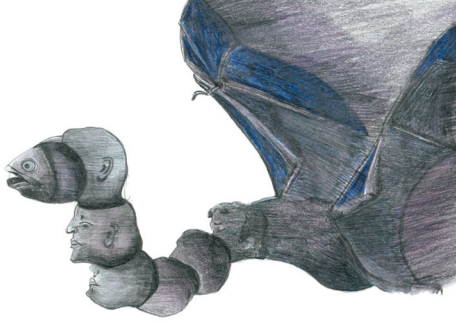
salvaria, se houvesse em mim mais força e determinação ou mais doçura ou uma piedade maior. Porque é um ser minado, destruído. Ainda vivo apenas para pedir socorro. Vou junto dele, toco-lhe no braço, beijo-o na boca. Um momento apodera-se de mim a vertigem da misericórdia: salvá-lo, salvá-lo! Mas eu própria estou cansada, farta das pessoas, os falsos enigmas, as noites em que entro e saio da cama de homens desesperados. Mas este homem perturba-me. Poderia amá-lo, erguê-lo da sua dolorosa confusão, colocá-lo numa dignidade de que, é evidente, perdeu o sentido. Agita-se de um lado para outro com as grandes mãos batendo contra as pernas, magro e cheio de uma fome terrível. Fome desta mulher que chega cheirando à cidade nocturna. Eu poderia entrar, agarrar-me a ele, dizer-lhe assim: aqui estou. Ele é ridículo, ridículo. Com a sua música, os olhos falsamente frios, o seu resguardo mudo. Uma parte de mim mesma resiste, aparte mais clara e isenta, a mais implacável, mas também porventura a mais justa. É um inimigo. Estes homens esbulham-nos. Exploram a fonte maternal de que somos dotadas, ficam ali sugando o nosso leite, e deixam-nos completamente vazias. Raça de exploradores. Mergulham a cabeça entre os nossos seios brancos e somos obrigadas a acariciá-los em silêncio, enquanto de olhos cerrados, através de uma sumptuosa orgia de recordações e contradições, compõem a sua paz interior, enquanto se recuperam, eles, deixando-nos exaustas. Então dizem: os teus seios. Ou: o teu cabelo. Miserável. Mas estremeço. Cegueira maternal, furiosa força de doçura que me empurra para o homem, para a sua

perpétua e louca orfandade. Eu poderia fechar os olhos, avançar por esses equívocos terrenos, chegar lá, chegar lá. E esse espírito abria-se, reorganizava-se — o espírito do último homem. Queres um cigarro? — pergunta ele. Aceito. Acende-mo com gentileza, embora se pudesse esperar, devido a toda esta tensão, que simplesmente me atirasse o maço de cigarros e a caixa de fósforos. Pretende ser distantemente gentil, mas a mão treme-lhe quando me estende os cigarros. Quer dar-se, dar-se para lá de qualquer expressão inóspita, da teoria masculina da força e do poder. E então ocupo-me do meu corpo. Penteio-me, calço as meias, ponho bâton. O homem folheia um livro. Coloca um disco no pick-up. E quando se vira, talvez para dizer: por favor, fica — eu levanto a cabeça e pergunto: já deixou de chover?

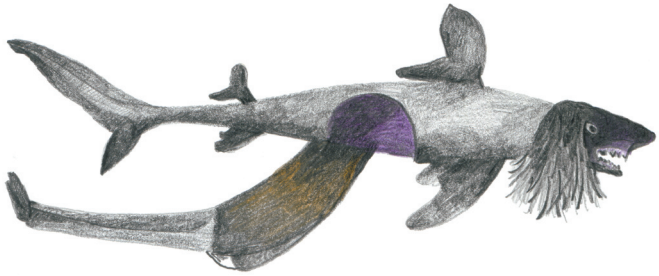
POETA OBSCURO



Acerca da frase — "Meu Deus, faz com que eu seja sempre um poeta obscuro." — julgo haver alguma coisa a explicar. Para já não sei onde a li, se a li, pois bem pode ser que ma tenham referido e uma frase referida, não lida, torna-se menos do seu autor. Tracei-a a lápis na parede em frente da cama. Estava sempre a vê-la. Isto à noite, no meio da noite, quando de súbito abria a luz e dizia para mim mesmo: — Não estou cego. — Ou quando, acordando bastante tarde, verificava com surpresa que não tinha morrido durante o sono. Sofro destes tormentos da imaginação ou da sensibilidade desordenada. Neurose. "Faz com que eu seja sempre um poeta obscuro." Mas na adolescência uma vontade crescia em mim: ser alguém com uma arma na mão, ter o amor dos outros. Inocência, pois as armas são perigosas, e o amor vira-se contra nós. Anos depois contemplava a bela frase, a humildade ardente dessa frase, e concluía que os caminhos do orgulho, que me haviam conduzido até ela, eram a minha solitária arma e a maneira de antecipar com vitoriosa alegria as várias mortes dos meus vários anos. Bem. Tenho algumas prateleiras com livros, meia dúzia de quadros e desenhos, uma dezena de discos. O quarto pode ficar subitamente cheio. "Ó bebedor nocturno, porque não envergas as vestes cerimoniais?" etc. — começo de um poema asteca dito em voz alta dentro do quarto, com fundo musical. Escolho: Um trecho solene e ambíguo, de um ardor grave, irónico. Olho ao mesmo tempo para a reprodução de um desenho japonês: um delicado peixe fugitivo, uma onda enrolada. E a frase irredutível e orgulhosa: "Meu Deus, faz com que eu seja sempre um

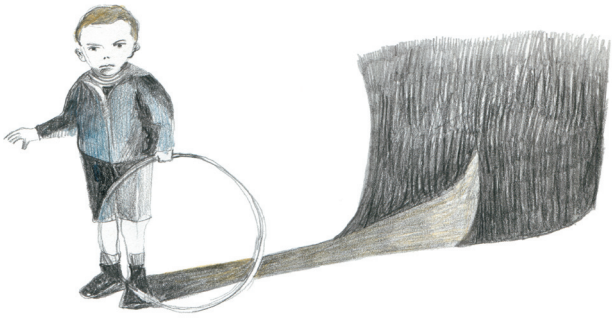


poeta obscuro.'' As calças estão dobradas na costa da cadeira, a camisa tomba a um canto, e eu estou nu em cima da cama. Faz muito calor. ''Ó bebedor nocturno...'', etc. Sei rodear-me de coisas poderosas pelo valor de emoção, de referência a qualidades íntimas e decisivas, e pelo seu desafio ao próprio sentimento da arrebatada fragilidade humana. Olho então o corpo e vejo as veias aflorarem a pele nalguns sítios, e os tendões exprimindo solidez e força, uma ideia apaixonada, vital, da matéria. E contemplo as formidáveis partes do corpo a trabalharem com uma espécie de avara riqueza, uma plenitude soturna que me intriga e encanta. Os pêlos fascinam-me. Crescem por todo o corpo, irrompem da carne com selvagem impulso, com raiva quase, vindos do mecanismo abstruso do corpo, para lá da frase onde se pede a Deus a maior, a irrevogável e contínua obscuridade. Ora eu estou nu, e ainda penso vagamente na divindade asteca, e a delicadeza dramática do peixe esgueira-se na música. Não é de modo algum a unidade, a inteireza mas quando considero esta luta pela constância, a fidelidade, a permanência de certas inspirações e regras — vejo que se procura atravessar todos os fogos, mantendo intactas algumas virtudes: porventura um silêncio capaz de dar poder e dignidade à nossa morte. É pouco, bem sei, e talvez devêssemos fazer grandes coisas, duas ou três coisas verdadeiramente grandes, com que recomeçar o mundo. Mas quando Deus está defronte, na parede, e nos concede a obscuridade para a utilizarmos contra a sua magnificência, como uma arma insólita e enigmática, clandestina — quem pode ainda recomeçar seja o que for? O poema que se escreve — longo texto fluindo, denso e venenoso, a imitar a substância ao mesmo tempo vivificante e corrupta do sangue — não é sequer uma oferta dirigida a Deus. É a ironia, onde desliza a arma da nossa obscuridade. Tremenda força, essa. Escrevo o poema — linha



após linha, em redor de um pesadelo do desejo, um movimento da treva, e o brilho sombrio da minha vida parece ganhar uma unidade onde tudo se confirma: o tempo e as coisas. De modo que é um extraordinário triunfo tomar o papel entre duas mãos sábias e rasgá-lo aos bocadinhos, sorrindo. Nem precisa haver Deus como interlocutor de intenções e gestos. Nem logramos nunca os outros, os semelhantes, os próximos e afastados, os homens todos. Trata-se de orgulho, de inocência. Obscuros somos sempre, mesmo sem pedi-lo. Grande vitória que ninguém nos poderá arrebatar. Que nem mesmo Deus, se existisse... Etc.

COISAS ELÉCTRICAS DA ESCÓCIA



Vieram os jornais para dizer que na Escócia (Aberdeen) estavam a acontecer umas coisas eléctricas que promoviam alguma inquietação local (escocesa). Era o caso de uma criança (masculino, o sexo) que se não contentava em absorver uma quantidade normal escocesa de electricidade estática. De tal modo se enchia ela de electricidade estática que ninguém lhe podia tocar.

A criança aberdeenense dava choques. A mãe, o pai, os avós, os irmãos, os parentes, os vizinhos e os forasteiros lá preparavam as mãos para ver como era. Viam. Eram uns bons choques. Desejo supor que os dedos estendidos para tão emocionante experiência ficavam queimados. Pois é conveniente imaginar coisas assim deixando as suas marcas, irrefutáveis sinais visíveis a ajudar as memórias, sinais da tremenda passagem do prodígio pelo mundo das regras.

A Escócia é uma região normal, quero crê-lo, onde há ruas com casas, árvores, autocarros, pessoas, animais, sol, chuva e neve. Há moral. Enfim, é como na Baviera. Também, imagino, como na Pensilvânia. Um elefante branco atravessou quase toda a África em linha recta, em direcção ao mar. Na Alemanha um polvo macho decidiu devorar-se a si mesmo e, descontente com isso, desdevorou-se em seguida e começou a pôr ovos, numa louca vertigem materna. Mas na Alemanha as regras são as regras, e esperamos que se cumpram. Casas são casas, pessoas são pessoas e, quanto a ovos, são para as fêmeas (ovíparas). Elefantes também não devem abusar da linha recta, sobretudo num continente tão vasto como a Africa. Resumindo: uma criança escocesa de Aberdeen não dá choques.

Ora esta dava, e as pessoas estavam bastante interessadas, ao ponto de descuidar as tarefas do uso. O prodígio avança sobre as grandes rodas silenciosas e pesadas como uma máquina de guerra. Assim a excepção devasta o mundo, até o hábito se recompor na íntima qualidade de segurança e placidez. Entretanto o prodígio ferve, renova pela surpresa a maravilha da vida, acorda as humanas virtudes da curiosidade e do espanto. Vão aparecendo as mãos para tocar. De pé e séria (o sorriso de triunfo e ironia é inferior, ninguém nota), sobrecarregada por uma sacralidade tenebrosa, eis a criança no centro de Aberdeen (Escócia), atraindo os adormecidos talentos dos homens. Com as mãos ávidas e tementes, as pessoas acercam-se do pequeno deus do mal e da solidão, esse motor do enigma, o truculento engendrador da fábula.

Mas as crianças perigosas são tristes, como os deuses perigosos. Cria-se à sua volta um campo de interdição: a glória faz-se de distância e nela, na distância miraculosa, nasce a tristeza, preço interior desse génio eléctrico de marcar os outros, quando chegam para saber como é.

Há aspectos cómicos no terror de Aberdeen e da sua criança irregular. O cabelo do monstro dá estalidos quando o penteiam. Deste modo as potências concedem às pessoas breves zonas benévolas de distensão, para o prodígio se não desfazer pela sua mesma força indecifrável, e ser apreendido por um talento menor do espírito. E então há sorrisos em Aberdeen. Uma cabeleira a dar estalidos é acessível, mostra uma dimensão conforme, é ridícula num deus que deixa as mãos queimadas. E fornecendo lateralidades assim apaziguantes,

a máquina caminha pela sintaxe escocesa, com a sua violência arrazadora, o fogo sagrado e, por detrás, a irónica melancolia do ludíbrio.

Porque ser perigoso e solitário é uma equivoca maneira do poder. Que significa tão espectacular absorção de energia? Essa volúpia de enriquecer a tamanha velocidade, a fortuna de manter-se intacto, intocável, pela quantidade de energia recebida — exprimem-se afinal na externa atmosfera de interdição, campo eléctrico de tal intensidade que o medo avassala os corações da Escócia.

Mas o alto dom de queimar as mãos abandona um dia a pequena divindade, e aparece então uma criança desejosa de brincar, correr por entre as simples árvores escocesas e tocar e ser tocada em redor, tal como é costume em Aberdeen. Ninguém suporta muito tempo o seu próprio prodígio, nem muito tempo suportamos nós o prodígio alheio.

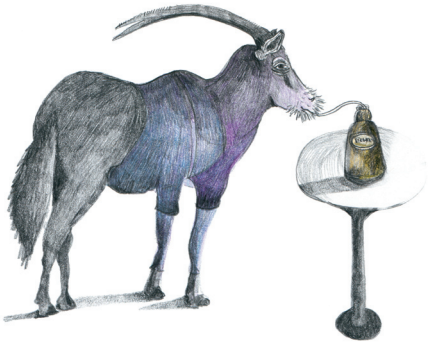
As pessoas já riem e cantam, e há de novo casas, autocarros, nuvens, animais, e plantas. Fica apenas da antiga excepção a memória maravilhada e inquieta que a narrativa traduz para beleza, utilizando a gramática dos esplendores e ritmos pronunciáveis. Apenas um ou outro aventureiro tenta encontrar uma cifra menos formal e abrir o negro coração do mito. Geralmente morre disso, como certos egiptólogos ao penetrarem nos túmulos.

E a criança, a criança sobrevivente? Não ficarão nas suas brincadeiras, nos gestos e silêncio de criança, na sua biografia de criança continuada, as incompatíveis ambiguidades de Lázaro, o que esteve noutros espaços e foi espaço de outro conhecimento?

Aquele desvio de biografia aberdeenense não terá criado uma espécie de incessante criminalidade, mesmo após a recuperação da regra e póstuma instauração do mito e da beleza? Talvez um dia os jornais venham dizer que a criança morreu, pois só a morte acolhe convenientemente quantos, por um momento, encarnaram as forças do assombro. A Escócia não saberia ser feliz com os restos humanos do milagre, nem o ente miraculoso poderia reconhecer a Escócia depois da sua fábula episódica.

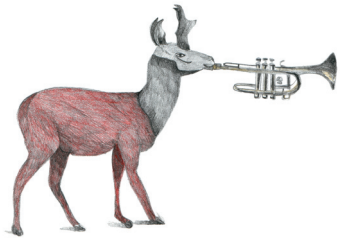
Espantem e morram depressa — diz-se de deuses e crianças malditas. E não se acrescenta: descansem em paz — mas apenas: descansemos em paz.

BRANDY



— Um pouco mais de brandy, se faz favor. Ou mesmo cerveja, embora eu preferisse brandy. Vinho, não. Bem vê: a tradição mítica — paganismo, catolicismo. Foi tantas vezes celebrado pelo culto e a cultura que me dá volta ao estômago. E a missa. Bebida de padres e panteístas. Bebida irremediavelmente sacral, sagrada. Respeite os meus escrúpulos: significam um princípio, uma ética. Repare bem: sou uma criatura corrupta. O vinho nada tem a ver comigo. Não desejo celebrar coisa alguma — nem Deus, nem... (como é?) nem a Natureza. Pois. Brandy. Encha o copo. Assim, até cima. Obrigado. Sabe que tive infância? Claro, não sou um sentimental. Pensa que disponho assim de desafogos morais, luxos de espírito, remansos culturais burgueses, para entregar-me a libertinagems da emoção? Tive infância, só isso. Ou seja: falta de jeito, indecisão, uma grande ignorância. Olhava para as coisas: eram fundas, enigmáticas, desorientadoras. Tudo estava cheio, porque o meu coração ávido tudo recebia: era um espaço palpitantemente vazio. Agora não, agora estou cheio de pessoas, lugares acontecimentos, ideias, decisões. E tudo me parece deserto. Não, voltar à infância, isso nunca. Sofre-se. O mundo é grande. E há tanta curiosidade e paixão, tanta ignorância. Doloroso. Espera-se, está-se nas coisas, cegamente imiscuído nelas. Que angustiosa, esta voracidade, esta fusão analfabeta com a instável matéria do mundo! Agora sou inteligente. Existo, existe o universo. Duas realidades distintas, inimigas, inúteis. Sim, deite mais brandy. Sou um bêbado, claro. Que esperava? Que fosse um apóstolo?, um assassino, um político, um anjo? Não sou apenas um bêbado. Mais dois ou três dedos da bebida impura, como você diz nessa tão pitoresca linguagem

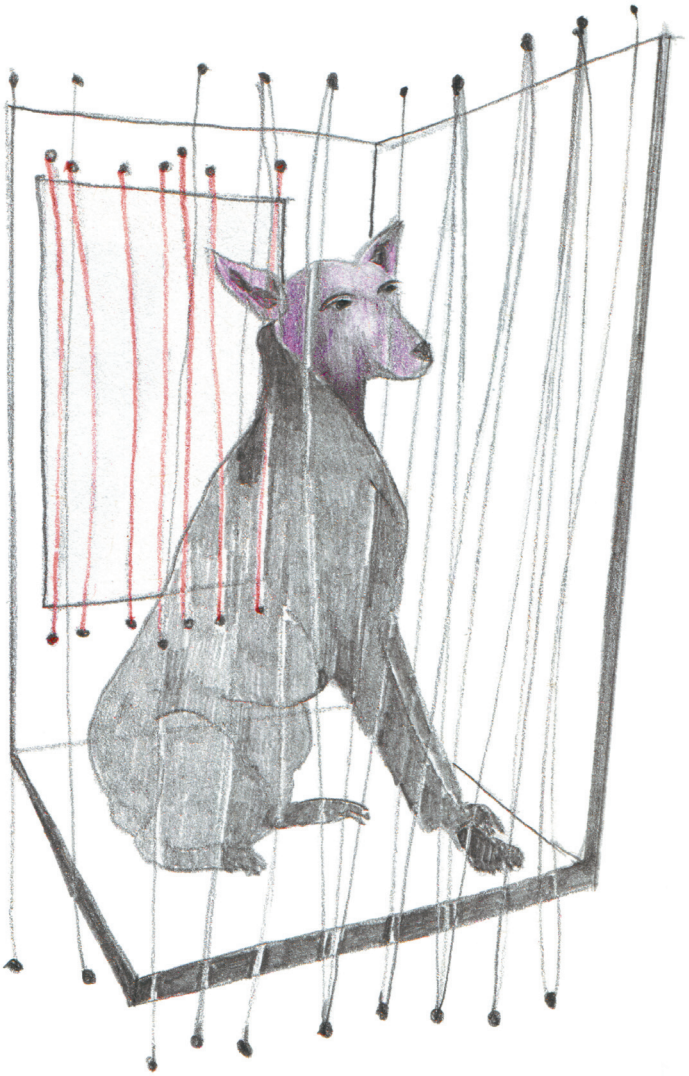
moral. Não estou a pedir-lhe o amor ou a glória. É brandy e, repare, brandy de terceira categoria. Não é amor, mesmo de terceira categoria. Nem a glória de terceira categoria, coisa suficiente para nos sentirmos muito perto de Deus. Também já tive o amor. O que não teve a gente neste universo tão pródigo? Era arrebatador. Eu via as casas, as ruas, os rostos, os animais que os homens acariciam, esse maravilhoso vagar da terra, e ficava estupefacto, fulminado. Gritava para mim próprio: é um milagre, o milagre! Tão estúpido, tão forte e cheio de poderes! Criava a linguagem; estava continuamente acordado; descobria, diante da matéria interrogada, figurações, modelos, réplicas. Enfim, uma pessoa insuportável. Inquietava o mundo inteiro com a minha deslumbrada inépcia. Todas as noites inventava as mulheres, uma grande mulher perfeita, a mesma da loucura. Alimentava-me disso apenas, de loucura. Nada mais. Depois propus-me achar, para louvor dos mistérios, formas concretas e duráveis de beleza. Formas no espaço, arrancadas às substâncias dos dias, sólidas, presentes, com que esbarrássemos nas ruas. Arte. Condensação. Irrefutável secularização das visões secretas e fugitivas. Escrevi poemas sobre as vozes, as luzes, as metamorfoses, as imagens e equivalências do mundo. E fui por aí fora: filosofia, ciência, estética. Desejava conhecer tudo, abrir os enigmas. Às vezes deixava-me estar sob a chuva a senti-la correr pela cabeça e as mãos, encharcar-me o fato, entrar na carne. Murmurava: é a chuva. Fica-



va extasiado, louco de dedicação por esta terra feroz e sumptuosa que eu nunca entenderia bem. Depois tudo foi desaparecendo. Uma noite, só, sentado num quarto vazio, subitamente compreendi. Nunca mais deixei de ser inteligente. Você com certeza supõe que sou uma pessoa ferida, extorquida, amarga. Perdi as belas — isso — as belas e afortunadas oportunidades. Oportunidades? Tudo são oportunidades em tamanha ignorância. Ninguém as perde, impossível. Não perdi nada. Sou apenas lúcido. Digo: só, desprovido, crítico, bastante. O mal é bastar-se. Não preciso de ninguém. Nem sequer dos pequenos mitos de mim próprio. Diz que afinal perdi? Bem. A sua linguagem, meu amigo, é esquisita: é uma linguagem religiosa. Perdi o amor, diz você. A fé. A confiança. Que mais? Perdi as fontes do meu espírito. Diabo de linguagem! Isso de essência do real, centros da vida, etc., são expressões metafísicas, as minhas expressões do período louco. Evidentemente, o senhor é ainda hoje um homem louco e experimenta a meu respeito uma espécie de piedosa repulsa ou até, quem sabe?, nenhuma repulsa mas, assim inteiro, um fervoroso, fervilhante sentimento de piedade. Hein? Ou um pouco de horror ao mesmo tempo? Mais brandy! Recusa? Não decerto por gastar mais alguns escudos. Deseja porventura poupar-me à embriaguez? Porquê? Sou um bêbado. Não se compadeça do meu fígado, nem da minha alma. Alma imortal? O fígado, esse, é bem mortal, estamos de acordo. Quanto à alma, considere, é uma alma — e o álcool, naturalmente, não possui efeitos sobre as qualidades intrínsecas (cá está uma expressão sua) de uma alma. Isto nos meus olhos, não se surpreenda, são lágrimas. O meu modo de reconhecer a bebedeira. Comoção? O chão a aluir dentro de mim? O súbito terror na carne? Fala-me agora da morte como se fosse uma coisa concreta. É uma simples ideia, a morte. Não iluda os factos com a linguagem. Nunca morri. Hei-de viver até certa altura. É a vida. Quando chega essa altura, deixa de ser a vida. Passe-me o brandy. Você pelo menos não pratica o moralismo. Faz discursos. Vê claramente que é estúpido recusar brandy a um fígado podre e

a uma alma aquém e além — são concepções -do fígado. Vê como sou intelectualmente magnânimo? Fale você agora. Fale das pessoas. Dos seus rostos, dos pés cobrindo a terra de uma ponta à outra, de um calor mutuamente transmitido, um calor áspero, vagaroso, embriagador. Fale mais, sempre, sempre. Como fazem elas? Movem-se, não é? Sorriem. Dizem palavras antigas, acendem luzes, beijam-se no interior das noites enormes. E deitam-se com os corpos uns contra os outros. Talvez por medo? Bem. Que ganham com tudo isso? Não, não ligue importância. Não era isso que eu queria dizer. Quem fala em perder ou ganhar? Tire a mão de cima da minha. Desejo estar completamente bêbado. Pare de falar nas pessoas. Que são as pessoas? São eu? Soa mal. A expressão está conforme à gramática? São eu. Curioso. Estilisticamente... Claro, já me encontro bêbado bastante para poder dormir. Exactamente: dormir.

TREZENTOS E SESSENTA GRAUS



Era uma velha mãe em fundo de jarrão verde com aplicações de latão, flores fabulosas devidamente domesticadas. Também havia uma pêndula ressoante por onde o tempo se introduzia nas pessoas. Este quarto dura desde as origens da vida — penso. Foram entrando nele, como pequenas correntes tranquilas, os minutos dos séculos. Minha Mãe é tão velha diante da mesa oval de pau-santo. Todas as mães são velhas. Vejo isso de repente, quando ainda imagino a tenacíssima doçura que se desenvolve do núcleo central da sua beleza. Felizmente não se pode assistir ao vagaroso envelhecimento de uma pessoa. Vê-se tudo de uma só vez. É quando já somos cépticos. Vê-se que todas as Mães caem de podres. A velhice começou pelo meio, algures, num sítio obscuro. No seu amor. Ou no pânico que acompanha esse amor. Quando as mães estão velhas, encontramo-nos absolutamente sós. Vou-me embora — declarei eu. Podemos então correr mundo. É-nos dado sofrer à vontade; ser alegres, violentos e loucos; fugir; amar todas as coisas como se estivéssemos perdidos para sempre.

Num canto o pai sorria, meio demente e paralítico. Eu fiz então um pequeno gesto, talvez de aquiescência. Porque somos como as árvores, presos a um lugar, respirando através de uma lei calma e perene. Toda a gente aqui está sentada — murmuro sem eles compreenderem, eles dois, já mortos. Ou quase, quase mortos no sangue alcançado pelas muitas corrupções do tempo, no rosto fixo, no olhar hesitando entre a idiotia e a tristeza. Sobretudo nisso que era como uma onda forte e fluida, e depois súbita: a beleza.

Tudo quanto poderiam ter inventado já o não será — penso agora, em pé defronte das cadeiras deles, procurando entender essa herança docemente mesquinha, as tramas familiares, um espirito difuso e inevitável. Poderoso. A casa. Mas a força sombria do envelhecimento já tudo atravessara. Estavam ali os pais: raízes exaustas. Presos a vácuos sinais exteriores de onde pareciam tirar a sua razão. Era o quarto com a sua razão. Era o quarto com a mesa oval, e o tempo oco em que tudo se encontrava colocado desde sempre, para sempre. Eu tentava meter-me dentro do labirinto, e declarei: — Estou de volta. E o pai sorria estupidamente e abanava a cabeça. A mãe parecia escutar o rumor de uma água irreal correndo ali mesmo.

Pois voltaste.

Também sorria, muito sentada, completamente velha.

Voltaste, Voltaste.

Não quer dizer nada. Nada de concreto nem significativo. Trata-se de um deserto, com alusões a não se sabe que riqueza ou plenitude suposta — ardor desiludido, vontade veemente mas céptica de alegria. O sentimento, de que esta imagem é a projecção fantástica e invertida, alimenta uma alma num ponto qualquer do mundo. A cabeça do homem parado frente à estação de caminho de ferro enche-se com as novas metáforas, e a geografia é uma compósita massa de coisas — coisas vivas por fora: uma língua estrangeira, ou género de arquitectura, ou modo de vestir, ou tipo de alimentação, ou a matéria descentrada das pequenas aventuras, muito rápidas para terem uma alma sua. A casa é como uma escrita onde as palavras se motivam e desenvolvem por si próprias e as metáforas se gerem como animadas extensões da carne, do sangue. O homem comprou o seu bilhete e ei-lo a percorrer países como se trouxesse dentro de si, acesa, uma lâmpada — e para ela todo se inclinasse enquanto as cidades, os povos, as

línguas, são atravessados, abandonados — eximidos às atenções e tentações da ternura. Assim se perde uma vida, ou serviu ela apenas para este ganho obscuro: a pureza adquirida na desordem, e depois a fusão dos dias múltiplos numa única noite originária. Redil. Volta ao redil, e diz: — tresmalhado — com tal sentimento de extravio redimido que o júbilo mortificado pulsa nele como pura vitalidade, celebração comovida — a grande salvação.

A mãe dobra-se para diante e tira do cesto da costura o pano e as linhas de um bordado. Começa a trabalhar com uma aplicação inconsciente, um jeito imemorial — e a cabeça vazia inclina-se também para a urdidura inútil de um emblema, um símbolo: a fácil garantia do mundo. E o coração inclina-se, o coração também horrivelmente vazio. O centro é essa tarefa absurda, a continuação do tempo. A imensa inutilidade de tudo apazigua-me. Sou vil. Paz e vileza: toda a minha vida. Eu também envelheço — penso abruptamente. É primeiro uma dor na raiz do sangue. Depois procuro, como se neles houvesse uma verdade oculta, a sabedoria dos pais: os dois monstros. Os olhos loucos e tristes do velho acalmam-se, enquanto a mãe continua a bordar os seus brancos cabelos repugnantes me enfraquecem até à ternura.

Mãe — suplico. E a cabeça dela movimenta-se entre os blocos de luz, para cima, compreendendo por puro tropismo, como um planta ao influxo do sol. Compreende mal. Não tenho salvação. Quero morrer depressa.

Que é, filho?

Hesito, mas percebo que sei falsificar tudo. Ela é apenas uma velha, a mãe já podre.

— Estou contente por ter voltado.

E a mãe recomeça a trabalhar mais depressa, porque o bordado inútil é cheio de utilidade, de sentido.

Mas nada é tão bom para esse equívoco sentimento de plenitude, essa paragem e retrocesso brusco do tempo, a estupenda pureza reconquistada, como encontrar-se no comboio de regresso. Ele pensa em como esses mesmos caminhos foram percorridos alguns anos antes, em sentido contrário, e agora parece-lhe reconhecer as árvores depois da estação, a casinhota coberta com chapas de zinco vermelho, a ponte rangente, a enorme lâmpada balançando ao vento. Assume as

forças e os desígnios que o movem para a cidade antiga, sente-se difusamente fraterno com essa gente que viaja para o mesmo destino. Como uma espécie de remorso, há a lembrança de um quarto nu, longe, num país estrangeiro. Lá onde esteve quase a morrer de fome. De solidão. Uma vez acordou de madrugada a gritar. Imaginou num lampejo terrível, que acabava de enlouquecer. Durante o sono, a solidão passada e presente acumulara-se nele e gerara a loucura. Ainda não enlouqueci. Ainda não — disse em voz alta. — Ainda não enlouqueci. E então começou a amar o pai e a mãe, no outro lado.

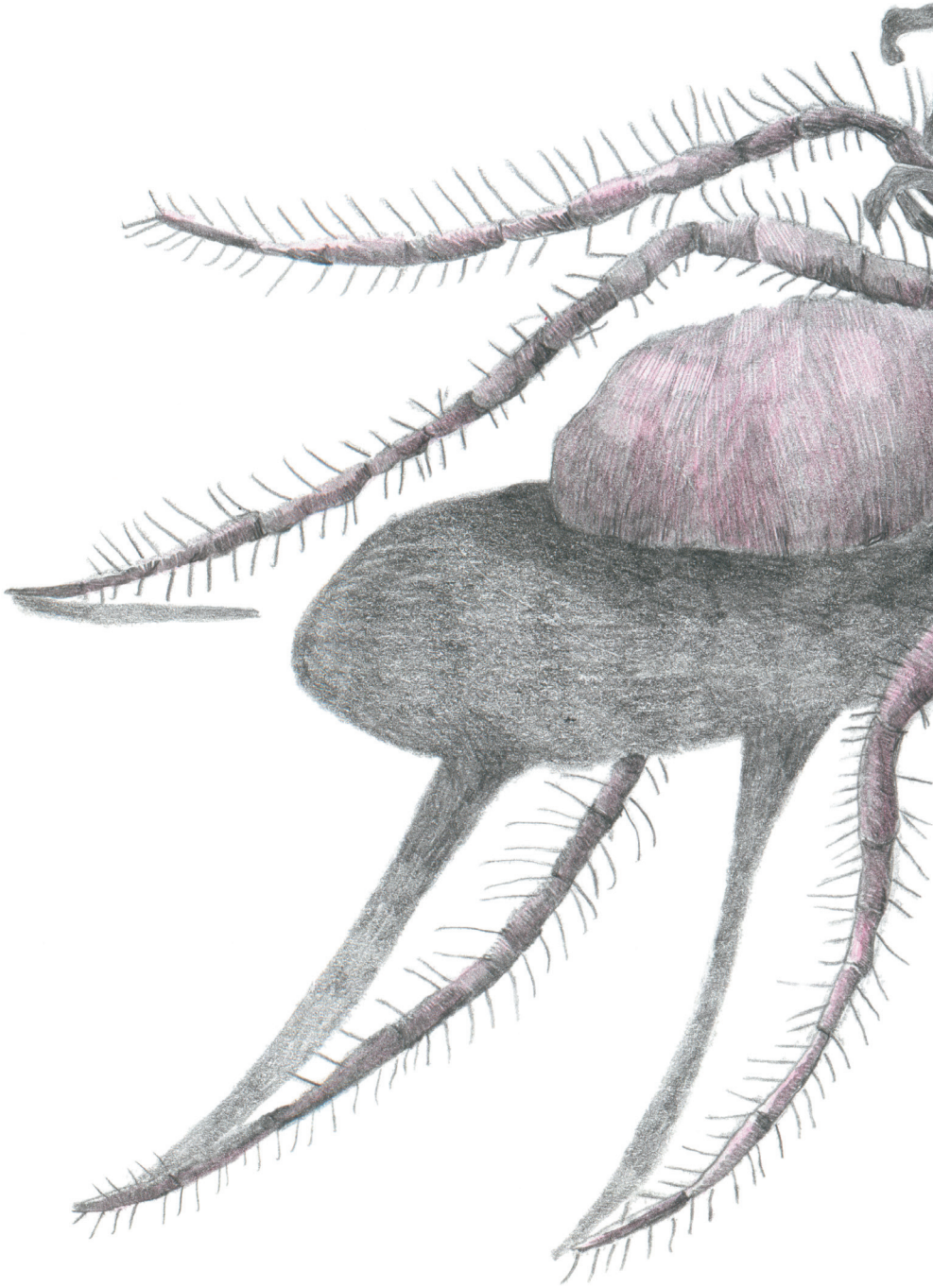
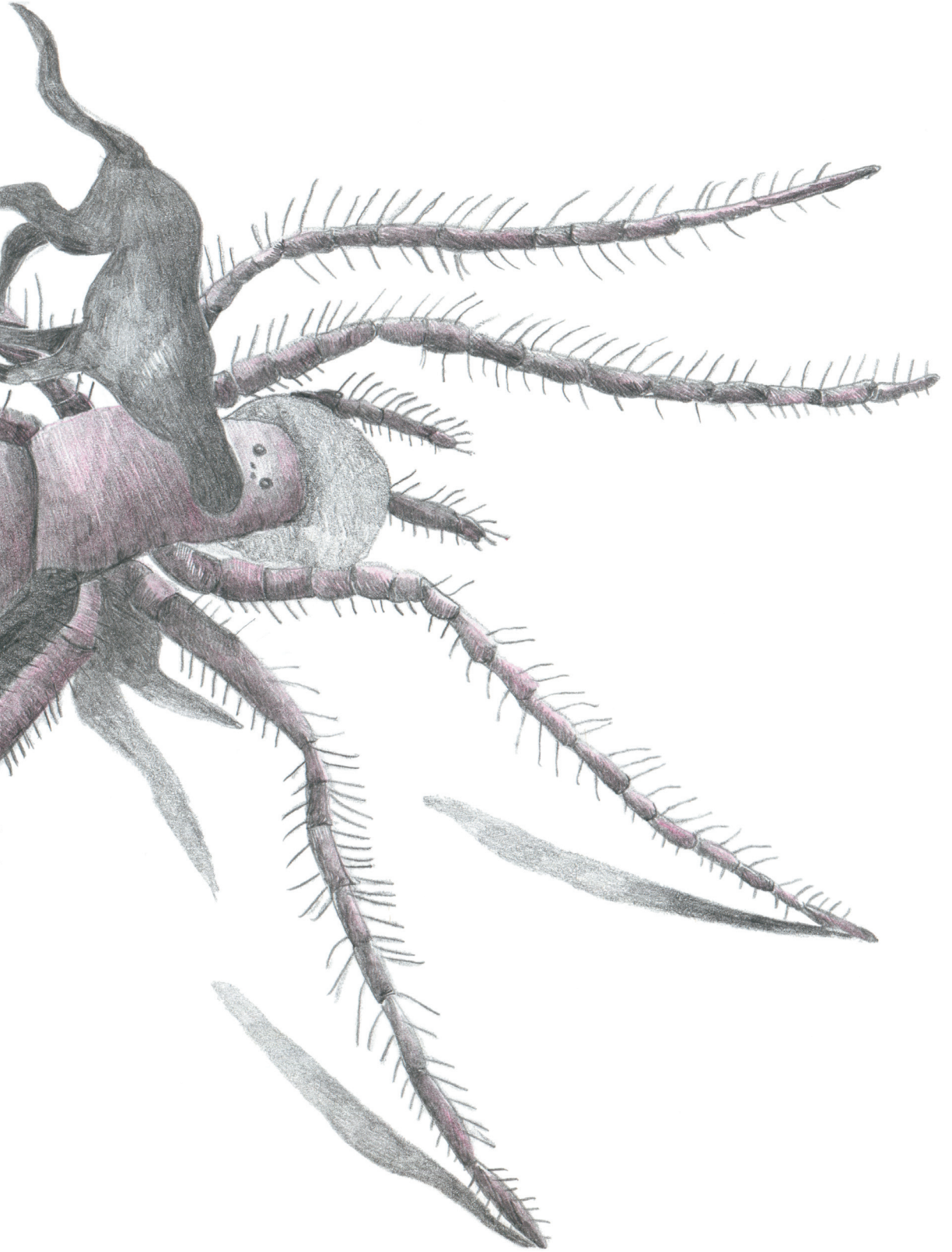
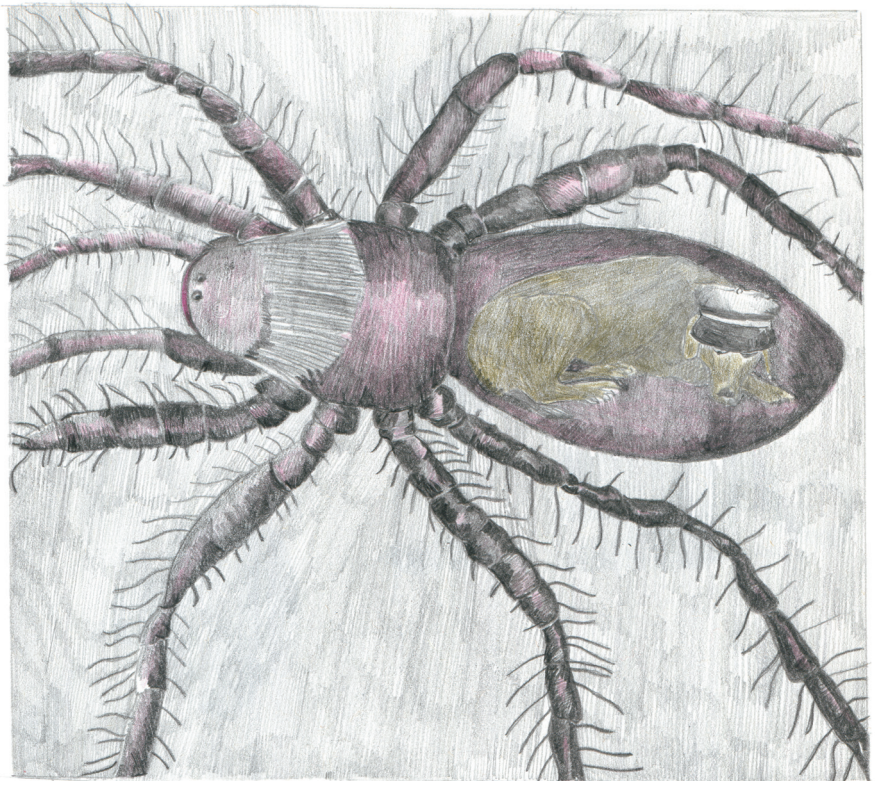
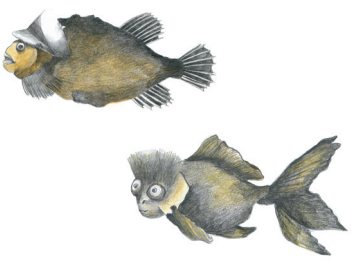
O pai encheu o cachimbo e eu cheguei-lhe lume.

Ainda existe o pessegueiro inglês no quintal?

Existe, sim. — As mulheres compreendem estas coisas. O velho abanava a cabeça como um bêbado. Fumava. Estava tudo muito certo.

Queres que ponha a toalha azul para o jantar?

Ou a toalha branca?

Afinal a mãe ainda conseguia ser feliz. Fiquei apavorado. Que ei-de fazer de toda a minha experiência? Alguém pôs-se a cantar na casa ao lado. As pessoas sabem cantar. É admirável. Debaixo da canção, minha Mãe recomeçou a bordar. Bordava uma flor imensa em pano cru. Por dentro, eu estava completamente frio. Ou aterrorizado. Sei apenas que sorri para a minha família — dois velhos estúpidos e inocentes — cheio de boa vontade. Minha mãe acreditava muito na sua força materna. Eu sorria, e estava frio, ou angustiado. Então a pêndula deu horas, muitas.

Voltaste. Voltaste. Que grande aranha, esta mãe velha. As suas patas finas corriam sobre o bordado. Bordaria pelos séculos adiante.